



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Uma vida de relações falhadas: continuidade ou mudança?

Estudo sobre a herança psíquica e os desamores narcísicos na vida adulta.

Carla Maria Cinza de Almeida

Orientação: Isabel Maria Marques Mesquita

Mestrado em PSICOLOGIA

Área de especialização: Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

Évora, 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Uma vida de relações falhadas: continuidade ou mudança?

Estudo sobre a herança psíquica e os desamores narcísicos na vida adulta.

Carla Maria Cinza de Almeida

Orientadora:

Isabel Maria Marques Mesquita

Évora, 2015

Dissertação de Mestrado em Psicologia realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Maria Marques Mesquita, apresentada na Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica e da Saúde.

Motivação

O afeto é dignificação, amor ao próximo, estima, respeito, ternura, compaixão, bondade, apego, bem-querer. Dele exalam ondas de emoções e sentimentos imprescindíveis, que gravitam em torno da pureza e sobrevivência do coração. É a mais nobre e inata expressão da natureza humana por outrem. Por isso mesmo, com sua luz majestosa, reaviva o sabor pela vida, o degustar da partilha, a vontade de o dar e receber e, por meio da afetividade, com uma vantagem desmedida, se espalhar nas marés da satisfação recíproca, de quem o exercita e acolhe.

Desde que nascemos que a nossa vida se desenvolve em interação com os outros e é nessa interação que o afeto faz toda a diferença. É nessa conexão que nos construímos, distinguimos como pessoas e necessitamos que a partilha saudável e comedida de afetividade nos sustente no enigmático e surpreendente caminho da vida. Neste vínculo precoce, tudo se pode construir, complicar ou simplesmente destruir. É aí que tudo se inicia para o bem e para o mal, para se dar e promover, ou impedir, rejeitar e ignorar. E é através do afeto que as nossas emoções e sentimentos poderão evoluir positiva ou negativamente, com maior ou menor intensidade, com bem-estar ou sofrimento, promovendo em nós a capacidade de o disseminar, retraindo ou arremessá-lo como uma espada, dilacerando corações, vidas, relações.

Poucos, aqueles que podem dizer nunca terem sentido a falta de um abraço, de uma palavra de conforto, de uma surpresa sentida, de uma dádiva inesperada, de um simples contacto caloroso do outro. Em muitos momentos, devíamos-nos questionar se temos ou não pessoas que nos acalentam, nos dão o seu afeto, o seu carinho? Ou se simplesmente estando elas ali, somos nós que as afastamos ou não enxergamos? Nesses momentos devíamos avaliar tudo o que nos rodeia, pois por vezes vivemos numa redoma, somente porque deixamos de tomar atenção em nosso redor ou porque nos é mais confortável a segurança do “porto-de-abrigo” ao qual nos habituámos. Privamo-nos e privamos os outros de nós, embutindo-nos num isolamento, privando-nos de relações, de conexões, mergulhando num sofrimento psicológico que de início pode até ser inconsciente, mas logo, logo se torna evidente, quando necessitamos do “calor humano”, da comunhão, do envolvimento físico e emocional com outrem.

O carinho e o afeto são “combustíveis” que nos energizam para nos relacionarmos harmoniosamente com os outros, são fontes de informação que muitas vezes nos comunicam sobre o que queremos, o que somos, como nos veem e aceitam, como amamos e somos amados. Dar e receber afeto e carinho condignamente, promove o amor-próprio, a autoestima, a resiliência perante as adversidades quotidianas, reforça as energias, consciencializa-nos da nossa importância, para nós mesmos e para os outros. Amar e ser amado, é um mar de emoções tenazes, profundas e duradouras que embora as palavras não consigam alcançar, sentem-se, aceitam-se e vivem-se numa espontaneidade e delícia imensuráveis que nos promovem a segurança e proteção que sempre necessitamos enquanto seres emocionais e

relacionais. No amor as pessoas simplesmente se entendem, se aceitam com qualidades e imperfeições, vivem intensamente, se complementam e auxiliam nas adversidades. No amor, existem dois seres mentalmente inseparáveis, que vivem para si, para o outro e, entre si.

Mas nem todos têm sucesso nessa área, talvez por medo de experimentar decepções e perdas, ou de ter de enfrentar parceiros controladores e possessivos? Ou de disponibilizar-se errada e ilusoriamente para relações prazerosas que não passam de comunhões superficiais e fúteis. Ou simplesmente porque não experienciaram esta partilha e dádiva afetivo-emocional na sua infância, na sua adolescência, não conseguindo por isso proporcioná-la, vivê-la e expressá-la em adulto. Estes seres humanos são pessoas que estão tão absorvidas nos seus mundos internos, em suas próprias fantasias, questões, problemáticas, que mal conseguem perceber o “universo” para além de si. São pessoas que não possuem nenhum comprometimento e respeito com o outro, nenhuma preocupação com o sentimento alheio, com o espaço, a intimidade e privacidade do outro. Em muitos casos, nem se apercebem das falhas que sofrem, para poderem livrar-se desse passado incómodo e dar-se novas possibilidades de adquirirem a capacidade de dar afeto e amor, de poderem realizar uma mudança de fundo. Tornam-se seres carentes e emocionalmente desequilibrados, disfuncionais, com sua autoimagem profundamente abalada e que se repercute nas suas relações mais íntimas. Viram seres controlados por um vazio que os preenche e alimenta num prazer ilusório de se acharem no direito pleno de terem o que não lhe deram outrora, nem que para isso arranquem o afeto e o carinho de que padeceram, semeando relações de interesse e não de partilha, de manipulação e não espontâneas, de anulação em vez de potenciação, de esgotamento e não de fortalecimento, de menosprezo em vez de crescimento, de luta por poder em vez de apoio e partilha! Estas pessoas, experienciam a falta de carinho, afeto e amor, no seu âmago mais profundo, alimentado ou dilacerado gradualmente por essa ausência que atua em silêncio, levando-os por caminhos inconscientes de uma procura desenfreada, de uma “alma gémea” que venha satisfazê-los na sua vulnerabilidade, que venha dar-lhes a oportunidade de experienciarem o seu mais elevado desejo enquanto ser humano - viver o amor, experimentar relações afetivas estáveis. São seres que se aprisionam inconscientemente num ciclo vicioso de busca de prazer assente em relações narcísicas “doentias”, inundadas de angústias, ansiedades e insatisfações, que jamais alcançarão o seu objetivo de amar e ser amado, de vir a experimentar o “fogo que arde sem se ver” de Luís Camões!

Por tudo isto e pelas minhas convicções, abracei este desafio,
Com um doce sabor de aventura e de encantamento,
Pois apesar de sermos meros aprendizes do amor,
É nele e através dele que conseguimos ser felizes,
Concordando com Fernando Pessoa,
"A felicidade exige valentia!" e por isso,

vos deixo com uma contribuição pessoal vencida...

Dois em um ou um para dois?

*Encantaste-me, seduziste-me, fizeste-me acreditar que eras o “tal” ...
Com o teu intelecto poderoso ... o saber dos saberes,
Doces palavras, suaves toques, risos e gargalhadas.
Elogios sentidos, sentimentos declarados, dedicatórias de amor proclamadas ...
Momentos a dois de partilha, de alegria, de brincadeira e aventura.
Um período curto ... duma felicidade ilusoriamente vivida,
Pois em pouco tempo, tudo isso ... desmoronou!*

*À tona veio a tua prepotência e modéstia doentias ...
Oscilavas ridiculamente entre alegrias despropositadas ou melancolias inusitadas.
Revoltavas-te com o mundo que tu próprio criavas negativo.
Simplificavas assuntos graves ou complexos,
E complicavas demasiado, o simples e elementar.
Eras doce quando querias que te atendesse às pretensões,
Ou rude e mal-educado sempre que te contrariava.
Enjoavas de tão gentil, meloso e apaixonado que fazias parecer,
Mas desconcertavas tudo com tua frieza, insensibilidade,
E silêncios tortuosos, quando de algo reclamava.*

*Em que extremos desarranjados vives tu?
Que martirizam, minam e dilaceram silenciosamente, quem contigo convive!
És o supprassumo e de repente aquele de quem ninguém gosta!
És o Deus do bem, do correto e do saudável!
E logo em seguida, todos te apontam injustamente!
Tentas impor a tua sabedoria, mas contrapões afirmando não saber nada!*

*Mas ... afinal ...
Não és tão verdadeiro, honesto, correto,
Sincero, humilde e respeitador ... como te “pintas”,
Pois, afinal ...
Mantinhas uma outra vida fora do nosso espaço,
E nas tentativas de ludibriares e manipulares o que era sabido,
Em tuas próprias mentiras te enredavas e entregavas.
Nos esforços de manteres a minha presença, tudo dissimulavas.
Então em própria defesa partes para o ataque ...
Todos mentem, só tu és verdadeiro.*

*Todos têm imaginação fértil e tu sofres as consequências disso.
Não compreendes porque te querem mal, visto nunca os teres prejudicado.
Desmentes perentoriamente o que assumas nas mentiras mal memorizadas.
E quando confrontado com factos, evades-te para o teu ninho,
O teu porto de abrigo onde dominas o teu mundo,
Num silêncio sem fim, para que sintam tua falta e te procurem!
Distancias-te impávido e sereno fora dos olhares alheios,
Mas triste e pesaroso quando em presença de alguém!*

*Em que extremos desarranjados vives tu?
Que arranjias conflitos onde não os há e te regozijas no caos!
Que tiras prazer nas dores e sofrimentos alheios que comprimem a alma,
Mas contrapões, imprimindo em ti esses sentimentos!*

*Que extremos desarranjados queres provocar nos outros?
Ao infligires paradoxos mentais, ataques e menosprezo, sem motivo aparente!
Triste o deleite que tiras, do mal que semeias!
Deplorável a violência que praticas, em teu benefício!
Doloroso o assédio que exercitas, na tentativa de iludir!*

*Mas o seguinte te digo...
Se inicialmente me iludi também,
Quando tudo desculpava pensando que era imaginação minha,
Quando tudo justificava com “foi só desta vez”!
Com o passar do tempo enxerguei que estava a viver,
Um “amor” que me maltratava... consumia.*

*E então cansei-me de tanta ilusão... sofrimento,
Enganosa sedução e encantamento.
Descobri que não mais era, que uma atração o que sentias,
Um prazer masoquista de conquista e desafio mútuo!
Enxerguei que apenas querias alguém,
Para te dar toda a atenção, te idolatrar e contemplar,
Esperando a tua aceitação e o teu amor, ilusoriamente gratuitos!*

*Finalmente entendi que...
Nada do que existe, é real, nem tampouco saudável...
Pois tudo te dei, de coração e, tudo me tomaste, por pretensão!*

*Narcísico, carente e vagante Ser,
Que te alimentas no poder da sedução... da conquista... do magnetismo,
Que quando alcançados, descartas como brinquedos.*

*Narcísico, amor devasso,
Que suga almas, esgota paixões e desacredita o verdadeiro amor!
Que pronuncia amor e ódio numa certeza desenfreada ...
E que numa procura constante de outro Ser,
Constrói conquistas solitárias e contínuas,
Semeando corações desertos, angustiados, feridos ...
Pelo desejo de um amar dominador e nunca de amor.*

*Narcísico, Ser doentio,
Que se enaltece pelo outro sofrer, mas que no fim ...
Nesta busca alucinada ... não consegue amar e nada encontrar,
Mas apenas viver no vazio ... num infinito precipício profundo,
Impossibilitado de nutrir o amor e prazer que tanto buscou.
Subjugado à frustração da sua real vontade de afeto.
Acorrentado ao seu mundo imaginário de uma beleza espelhada e ... "mortal"!*

*Então eu digo ... perdeste o que em mim procuravas...
Pois quero viver o amor do poeta,
Sem eira nem beira e com o mundo de cabeça para baixo.
E por o ter adiado, me culpo e me retiro em tratamento,
Para que daqui em diante me reencontre e volte a ser feliz!
Vivendo a cumplicidade, a simbiose, o respeito mútuo e gratuito,
Sentindo a brisa no coração incendiado de prazer, amor e paixão,
Atravessando desertos fora de mim,
Encontrando o oásis nos recônditos da minha alma,
E com coragem e determinação, seguir,
Em busca da VIDA e da verdadeira SATISFAÇÃO!*

(Carla Almeida, 10.07.2013)

Dedicatória

*Aos meus pais,
com quem aprendi o significado da vida
e a quem devo a Mulher que Sou.*

*Aos meus sobrinhos afilhados,
por todo o carinho, incentivo e amor
que me dedicaram ao longo deste percurso!*

*Muito obrigada,
por fazerem parte da minha vida.
Amo-vos muito!*

Agradecimentos

Agradecer é um gesto de carinho e de reconhecimento sobre a importância do outro na nossa vida. Somos seres relacionais e como tal necessitamos continuamente de outro alguém para conseguirmos evoluir.

Conceber uma tese de mestrado envolve sempre por parte de quem a elabora uma grande aprendizagem, um enorme sentido de organização, autodisciplina e motivação constante, de forma a não sucumbir à procrastinação, à ansiedade e frustração que, em muitos momentos nos assolam quando queremos pensar, quando necessitamos de persistir em frente, quando precisamos ultrapassar dificuldades em cada fase deste processo, quando temos de nos isolar do "mundo" sem criar insatisfações, desprazeres ou desmotivações.

A conclusão deste árduo caminho de cinco anos representa uma meta marcante na minha vida pessoal e profissional e, constitui-se como uma mais-valia na aquisição de conhecimentos e de competências que me possibilitarão ajudar o próximo através de uma carreira há muito ambicionada. No seu desbravar, o caminho foi sem dúvida, inúmeras vezes solitário, mas ao mesmo tempo, impossível de realizar, sem a contribuição direta ou indireta de algumas pessoas. Por isso, a concretização desta tese não é somente a consequência de uma escolha, compromisso e dedicação pessoais, mas o resultado de uma união de esforços dessas pessoas que a tornaram possível e sem as quais teria sido extremamente difícil finalizá-la com sucesso. É a estas pessoas especiais que, de forma peculiar estiveram presentes em vários momentos, que dedico estas palavras de agradecimento profundo e o meu forte carinho e apreço por existirem ou terem cruzado a minha vida nas alturas em que tanto careci de ajuda.

Assim, agradeço particularmente à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Maria Marques Mesquita (Prof.^a Auxiliar do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora), enquanto elemento impulsionador desta dissertação. Muito obrigada pela consciencialização sobre a importância da construção e coerência das minhas convicções, pelas sugestões e auxílios ocasionais e, pelo reconhecimento do meu esforço e dedicação no decorrer deste trabalho.

Ao Professor Doutor Manuel Joaquim Piteira Minhoto (Prof. Auxiliar do Departamento de Matemática da Universidade de Évora), constante disponibilidade, empenho e paciência no apoio prestado ao longo de todo o tratamento estatístico e apresentação de dados, auxiliando-me a prosseguir com confiança e segurança.

Aos Professores Doutores, José Augusto da Veiga Pinto de Gouveia (Prof. Catedrático na Universidade de Coimbra), Daniel Maria Bugalho Rijo (Prof. Auxiliar na Universidade de Coimbra) e, à Professora Doutora Marina Isabel Vieira Antunes da Cunha (Prof.^a Auxiliar do

Instituto Superior Miguel Torga) por tão gentilmente, cederem a sua bibliografia respeitante aos instrumentos de Young aplicados nesta dissertação e pelos esclarecimentos prestados sobre a cotação dos mesmos.

A todos/as os/as autores/as que prontamente me cederam (via digital ou em papel) as bibliografias imprescindíveis à defesa teórica desta dissertação.

À minha mãe Mariana e ao meu pai Carlos, uma especial e profunda gratidão pelo que Sou, pela essência de tudo o que representam para mim, pelo incentivo que me deram nos dias em que tudo parecia mais difícil, pela tranquilidade que me proporcionaram em momentos de maior agitação, pela segurança que me incutiram nas alturas de desacreditação, pela aceitação incondicional, pelo amor e carinho que sempre me ofereceram, pela compreensão inquestionável que sempre demonstraram, por serem para mim exemplos de força e energia, por me ensinarem e lembrarem a ser sempre uma guerreira, pela ajuda prestada na distribuição e recolha de alguns questionários, por nunca se cansarem de ler, opinar e encorajar sobre o que escrevi, pela paciência em ouvirem as minhas queixas e desabafos, pela motivação e ânimo que me deram, pela contenção nos momentos de maior aperto e aflição, por serem o meu "porto-de-abrigo", pelas orações que me dedicaram para prosseguir na minha formação académica, pela alegria contagiante nos momentos de tristeza, por tratarem a minha angústia de cada vez que me sorriam, por serem sempre a janela que se abre quando as portas do mundo se fecham... por tudo isto e muito mais... muito obrigada do fundo do meu coração por simplesmente serem... os meus amores incondicionais.

Aos meus sobrinhos e afilhados, Nuno e Carlos (de 13 e 10 anos), pelo amor, carinho e afeto, pelas piadas contadas que me fizeram gargalhar nos momentos em que me apetecia chorar e por apesar da sua tenra idade me motivarem com seu afeto e palavras de conforto dizendo "Estaremos sempre a teu lado".

Manifesto também e de forma não menos importante, o meu enorme agradecimento, estima e consideração a todos os que incansavelmente se mantiveram a meu lado, ao longo destes infatigáveis cinco anos, estando presentes nos momentos de cansaço, aflição, angústia e, ansiedade, mas igualmente nas alturas de alegria, recompensa e gratificação, incentivando-me a persistir na perseguição desta meta.

Ao meu padrinho Abílio de Sousa (*in memoriam*), por ser um encorajador que constantemente privilegiava a minha formação, por me mostrar que há sempre razões para seguir em frente e principalmente por me ter auxiliado financeiramente, quando pensei em parar de estudar por dificuldades económicas que se agravavam sem eu nada poder fazer. Saudades eternas das nossas conversas produtivas.

Aos meus colegas e sobretudo amigos (da Reprografia da Universidade de Évora),

João Alexandre Morgado, António Manuel Correia e Joaquim Neixa Duarte, pela ajuda colossal e imprescindível em tudo o que lhes foi possível auxiliar com seu trabalho ao longo deste percurso, considerando sempre a minha precária situação financeira. Sem vocês meus amigos, eu não me encontraria nesta reta final. O meu muito obrigado, de coração, pela vossa amizade, compreensão, capacidade de entreatajuda e companheirismo.

À minha colega de trabalho, Olívia Matos, pela compreensão perante momentos de cansaço e pela escuta de alguns desabafos.

À Professora Doutora Maria Elisa Rolo Chaleta (Prof.^a Auxiliar do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora), pelas palavras de ânimo em momentos de descrença e pelo apoio nesta luta para alcançar os meus objetivos.

A todos os meus amigos e amigas pelo carinho e amizade sempre demonstrados, por compreenderem as minhas ausências e por perceberem a necessidade de dedicação a este trabalho, e em especial à Andreia Barradas, Marta Banha, Ana Helena Vieira e Patrícia Freixo de Sousa, que prontamente se ofereceram para me auxiliarem na angariação de respondentes aos questionários e na recolha dos mesmos.

A todas as pessoas que se disponibilizaram para responderem aos inquéritos com o entusiasmo contagiante de saberem os resultados sobre o seu grande contributo nesta pesquisa e, sem os quais seria impossível desenvolver o estudo e alcançar conclusões realistas.

Um grande bem-haja para vocês, que ao longo desta caminhada me transmitiram a sensatez, tranquilidade, capacidade e sorrisos indispensáveis à transformação deste trabalho numa verdadeira vivência de satisfação.

A todos,
O MEU APREÇO E GRATIDÃO!

Resumo

Uma vida de relações falhadas: continuidade ou mudança?

Estudo sobre a herança psíquica e os desamores narcísicos na vida adulta.

Este estudo propôs-se investigar, como os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) concebidos pelo indivíduo e a sua representação dos Estilos Parentais (EPs), influenciam na escolha amorosa da vida adulta considerando os relacionamentos amorosos de reparação narcísica: Submisso-Idealizador, Eufórico-Idealizante e Evitante-Desnarcisante. A amostra constituiu-se por 225 (jovens) adultos/as portugueses/as, entre os 23 e 63 anos, que tivessem tido ou possuíssem na altura do estudo uma relação amorosa. A investigação de natureza quantitativa utilizou como instrumentos o: Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA), Questionário de Esquemas (QE) e Questionário de Estilos Parentais (QEP). Segundo os resultados, evidenciou-se a associação de EIDs¹ e EPs² mais precoces e rígidos (incondicionais) aos três tipos de relacionamento amoroso, verificou-se uma herança psíquica trans-geracional com conteúdos individuais e relacionais mantidos e apurou-se a necessidade de o sujeito procurar relações fornecedoras de uma imagem mais completa do seu *self* desestruturado, concluindo-se que houve uma continuidade de relações falhadas.

Palavras-chave: Herança Psíquica, Modelos Internos de Relacionamento, Vulnerabilidade Narcísica, Desamores Narcísicos.

¹ Com o Submisso-Idealizador, os EIDs incondicionais (Privação Emocional, Culpa, Dependência, Vulnerabilidade ao Mal e à Doença e, Abandono); com o Eufórico-Idealizante, os EIDs incondicionais (Indesejabilidade Social, Defeito, Vergonha, Limites Insuficientes e, Desconfiança); com o Evitante-Desnarcisante, os EIDs incondicionais (Privação Emocional, Isolamento Social, Limites Insuficientes, Vulnerabilidade ao Mal e à Doença e Indesejabilidade Social).

² Com o Submisso-Idealizador, os EPs incondicionais (Privação Emocional, Vulnerabilidade ao Dano e à Doença, Emaranhamento e, Autodisciplina e Autocontrolo Insuficientes); com o Eufórico-Idealizante, apenas o EP incondicional (Privação Emocional); com o Evitante-Desnarcisante, os EPs incondicionais (Privação Emocional, Abandono, Negatividade, Punitividade, Desconfiança, Fracasso e Defeito).

Abstract

A lifetime of failed relationships: continuity or change?

Study about the psychic heritage and narcissistic unlove in adulthood.

This study proposes to investigate, how the Early Maladaptive Schemas (EIDs) conceived by the individual and, their representation about the Parental Styles (EPs), influence the choice of adulthood loving relationships considering the romantic relationships of narcissistic repair: Submissive-Idealizer, Euphoric-Idealizing and Avoidant-Devalue. The sample consisted of 225 Portuguese (young) adults, between 23 and 63 years old, who have had or maintained at the time of the study a loving relationship. The quantitative research used as instruments the: Inventory Types of Loving Relationship (ITRA), Schema Questionnaire (QE) and Parental Styles Questionnaire (QEP). According to the results, it showed the association of more early and rigid (unconditional) EIDs³ and EPs⁴ with the three types of love relationship, it was found a trans-generational psychic inheritance with individual and relational content maintained and found out the need for the subject pursuit for supplier relations of a more complete image of your self unstructured, concluding that there was a continuity of failed relationships.

Keywords: Psychic heritage, Internal Relationship Models, Narcissistic Vulnerability, Narcissistic Disaffections.

³ With the Submissive-Idealizer, the unconditional EIDs (Emotional Deprivation, Guilt, Addiction, Vulnerability to Evil and Disease and Abandonment); with the Euphoric-Idealizing, the unconditional EIDs (Social Undesirability, Default, Shame, Insufficient Limits and Distrust); with the Avoidant-Devalue, the unconditional EIDs (Emotional Deprivation, Social Isolation, Insufficient Limits, Vulnerability to Evil and Disease and, Social Undesirability).

⁴ With the Submissive-Idealizer, the unconditional EPs (Emotional Deprivation, Vulnerability to Damage and Disease, Entanglement and, Insufficient Self-Discipline and Self-Control); with the Euphoric-Idealizing only the unconditional EP (Emotional Deprivation); with the Avoidant-Devalue, the unconditional EPs (Emotional Deprivation, Abandonment, Negativity, Punitivity, Distrust, Failure and Default).

Índice Geral

Motivação.....	i
Dedicatória.....	vii
Agradecimentos	ix
Resumo.....	xiii
Abstract.....	xv
Índice Geral.....	xvii
Índice de Figuras.....	xxi
Índice de Quadros	xxiii
Índice de Tabelas.....	xxv
Lista de Abreviaturas e Siglas	xxvii
Parte I	
Introdução	1
Parte II - Enquadramento Teórico	
1. Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs).....	5
1.1. Características dos EIDs.....	5
1.2. Tipos de EIDs.	6
1.3. Processos dos EIDs.....	10
1.4. EIDs e vinculação.	11
1.4.1. Modelos Internos Dinâmicos (MIDs).	12
1.4.2. Memórias Autobiográficas (MABs).....	13
1.5. EIDs e os Relacionamentos Amorosos.	14
2. Estilos Parentais (EPs)	17
2.1. Tipos de EPs.	17
2.2. EPs e vinculação.	18
2.2.1. Modelos Internos Dinâmicos (MIDs).	18
2.2.2. Memórias Autobiográficas (MABs).....	21
2.3. EPs e os relacionamentos amorosos.	23
3. EIDs, EPs e a Herança Psíquica	25

4. Relacionamentos Amorosos da Vida Adulta	31
4.1. Relações amorosas e vinculação.....	31
4.1.1. Na adulez emergente ou jovem adultícia.	32
4.1.2. Na adulez ou vida adulta.....	35
4.2. Narcisismo.....	36
4.2.1. Vulnerabilidade narcísica.....	37
4.2.2. O narcisismo e o amor.....	40
4.3. Tipos de relacionamentos amorosos de reparação narcísica.....	42
4.3.1. Submisso-idealizador (preocupado).....	42
4.3.2. Eufórico-idealizante ou auto-idealizante (resistente).....	43
4.3.3. Evitante-desnarcisante (evitante).....	48
Parte III - Estudo Empírico	
5. Metodologia	51
5.1. Linhas gerais do estudo.....	51
5.1.1. Pertinência do estudo.....	51
5.1.2. Formulação do problema de investigação.....	51
5.1.3. Objetivo geral do estudo.....	51
5.1.4. Objetivos específicos do estudo.....	51
5.1.5. Questões de investigação.....	52
5.2. Procedimentos.....	52
5.2.1. Delineamento ou desenho do estudo.....	52
5.2.2. População e amostra.....	52
5.2.3. Instrumentos.....	53
5.2.4. Procedimentos da recolha de dados.....	55
5.2.5. Procedimentos éticos e deontológicos.....	56
5.2.6. Procedimentos do tratamento de dados.....	57
5.2.7. Procedimentos da análise de dados (métodos estatísticos).....	57
6. Resultados.....	59
6.1. Apresentação e análise.....	59

6.1.1. Análise descritiva da amostra.	59
6.1.2. Análise exploratória da amostra versus ITRA.	60
6.1.3. Análise descritiva dos instrumentos.	60
6.1.3.1. ITRA.....	60
6.1.3.2. QE.....	61
6.1.3.3. QEP.	61
6.1.4. Análise correlacional/de associação.	62
6.1.4.1. Entre o ITRA e o QE.	62
6.1.4.2. Entre o ITRA e o QEP.	63
6.2. Discussão.	65
6.2.1. Existem relações estatisticamente significativas entre as idades e os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica?	65
6.2.2. Existem relações estatisticamente significativas entre a satisfação com a relação e os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica?	67
6.2.3. Quais os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica, evidenciados pelos dados?.....	68
6.2.4. Quais os EIDs que sobressaíram na investigação?	69
6.2.5. Quais os EPs que ressaltaram no estudo?	70
6.2.6. Haverá correlação significativa entre os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica e os EIDs?	72
6.2.7. Haverá correlação significativa entre os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica e os EPs?.....	74
Parte IV - Considerações Finais do Estudo	
7. Principais Conclusões do Estudo.....	75
8. Limitações	77
9. Futuras Investigações.....	79
Parte V - Referências Bibliográficas	
Anexos	
Anexo 1. Características do Domínio I (Desconexão e rejeição)	111
Anexo 2. Características do Domínio II (Autonomia e desempenho prejudicados)	113

Anexo 3. Características do Domínio III (Limites prejudicados ou indefinidos) ...	115
Anexo 4. Características do Domínio IV (Direcionamento ou orientação para o outro)	117
Anexo 5. Características do Domínio V (Supervigilância e inibição).....	119
Anexo 6. EIDs e respostas mal-adaptativas no relacionamento amoroso	121
Anexo 7. Tipos de EPs.....	125
Anexo 8. Consequências dos EPs nos filhos.....	127
Anexo 9. Questionário sociodemográfico (versão em papel).....	129
Anexo 10. Questionário sociodemográfico (versão <i>online</i>).....	131
Anexo 11. Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) (versão em papel)	133
Anexo 12. Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) (versão <i>online</i>)	141
Anexo 13. Questionário de Esquemas (QE) (versão em papel)	149
Anexo 14. Questionário de Esquemas (QE) (versão <i>online</i>).....	157
Anexo 15. Questionário de Esquemas Parentais (QEP) (versão em papel)	169
Anexo 16. Questionário de Estilos Parentais (QEP) (versão <i>online</i>).....	173
Anexo 17. Descrição das subescalas do ITRA	185
Anexo 18. Descrição das subescalas do QE	187
Anexo 19. Descrição das subescalas do QEP.....	189
Anexo 20. Carta de consentimento informado (versão em papel)	191
Anexo 21. Carta de consentimento informado (versão <i>online</i>)	193
Anexo 22. Resumo das correlações entre o ITRA e o QE.....	195
Anexo 23. Resumo das correlações entre o ITRA e o QEP.....	197
Anexo 24. Domínios destacados por EIDs, EPs e Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica	199

Índice de Figuras

Figura 1. Círculo Vicioso Narcísico.....	46
--	----

Índice de Quadros

Quadro 1 - Características dos Domínios e, respetivos EIDs e siglas	7
Quadro 2 - Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio I	111
Quadro 3 - Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio II	113
Quadro 4 - Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio III.....	115
Quadro 5 - Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio IV.....	117
Quadro 6 - Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio V.....	119
Quadro 7 - Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), seu significado e, tipos de respostas mal-adaptativas nos relacionamentos amorosos	121
Quadro 8 - Tipos e caraterísticas dos Estilos Parentais de Baumrind (1966)	125
Quadro 9 - Consequências do tipo de Estilos Parentais nas crianças e/ou adolescentes ...	127
Quadro 10 - Associações/Correlações entre Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica no Sujeito e EIDs	195
Quadro 10a - Associações/Correlações entre Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica e o Número de EIDs e de Relacionamentos de Reparação Narcísica Ativos no Sujeito.....	134
Quadro 11 - Associações/Correlações entre Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica no Sujeito e EPs	197
Quadro 11a - Associações/Correlações Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica e o Número de EPs e de Relacionamentos de Reparação Narcísica Ativos no Sujeito.....	136

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Participantes segundo o sexo (em frequência e percentagem).....	59
Tabela 2 - Participantes segundo a idade.....	59
Tabela 3 - Participantes segundo satisfação com a relação (em frequência e percentagem)..	59
Tabela 4 - Idades significativas por relacionamento amoroso de reparação narcísica.....	60
Tabela 5 - Significância da satisfação com a relação por relacionamento amoroso de reparação narcísica.....	60
Tabela 6 - Tipos de relacionamento de reparação narcísica destacados (em frequência e percentagem).....	61
Tabela 7 - EIDs destacados (em frequência e percentagem) e domínio a que pertencem.....	61
Tabela 8 - EPs destacados (em frequência e percentagem) e domínio a que pertencem.....	61
Tabela 9 - Interpretação dos valores dos níveis de associação dos Coeficientes de Phi (ϕ) e V de Cramer e, de Contingência (C de Pearson).....	62
Tabela 10 - Associação/Correlação entre os EIDs e os Tipos de Relacionamentos Amorosos de Reparação Narcísica.....	63
Tabela 11 - Associação/Correlação entre os EPs e os Tipos de Relacionamentos Amorosos de Reparação Narcísica.....	64
Tabela 12 - Tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica que lhe correspondem e total de itens por tipo de relacionamento no ITRA.....	185
Tabela 13 - Domínios dos EIDs, EIDs, siglas e itens correspondentes a cada EID e total de itens de cada esquema no QE.....	187
Tabela 14 - Domínios dos EIDs, EIDs, siglas e itens correspondentes a cada EID (para a Mãe e Pai) e total de itens de cada esquema no QEP.....	189
Tabela 15 - Domínios destacados por EIDs, EPs e Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica.....	199
Tabela 15a - Domínios destacados por EIDs, EPs e Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica.....	199

Lista de Abreviaturas e Siglas

APA - American Psychological Association

aum. - aumentada

Cap. - Capítulo

cf. - conforme

CIECC - Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

coord. - coordenador

corrig. - corrigida

ed. - edição/edition

Ed(s). - Editor(es)/Editor(s)

e.g. - por exemplo

EIDs - Esquemas Iniciais Desadaptativos

EPs - Estilos Parentais

et al. - e outros

etc. - e assim por diante

ex. - exemplo

i.e. - isto é

MABs - Memórias Autobiográficas

MIDs - Modelos Internos Dinâmicos

No ou nº - número

Org(s). - Organizador(es)

PEPs - Práticas Educativas Parentais

rev. - revista/review

Supl. - Suplemento

Trad(s). - Tradutor(es)

ver. - verificada

vol - volume

vs. - versus

Parte I

Introdução

O ser humano vai-se construindo como resultado das suas escolhas, experiências pessoais e teia de ligações familiares e sociais, por isso, a forma como se relaciona, os vínculos de afeto que experiencia desde que nasce e o modo como vai qualificando essas experiências ao longo da sua vida, vão influenciar a maneira como recordará essas interações e como se relacionará consigo (*self*) e com os demais, especialmente no contexto íntimo onde mais se revela. Assim, interessa a esta investigação tentar compreender os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e as representações que o sujeito configura sobre a sua relação com os progenitores ao nível dos Estilos Parentais (EPs) e desvendar de que forma esses modelos internos de relacionamento se associam, numa vertente estruturante de reparação narcísica, aos três tipos de relacionamento amoroso (Submisso-Idealizador, o Eufórico-Idealizante e o Evitante-Desnarcisante) cujo desígnio é a reparação de falhas narcísicas sentidas nas ligações precoces ao nível do desenvolvimento estrutural do *self*, nos quais, segundo Mesquita (2012) o indivíduo prolonga no outro uma imagem de si, tão mais utópica quanto maior a fragilidade narcísica do seu *self*.

Stolorow e Lachmann (1983) indicam que “o narcisismo compreende as operações mentais cuja função é regular o colorido afetivo da representação do *self*, manter a sua coesão e estabilidade” (p. 32). Kohut (1988) sugere enfaticamente a relação entre as perturbações narcísicas e a falhas empáticas dos cuidadores, ressaltando que a base principal “dos distúrbios narcísicos da personalidade” são as “falhas, adquiridas na infância, na estrutura psicológica do *self*”, acompanhadas de “formações de estruturas secundárias, também estabelecidas no começo da infância, que estão relacionadas com a falha primária” (p. 24). Bowlby (1998) mostra a importância da relação mãe-bebé, tanto ao nível da regulação instintiva e biológica, quanto na sua participação dos “*internal working models*” (padrões de apreensão da realidade). Berlin e Cassidy (1999) dizem que a qualidade das relações de vinculação entre a criança e os seus progenitores, desempenha um papel fulcral na qualidade das relações íntimas/amorosas que o indivíduo irá desenvolver ao longo da sua vida. Mesquita (2011) aponta que nas teorias das relações de objeto, é defendido que a introjeção dos relacionamentos que o sujeito vivencia, constitui-se como base das relações de objeto internas, que por sua vez, vão influenciando as relações do indivíduo com os objetos externos. Assinalando que a dinâmica relacional própria das relações amorosas, é influenciada pelo mundo interno de cada interveniente da díade, compreendendo-se assim, que as dificuldades vivenciadas nas relações familiares e/ou as representações das mesmas, caso sejam elaboradas de forma identificativa pelo indivíduo, podem facilmente influenciar o tipo de relação amorosa por ele escolhida. Ao nível da

psicopatologia narcísica, Coderch de Sans (2013) defende que o indivíduo pode adquirir um caráter patológico, quando no sistema complexo da díade mãe-filho esta é incapaz de dar uma resposta adequada ao mesmo ou quando falta uma figura com a qual a criança/adolescente interatue ou experiencie uma vivência intersubjetiva de confiança e amor.

Perante estas conjeturas, percebe-se a importância das representações parentais no que toca ao condicionamento dos modelos internos de relação (EIDs/MIDs) do sujeito, que se enraizarão ao longo da sua vida adulta.

O presente trabalho encontra-se organizado em cinco partes: uma primeira parte constituída pela introdução (que contém a revisão da literatura de quadros teóricos relacionados com as variáveis em análise, de forma a permitir a consequente formulação de questões de investigação e compreensão dos resultados à luz dos mesmos); a segunda, composta pelo enquadramento teórico e constituída pelos quatro primeiros capítulos; a terceira parte, dirigida ao estudo empírico e constituída pelo capítulo da metodologia aplicada no estudo e pelo capítulo dos resultados obtidos; a quarta parte, respeitante às considerações finais do estudo e constituída por três capítulos; e, por fim, a quinta parte onde se indicam as referências bibliográficas mencionadas ao longo do estudo. O primeiro capítulo recai sobre o estudo dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) de Young e, o segundo capítulo diz respeito aos Estilos Parentais (EPs) do mesmo autor, esclarecendo-se conceitos e relações entre ambos, de forma mais detalhada. O terceiro capítulo incide na abordagem teórica sobre o processo de herança psíquica e relacional com ênfase nos EIDs, EPs e vinculação. O quarto capítulo refere-se aos relacionamentos amorosos de reparação narcísica, onde detalhadamente se aborda: as relações amorosas e vinculação (no âmbito da adulez emergente e da vida adulta); o narcisismo; e, os tipos de relacionamentos amorosos reparadores. O quinto capítulo dirige-se à metodologia, delineando-se as linhas gerais do estudo (pertinência da investigação, problema de investigação, objetivo geral e objetivos específicos do estudo e, questões de investigação) e os procedimentos (delineamento do estudo, população e amostra, constituição do suporte teórico e da amostra, caracterização dos instrumentos e, procedimentos na recolha de dados, éticos e deontológicos, no tratamento e na análise de dados). O sexto capítulo abrange, a apresentação e análise dos resultados, na qual se expõem as análises (descritiva, exploratória e correlacional) destinadas a dar resposta às questões traçadas e, a discussão dos resultados. Por fim, nos sétimo, oitavo e nono capítulos, apresentam-se respetivamente, as principais conclusões do estudo, as limitações e uma orientação para futuras investigações.

Parte II - Enquadramento Teórico

1. Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs)

1.1. Características dos EIDs.

Young, Klosko e Weishaar (2008) referem que os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) se desenvolvem originalmente durante a infância ou adolescência; são compostos por memórias, emoções, crenças, cognições, sensações emocionais e corporais; não contêm as respostas comportamentais, visto estas fazerem parte do estilo de enfrentamento ao esquema; e, são elaborados através do percurso de vida do sujeito, incluindo a avaliação de si, dos outros e da sua relação com os demais. São estruturas interpretativas, acionadas por situações ou circunstâncias ambientais pertinentes ao esquema específico, estão ligados a altos níveis de afeto e resultam aparentemente da interação entre o caráter inato do sujeito e as experiências disfuncionais nas relações familiares e sociais precoces (Young, 2003). Têm um caráter auto-perpetuador (duradouro/latente), estável e resistente à mudança (rígidos), originando por isso, padrões emocionais e cognitivos desadaptativos (como estratégias de enfrentamento usadas aquando da ativação esquemática), que tendem a manter-se e a repetir-se ao longo da vida, pois ao tornarem-se familiares e confortáveis ao sujeito, este permite a sua influência na forma como pensa, sente, age e se relaciona com os outros (Cecero & Young, 2001), ignorando e não reconhecendo dados contrários às suas crenças (Cazassa & Oliveira, 2008; Duarte, Nunes, & Kristensen, 2008; Mason, Platts, & Tyson, 2010; Vieira, 2012; Young et al., 2008) apesar do sofrimento que os EIDs lhe possam causar. Salkovskis (2005) refere que os “sistemas humanos são caracterizados por dinâmicas auto-organizadoras e evoluem de modo a proteger sua coerência interna” (p. 167), ou seja, as informações conciliáveis com os esquemas existentes são executadas e codificadas, enquanto as informações contrárias são desconsideradas ou abandonadas (Padesky, 1994). Assim, os EIDs são classificados, como incondicionais, quando retratam a crença do sujeito relativamente à sua percepção exacerbada de negativismo, isto é, o indivíduo ao sentir-se atraído pelos acontecimentos que os acionam e identificam, considera-os como verdadeiros, absolutos e intrínsecos, não os questionando; e, como condicionais, quando se desenvolvem a *posteriori*, através da influência cultural e dos grupos de pares, sendo por isso, mais flexíveis e por conseguinte podendo atenuar os efeitos negativos dos incondicionais, levando o sujeito a acreditar na mudança, caso se sujeite, esforce, adquira reconhecimento, se iniba emocionalmente ou tente alcançar padrões elevados, evitando assim um final contraproducente, pelo menos de forma provisória (Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Importa então saber que no grupo dos esquemas condicionais se encontram: a subjugação, o autossacrifício, a procura de aprovação e de reconhecimento, a inibição emocional e, os padrões inflexíveis ou elevados e crítica exagerada ou hipercriticismo; ao passo que os esquemas incondicionais se referem aos restantes: abandono ou instabilidade, desconfiança ou abuso, privação emocional, defeito ou vergonha, isolamento social ou alienação, dependência ou incompetência,

vulnerabilidade ao dano ou à doença, emaranhamento ou *self* subdesenvolvido ou dependente, fracasso, superioridade ou grandiosidade, autocontrole e autodisciplina insuficientes, negativismo ou pessimismo e caráter punitivo (Young et al., 2008). Relativamente ao seu nível de inflexibilidade e preponderância (as dimensões), Young et al. (2008) consideram que quanto mais rígido é o esquema, maior é o número de situações que o impulsionam. Desta forma, sendo os EIDs o cerne do autoconceito e da percepção de mundo do indivíduo, a mudança é geralmente encarada como ameaçadora, levando o sujeito a lutar pela sobrevivência acionando comportamentos e cognições orientadoras de todo o processamento de informações (enviesando geneticamente os processos cognitivos e impedindo esquemas mais adaptativos, apropriados ou reais) (Beck, Freeman, & Davis, 2005; Mason, et al., 2010; Padesky, 1994; Young et al., 2008). Neste sentido, os EIDs também representam na infância, uma ameaça caracterizada pela frustração das necessidades emocionais básicas da criança que por algum motivo não foram atendidas (Mendes, 1999). Young (1990) propõe que para uma estruturação saudável da personalidade, é necessário satisfazer algumas dessas necessidades, tais como: um vínculo seguro, afeto, carinho, estabilidade, autonomia e competência, liberdade para se manifestar e validação das necessidades e emoções, espontaneidade e lazer, limites realistas e autocontrole, e, competência e sentimento de identidade (Duarte et al., 2008). Segundo Young et al. (2008) cada criança tem um temperamento ou personalidade emocional (e.g. timidez ou agressividade) que em conjunto com episódios angustiantes colabora para a criação de EIDs. Deste modo, os EIDs resultam da fusão das relações primárias (ambiente), das vivências precoces que não atendam às carências infantis, de acontecimentos traumáticos e do temperamento inato da criança.

1.2. Tipos de EIDs.

Young (2003), a partir da sua experiência clínica com pacientes crônicos e de difícil resposta à psicoterapia, propôs cinco domínios de esquemas constituídos por dezoito EIDs, enquanto representações válidas de vivências prejudiciais durante a infância, por se desenvolverem como autoconceitos fundamentais do sujeito e da sua concepção do ambiente, a partir da associação de fatores biológicos e emotivos com as experiências parentais e sociais (adequadas ou não) (Young et al., 2008).

Para facilitar a compreensão de cada domínio (mais desenvolvido à frente), compilaram-se as principais características de cada um indicando-se também os respetivos EIDs e suas siglas (cf. Quadro 1).

Quadro 1

Características dos Domínios e, respetivos EIDs e siglas.

Domínio	Principais características	EIDs	Siglas
I - Desconexão e rejeição / Instabilidade / Separação	Expectativa de que as necessidades de partilha de sentimentos, de cuidado, segurança, empatia, carinho, estabilidade, aceitação e respeito não são atendidas.	- Abandono / Instabilidade / Perda ** - Desconfiança / Abuso ** - Privação emocional ** - Defeito / Vergonha / Embaraço / Imperfeição / Desencanto / Incapacidade para ser amado *** - Isolamento social / Alienação / Indesejabilidade Social ***	ab da pe dv ia
II - Autonomia e desempenho prejudicados / Enfraquecimento da autonomia	Dificuldade em perceber que na conquista da sua autonomia e individualização conseguirá sobreviver e ser bem-sucedido sem ajudas alheias.	- Dependência / Incompetência * - Vulnerabilidade ao dano/mal e à doença * - Emaranhamento ou entrelaçamento/ <i>Self</i> subdesenvolvido ou dependente - Fracasso ***	di vu o / em fr
III - Limites prejudicados ou indefinidos / Enfraquecimento dos limites	Lacuna nos limites internos, na responsabilidade perante os outros e no cumprimento de regras e objetivos a longo prazo.	- Grandiosidade / Merecimento / Arrogo / Superioridade - Autocontrolo e autodisciplina insuficientes / Limites insuficientes / Défice de autocontrolo ***	gr / me ai
IV - Direcionamento ou orientação para o outro	Foco exagerado nos desejos e respostas ao outro em detrimento das suas próprias carências, com o objetivo de obter amor e aprovação.	- Subjugação / Falta de individuação / Sujeição * - Autossacrifício - Procura de aprovação / Reconhecimento	sb as par
V - Super ou hipervigilância e inibição	Bloqueio de sentimentos, emoções, impulsos e escolhas pessoais ou criação de expectativas e regras rígidas e interiorizadas sobre desempenho e comportamento éticos.	- Negatividade / Pessimismo / Culpa *** / Sanção / Vulnerabilidade ao erro - Inibição emocional / Medo de perder o controlo * - Padrões elevados de realização, rígidos ou inflexíveis / Modelos de falta de compaixão / Crítica exagerada ou hiper criticismo **** - Punitividade / Caráter punitivo / Autopunição	n/ve ie pr pu

Nota. Fonte: Adaptado de Cláudio (2009); Pinto-Gouveia, Castilho, Galhardo, & Cunha (2006); Valentini & Alchieri (2009).

* Pertencente ao Domínio Autonomia Diminuída, na versão original do QE, utilizada no estudo (Young & Brown, 1989, traduzida e adaptada por Pinto-Gouveia e Robalo, 1997)

** Pertencente ao Domínio Associação, na versão original do QE, utilizada no estudo (Young & Brown, 1989, traduzida e adaptada por Pinto-Gouveia e Robalo, 1997)

*** Pertencente ao Domínio Valor, na versão original do QE, utilizada no estudo (Young & Brown, 1989, traduzida e adaptada por Pinto-Gouveia e Robalo, 1997)

**** Pertencente ao Domínio Limites e Modelos, na versão original do QE, utilizada no estudo (Young & Brown, 1989, traduzida e adaptada por Pinto-Gouveia e Robalo, 1997)

Neste contexto, sempre que o ambiente parental e social proporciona circunstâncias apropriadas à supressão das necessidades, as crianças desenvolvem-se de forma saudável nas áreas a elas associadas. Contrariamente, quando os cuidadores e o ambiente social fornecem uma envolvente inadequada à criança, esta pode desenvolver EIDs num ou mais

domínios, correspondentes às suas necessidades emocionais não resolvidas (Santana, 2011). Importa então conhecer as características das famílias e descendentes pertencentes a cada domínio (Young et al., 2003; Behary, 2011):

Domínio I - Distanciamento ou desconexão e rejeição

Neste domínio os sujeitos experienciam sensações de frustração relativamente às necessidades de segurança, carinho, estabilidade, cuidado, empatia, partilha de sentimentos, aceitação e consideração, ou seja, vivenciam a falta de vínculos seguros e satisfatórios com outros, nomeadamente com os pais. Estes sujeitos provêm de famílias instáveis, frias, rejeitadoras, imprevisíveis, solitárias, abusadoras e refreadoras (Trindade, Mossati, & Mazzoni, 2009). Assim, os descendentes apresentam uma tendência futura para evitarem relações íntimas ou alternarem repetidamente entre relacionamentos autodestrutivos, por acreditarem que as suas necessidades não serão atendidas. Por conseguinte, quando eles próprios se tornam pais, podem reiterar essas dificuldades relacionais com os seus filhos, privando-os emocionalmente, abandonando-os e, dificultando as suas interações sociais com os demais. O Quadro 2 (Anexo 1) mostra um resumo das características substanciais, dos EIDs deste domínio.

Domínio II - Autonomia e desempenho prejudicados ou diminuídos

Sujeitos deste domínio, viveram na sua infância, expectativas (sobre si e sobre o mundo) que intervieram na sua capacidade em se tornarem independentes dos pais, não conseguindo por isso, desenvolver-se com segurança e firmeza por se sentirem incapacitados e/ou incompetentes, para se separarem dos demais ou conquistarem a autonomia necessária para sobreviver de forma individual, bem-sucedida e com bom desempenho. Estas famílias, caracterizam-se como intrusivas, superprotetoras e pouco reforçadoras/negligentes de desempenhos competentes fora do contexto familiar, visto impedirem experiências individuais da criança ou não lhe facultarem a sua supervisão, devido à criação de um vínculo exacerbado de dependência com o infante, prejudicando-lhe o processo de desvinculação, por terem elas mesmas, dificuldades, em formar uma identidade própria e fazer escolhas adequadas no seu quotidiano (Trindade et al., 2009). Neste sentido, os sujeitos provenientes destas famílias, são assolados por sentimentos de insegurança, fracasso e incompetência ao longo do seu desenvolvimento e, quando se tornam pais, podem ter dificuldades em lidar com situações simples, na criação dos seus filhos. O Quadro 3 (Anexo 2) apresenta uma síntese das características mais latentes, dos EIDs deste domínio.

Domínio III - Limites prejudicados ou indefinidos

Pessoas deste domínio são egoístas, mimadas, carecem de rumos, falham na disciplina em assumir responsabilidades apropriadas, são pouco tolerantes ao desconforto

e à frustração e usualmente destacam-se pelo seu narcisismo (Trindade et al., 2009; Young et al., 2003). Estas características colaboram para: o déficit de limites internos em relação à reciprocidade e autodisciplina; o desrespeito pelos direitos alheios; e, a dificuldade ou prejuízo em cooperar, comprometer-se, cumprir ou orientar-se com regras, objetivos e desafios de longo prazo. As famílias de origem não impõem limites à criança, sendo demasiadamente permissivas e tolerantes. Quando os filhos destes progenitores se tornam pais, colocam sempre a culpa do mau comportamento dos seus filhos, externa a si próprios, uma vez que, acreditam na sua perfeição educativa. O Quadro 4 (Anexo 3) apresenta um sumário das características mais importantes, dos EIDs deste domínio.

Domínio IV – Direcionamento ou orientação para o outro

Neste domínio, encontram-se os esquemas de ênfase excessiva para atender as necessidades, os desejos e os sentimentos dos outros, em detrimento das carências próprias e expressão de sentimentos, tendo como objetivo a obtenção de amor e aprovação, através de uma ligação emocional que evite retaliações. As famílias típicas deste domínio, baseiam-se habitualmente em relações de aceitação condicional (que provocam na criança a perda da sua naturalidade para seguir as suas vontades e desejos), ou seja, as crianças têm de possuir determinadas características para poderem obter amor, atenção ou aceitação, caso contrário, os seus sentimentos e necessidades são descurados, sendo os desejos emocionais dos pais e o *status* social, os alvos da atenção e aprovação destes (Trindade et al., 2009). Os filhos resultantes destas famílias, tornam-se no futuro, pais com dificuldades na educação dos seus descendentes, por se sentirem constante e demasiadamente sacrificados em prol do outro, cobrando por isso, atenção e aprovação dos seus pares e/ou filhos. O Quadro 5 (Anexo 4) apresenta um resumo das características relevantes, dos EIDs deste domínio.

Domínio V - Super/Hipervigilância e inibição

Os indivíduos pertencentes a este domínio, não foram estimulados a procurar a felicidade, mas, aprenderam a ser hipervigilantes perante os eventos adversos da vida, bloqueando por isso, as emoções, sentimentos, impulsos e escolhas pessoais em prol de satisfazer todas as necessidades dos demais sacrificando as suas, conseguindo assim, obter aprovação e evitar retaliações. Estes sujeitos, impedem o compromisso nos relacionamentos íntimos e são demasiadamente descontráidos, por medo de cometer erros ou terem de atender a regras e expectativas rígidas e internalizadas de desempenho e comportamento ético. Usualmente transmitem uma preocupação e pessimismo exagerados, ficando permanentemente em estado de alerta para que a sua vida não se destrua. As famílias destes sujeitos são inflexíveis, excessivamente críticas, severas, punitivas, perfeccionistas e direcionadas para os desempenhos, obrigações e deveres com supremacia sobre os prazeres, alegrias e relaxamentos (Salkovskis, 2005; Trindade et al.,

2009; Young, 2003). Por sua vez, os descendentes, negam os seus sentimentos e espontaneidade para atingirem o seu objetivo ideal de perfeição à custa da sua felicidade, dos seus relacionamentos e até mesmo da sua saúde. Quando estes se tornam pais, são duros e rígidos com os seus filhos, exigindo elevados padrões de desempenho. O Quadro 6 (Anexo 5) apresenta um apanhado das características pertinentes, dos EIDs deste domínio.

1.3. Processos dos EIDs.

Segundo Young et al. (2003) todos os seres desencadeiam três respostas ao perceberem uma ameaça: luta, fuga ou congelamento. Estes autores, afirmam que a ameaça é a decepção de uma necessidade emocional profunda no desenvolvimento afetivo da criança (e.g., ligação segura com os outros, autonomia, espontaneidade, limites realistas, etc.) ou o medo de vivenciar as emoções intensas que o esquema origina. Neste sentido, de forma a ajustar-se aos esquemas e a evitar essas experiências desagradáveis, a criança promove desde cedo, respostas de enfrentamento com estilos de *coping* que inicialmente são adaptativos, tornando-se disfuncionais com a mudança das condições que vai ocorrendo ao longo do desenvolvimento daquela (Young, 1999). Assim, o que era adaptativo na infância torna-se desadaptativo na idade adulta, prendendo o sujeito numa rigidificação do seu estilo de enfrentamento. Segundo Rijo (2009), os processos de enfrentamento destinam-se a manter a legitimidade dos esquemas quando a sua mudança se pode constituir como ameaçadora. Este autor corrobora Young (1999) quando refere que ao recorrer-se continuamente a estes processos, adquirem-se estilos desadaptativos que dificultam a vivência de situações capazes de invalidar os EIDs. Deste modo, compreende-se que os esquemas, através dos estilos de *coping* escolhidos concretizam a sua influência quando se encontram ameaçados, perpetuando-se através de processos de manutenção, evitamento e compensação dos esquemas. Apesar destes processamentos poderem ocorrer, tanto ao nível cognitivo, quanto afetivo ou comportamental (Young, 1999) interessa a esta dissertação, referir somente a forma como acontecem ao nível afetivo no âmbito das noções psicanalíticas (àqueles correspondentes) (Young, 2003): a negação (manutenção, subordinação, resignação ou fuga) do esquema, pelo facto de o sujeito estar intrinsecamente ligado ao seu autoconceito, levando-o frequentemente a sentir-se desesperançado quanto à modificação dos seus EIDs mesmo após ter aprendido a reconhecê-los e a controlá-los, ocasionando um reforço e rigidificação dos mesmos; a repressão (evitamento, congelamento ou paralisação) que provoca no indivíduo uma experiência com elevada intensidade emocional-afetiva, que caso se torne incómoda, leva o sujeito a reagir aversivamente, evitando a ativação do EID por meio de processos volitivos ou automáticos (e.g., raiva, ansiedade, tristeza ou culpa), procurando amortecer as

emoções desagradáveis a ele ligadas, isto é, bloqueando sentimentos desencadeados pelo EID e impedindo que o indivíduo contrarie a autenticidade das suas crenças, uma vez que essa conduta impossibilita o acesso ao esquema e conseqüentemente a sua análise ou avaliação racional; e a formação reativa (hipercompensação ou luta) que remete o sujeito para supercompensar, isto é, para desenvolver sentimentos e afetos opostos ao esquema, lutando contra ele. Contudo, apesar de ser saudável lutar contra esquemas disfuncionais de forma proporcional à situação, considerando os sentimentos alheios e objetivando resultados desejáveis, não se torna benéfica a compensação excessiva do mesmo, pois para além de desconsiderar as necessidades e direitos dos outros, é desproporcional em relação aos factos sendo por isso improdutiva, levando à sua perpetuação e não ao enfraquecimento do mesmo. Assim, quando um sujeito na infância, se sente subjugado ou diferente dos outros, contra-ataca, tentando em adulto, ser perfeito ou desafiar o “mundo” adotando por exemplo, uma conduta narcísica para o conseguir (Young, 2003).

1.4. EIDs e vinculação.

Apesar de a literatura não ser muito rica relativamente a esta temática, podem-se identificar algumas associações, partindo da psicopatologia para os EIDs e padrões de vinculação. Neste contexto, Guidano (1987) diz que no indivíduo, a distorção das concepções sobre si mesmo (EIDs), demarca uma atitude inflexível e protetora sobre ele, problematizando a interação posterior com outras construções de identidade pessoal e de realidade (os outros). Bowlby (1998) refere que ao longo do desenvolvimento e estruturação da personalidade, existe uma relação entre carência emocional precoce e desenvolvimento de patologias, podendo-se sugerir a existência subjacente de um desenvolvimento normal e de um patológico. Dozier, Stovall e Albus (1999) concordam que, o modelo desenvolvimental de Bowlby (1985) está nitidamente ligado à psicopatologia pois o desenvolvimento vincutivo entre a criança e o seu cuidador, além de influenciar as representações sobre si e os outros, também faculta estratégias ao sujeito, para elaborar pensamentos e emoções em relação à vinculação e à própria figura vinculativa. Bowlby (2002) menciona que para a formação de *working models* funcionais, a mãe deve ser sensível e reativa aos sinais e necessidades da criança, considerando-os por isso, como estruturas principais explicativas, tanto da funcionalidade quanto da disfuncionalidade (passível de evoluir para a psicopatologia) no adulto. Em 2003, Young alvitra que as dificuldades ou problemas na vida adulta (nas interações com os demais), aparecem em resultado dos EIDs e de estratégias de *coping* desadaptadas que se desenvolvem durante a infância ou adolescência, quando as necessidades básicas infantis não são atendidas, sendo por isso elaborados ao longo da vida de forma encoberta, distorcida e disfuncional (Young et al., 2003) e perpetuados nas interações com os outros (Kelvin, Goodyer, Teasdale

& Brechi, 1999). Bornstein (2005) também defende uma relação estreita entre EIDs, Modelos Internos Dinâmicos (MIDs) e vinculação, referindo que a teoria dos esquemas, tal como a da vinculação, postula que as experiências precoces (de proteção e segurança e, providência e consistência de cuidados) com as figuras significativas (ou de vinculação) concebem a base necessária às experiências futuras de relações de proximidade e à capacidade de instituir relações vinculativas saudáveis na idade adulta. Rijkeboer, van den Bergh & van den Bout (2005) confirmam a noção proposta por Young (2003) quando concluem que ao nível da capacidade discriminativa, os EIDs nos adultos se constituem como importantes reveladores da presença ou ausência de psicopatologia. Mais recentemente, Canavarro (2006) refere que os padrões depressivos advêm de relações afetivas da infância marcadas por privações e denegações e que os padrões agora-fóbicos sobrevivem de relações reguladas pela intromissão dos pais no comportamento exploratório e procura de autonomia da criança. Dozois, Frewen e Covin (2006) fortalecem a ideia de que os Estilos Parentais (EPs) e a qualidade e tipo das relações afetivas criadas prematuramente com pessoas significativas, colaboram para o início do desenvolvimento positivo ou negativo (EIDs) de crenças na criança, acerca de si, dos outros e do mundo. Por sua vez, van Vlierberghe e Braet (2007) acrescentam que os EIDs perante eventos estressantes vulnerabilizam os sujeitos ao desenvolvimento de perturbações psicopatológicas e concordando com Muris (2006), confirmam a existência de uma clara associação entre aqueles e problemas de internalização e externalização de comportamento na psicopatologia dos adolescentes. Deste modo, se por um lado uma vinculação segura possibilita a obtenção de capacidades autorreguladoras, sentimentos de autoeficácia e entendimento das emoções, proporcionando o desenvolvimento no sujeito crenças positivas acerca de si próprio (Dozois et al., 2006), por outro lado as vinculações precoces inseguras (ansiosas/ preocupadas e/ou evitantes) promovem na criança, o reforço de representações negativas acerca de si e dos outros ou a adoção de pensamentos e emoções distorcidos sobre a realidade, ficando mais vulnerável ao desenvolvimento de padrões psicopatológicos no futuro (Canavarro, 2006). Posto isto, pode-se inferir que há uma estreita relação entre EIDs, vinculação e psicopatologia.

1.4.1. Modelos Internos Dinâmicos (MIDs).

Relativamente aos MIDs, Young et al. (2008) relatam que esse conceito de Bowlby (1985) é similar à noção de EIDs, pois tal como estes, assentam em modelos de interação entre a criança e a mãe (ou outra figura de vinculação). Neste sentido, se a figura de vinculação reconhecer e respeitar na criança as suas necessidades de proteção e de se tornar independente, promove-lhe o desenvolvimento favorável de MIDs de si mesma (e.g., a habilidade, a competência, etc.). Contrariamente, se a mãe descuidar frequentemente essas necessidades, a criança irá desenvolver MIDs de si própria como incapaz e

incompetente. Neste sentido, os EIDs são modelos internos dinâmicos disfuncionais e as respostas das crianças aos cuidadores, são as suas habilidades de *coping*. Na mesma linha de raciocínio os autores referem ainda que tal como os esquemas, os MIDs também organizam a informação, pelo que em casos de distorção defensiva dos mesmos, estes começam a ser cada vez menos acessíveis à consciência e mais resistentes à mudança, tornando-se mais rígidos, habituais e automáticos, tal como acontece com os EIDs (Dozois et al, 2006; Young et al., 2003). Ao mesmo nível, Young (2003) sustenta a noção de que as memórias de relações precoces dolorosas com os cuidadores estão no centro dos EIDs, indo ao encontro da teoria da vinculação que defende a representação internalizada dos objetos (MIDs).

1.4.2. Memórias Autobiográficas (MABs).

Como apresentado até aqui, pode-se considerar que os EIDs são fatores que indubitavelmente condicionam a forma como os sujeitos pensam, sentem, atuam e se relacionam com os demais, uma vez que recaem no *self* e na relação com os outros, são compostos por memórias, emoções, cognições e sensações corporais e influenciam o processamento de informação pelo indivíduo (Young et al., 2003), nomeadamente na codificação e evocação de memórias autobiográficas, como sugere Cláudio (2009). Em 1991, Cañas e Bajo já defendiam que a organização da memória autobiográfica assenta nos esquemas do *self* e que estes não seriam mais do que conceptualizações cognitivas sobre o próprio, provenientes da informação adquirida em experiências passadas, tendo a seu serviço a organização hierárquica da informação processada pelo indivíduo. Neste sentido, Bluck e Levine (1998) dizem que quanto maior for a compatibilidade entre os esquemas do sujeito e a sua memória biográfica, maior é a probabilidade de esta ser recordada a longo prazo. Arntz e Weertman (1999) enfatizam a importância de uma melhor compreensão das memórias da infância (Last, 1997) ao nível da representação mnésica que a criança tem sobre as experiências vividas, uma vez que ao serem reinterpretadas, as memórias podem conduzir à remodelação de EIDs no sujeito. Outrossim, refere-se a Wilson e Ross (2003) que defendem uma bidirecionalidade entre a memória autobiográfica e a identidade pessoal, onde as crenças e objetivos presentes influenciam a recuperação daquela, ao mesmo tempo que a planificação e determinação de metas são orientadas pelas recordações do passado. Acresce mencionar que para Cláudio (2004), os EIDs para além de serem sensíveis a alterações psicopatológicas, podem também estar associados às memórias autobiográficas, no sentido em que em sujeitos com alteração psicopatológica, alguns EIDs relacionam-se positivamente com as memórias negativas e negativamente com as memórias positivas. Por sua vez, Spinhoven, Bockting, Kremers, Schene e Williams (2007) partilham desta ideia no que se refere à natureza das memórias, dizendo que alguns

EIDs (e.g., os de orientação para o outro) podem interferir no tipo de memórias que são recordadas com maior ou menor facilidade, intensidade e frequência, constituindo-se por isso como unificadoras do autoconceito (Hou, Miller, & Kramer, 2005) e ocupando um papel central na organização da personalidade. Perante o exposto, pode-se considerar que a recuperação da memória autobiográfica se relacione com os esquemas do indivíduo e com a conservação de coerência do *self*.

1.5.EIDs e os Relacionamentos Amorosos.

No que respeita à dinâmica amorosa, Willi (1985) afirma que a relação entre adultos é o tipo de ligação que mais se aproxima da relação pais-filho relativamente à influência que cada elemento exerce sobre o outro e na própria relação, ao carregarem consigo um conjunto de crenças construídas ao longo das suas vivências com a família de origem. Este autor designa os problemas e as dificuldades dos pares amorosos como *colusão*, referindo que esta poderá estar presente de forma inconsciente desde a escolha do parceiro apontando assim para quatro tipos de *colusão*: **1) a interação cuidador-desamparado**, onde um parceiro se mantém como protetor, enquanto o outro desempenha papel frágil e dependente; **2) a interação dominador-passivo**, na qual um dos pares exerce a função dominadora da díade, enquanto o outro pratica um papel passivo; **3) a relação polarizada**, em que só um efetiva o seu potencial, enquanto o outro renuncia as suas necessidades e desejos em prol do primeiro; e, **4) a relação de inveja e rivalidade**, onde ambos, levam a cabo uma luta crónica pelo domínio. Note-se que, a complexidade das relações amorosas, nomeadamente as menos saudáveis, acarreta por parte dos sujeitos, lutas internas de desejos e necessidades não atendidas (de cuidado, proteção e pertença) e, por conseguinte, carrega sentimentos dolorosos que direcionam os indivíduos a uma variedade de mecanismos auto-protetores como formas específicas de lidar com essas experiências. Haverá, portanto, um entrelaçamento de esquemas de cada parceiro como formas de enfrentamento a essas lutas internas e sentimentos dolorosos, onde cada um age na perpetuação do esquema, através da resignação ou manutenção, “usando” o outro como meio de evitação desse sofrimento e compensação do alívio da dor emocional (Willi, 1985; Young, et al., 2008). Torna-se evidente que este jogo de interação promove respostas que se reforçam reciprocamente, uma vez que os EIDs ativados inserem um viés sistemático no processamento da informação, formando padrões de interação que se repetem pela ativação recorrente de um sistema de crenças trazido de geração para geração por cada um dos elementos da relação (Elkaïm, 1990; Papp, 1992; Willi, 1985). Ellis (1977, cit. por Dattilio & Padesky, 1995) justifica as incongruências conjugais com as expectativas irreais e imposições exageradas de cada cônjuge acerca da relação, tendendo a considerá-la extremamente negativa quando insatisfeito com a mesma. Neste âmbito, Beck (1991/95) enfatiza ainda a importância do desenvolvimento de algumas expectativas entre os parceiros, afirmando que a intensidade do relacionamento favorece certos desejos há muito

sopitados, o que quer dizer que tudo o que for feito por um deles vem sempre carregado de significados provenientes desses anseios e expectativas. Complementarmente, Dattilio e Padesky (1995) referem que, a personalidade dos indivíduos é formada por esquemas provenientes de vivências pessoais e influências familiares e sociais, que dependendo da forma como se constroem, influenciam por sua vez, o modo pelo qual as experiências vividas são avaliadas, codificadas e categorizadas. De acordo com Young (2003), muitas vezes a empatia sentida no início de um relacionamento amoroso nada mais é do que a “atração ou química” dos esquemas, por estarem ligados a altos níveis de afeto e verdades a priori. Porém, esse início “químico”, após algum tempo de relacionamento, torna-se regularmente complicado e traumatizante. Há que considerar então que estes relacionamentos amorosos, enquanto modelos adultos de intimidade, pressupõem algum grau de conflito visto aglomerarem esperanças de satisfação de muitas necessidades oriundas de relações primitivas, que tendo sido armazenadas ao longo dos anos reaparecem com a expectativa de salvação na interação com o parceiro. Assim, se a emoção for um foco na compreensão dos relacionamentos amorosos, entende-se porque é um estruturador primário da experiência íntima e porque influencia significativamente os padrões de interação, as percepções e as atribuições de significado dessas relações (Schwartz & Johnson, 2000). Quer isto dizer que nas relações amorosas da vida adulta, os indivíduos atribuem ao outro e à própria relação, as circunstâncias adequadas à resolução das suas necessidades internas não satisfeitas na infância e muitas vezes contraditórias na sua realidade atual (Young, 2003). Verifica-se então que a manutenção dos EIDs nos indivíduos, pode ser influenciada pela eleição do parceiro íntimo e da própria interação amorosa (Young et al., 2008), uma vez que as situações vividas no relacionamento desencadeiam uma interação esquemática no par, que por sua vez se reveste de um padrão repetitivo, auto-perpetuado e destrutivo, envolvendo ciclos complexos e desadaptativos de respostas cognitivas, comportamentais, emocionais e biológicas que tornam as relações igualmente disfuncionais (Yoosefi, Etemadi, Bahrami, Fatehizade & Ahmadi, 2010; Young & Behary, 1998). Assim, de acordo com Young et al. (2003) os EIDs podem corroborar tanto para a manutenção (patológica ou não) de uma relação, como também para a sua ruptura consoante a valência, estando esta relacionada com a capacidade de alteração do esquema, isto é, com a rigidez esquemática. Para Scribel, Sana e Benedetto (2007), na relação amorosa existem diversas crenças (esquemas) flexíveis que se adequam às circunstâncias, porém se esses esquemas forem rígidos tendem a ser desadaptativos. Wright, Crawford e Del Castillo (2009) relatam que a forma como os indivíduos internalizam as experiências de abuso e negligência emocional na infância, influenciam as emoções posteriores, tendo os EIDs como mediadores entre as experiências precoces e os sintomas emocionais na vida adulta. Assim, Young et al. (2008) relatam que se a relação se efetiva com sujeitos bem adaptados, os esquemas primitivos ativados ocasionam crenças flexíveis que se adequam às circunstâncias e ao momento atual, resultando em ligações amorosas que por meio da satisfação, cooperação e cumplicidade, fortificam e desenvolvem o vínculo

amoroso e cada um dos indivíduos direcionando-os para o crescimento; contrariamente, se a escolha e a conexão amorosa envolvem pessoas cujos esquemas são desadaptativos, então, geram-se atitudes disfuncionais em muitas situações quotidianas que resultam numa relação perturbada, demarcada por um clima de insatisfação e conflito crónico e governada por crenças distorcidas, expectativas irrealistas e identidades que se boicotam mutuamente empobrecendo-se individualmente ou promovendo o aparecimento de sinais depressivos e de ansiedade. Estes autores acentuam ainda que estas relações amorosas estabelecidas a partir de EIDs, têm presentes os cinco domínios dos esquemas e executam os processos de enfrentamento, de evitação, manutenção ou compensação de esquemas. Diante do apresentado, é importante conhecer os esquemas mais comuns dos relacionamentos amorosos mal-adaptativos e de que forma os sujeitos se resignam à “atração ou química” dos mesmos, os evitam ou mantêm de acordo com as crenças associadas (cf. Quadro 7 - Anexo 6). Perante o exposto até aqui, torna-se então evidente a existência de um consenso entre os diversos autores no que se refere à escolha do parceiro e à construção da relação amorosa ocorrer a partir de uma conjunção de esquemas dos sujeitos envolvidos que influencia e direciona a sua interação de forma adaptativa ou disfuncional devido ao facto de cada sujeito transportar consigo princípios profundos e primitivos da sua vida que influenciam a sua decisão e formas de se relacionar com o outro. Neste sentido compreende-se que a seleção amorosa é direcionada a uma satisfação dos requisitos pessoais do indivíduo para de forma consciente ou inconsciente confirmar crenças precoces sobre si mesmo e sobre o mundo, enquanto a formação da relação amorosa pretende reeditar interações conflituosas passadas, fornecendo uma possibilidade de resolução ou manutenção do conflito (Framo, 1985; Pincus & Dare, 1981; Willi, 1985; Young, 2003).

2. Estilos Parentais (EPs)

2.1. Tipos de EPs.

Vários autores têm contribuído para uma classificação dos Estilos Parentais (EPs) de forma a: **1)** conseguir-se avaliar o seu impacto no desenvolvimento psicossocial das crianças; **2)** prevenir-se que os mesmos sofram efeitos nocivos; e **3)** promover-se hábitos saudáveis na relação pais-filhos. Seguindo esta perspectiva, Baumrind (1972), sintetizou as dimensões estudadas em três tipos de EPs: o **autoritário**, o **permissivo**, e o **autoritativo** (competente, equilibrado ou democrático-recíproco). Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) dividiram o estilo parental permissivo em indulgente e negligente (ou não envolvido), considerando o maior envolvimento dos pais, do primeiro em relação ao segundo. Neste sentido, para uma melhor compreensão, construiu-se o Quadro 8 (Anexo 7) com uma síntese das características de cada um dos EPs considerados pelos três autores, uma vez que em 1989, Baumrind passa a considerar a categoria “negligente” de Maccoby e Martin (1983). Para além destes autores, existiram outras contribuições teóricas no estudo dos Estilos e Práticas Educativas Parentais (PEPs) com a inclusão de novos modelos. Neste âmbito, cabe ressaltar a influência do modelo de Hoffman (1970, cit. por Alvarenga & Piccinini, 2001) que descreve três EPs: o de afirmação de poder (equiparado ao estilo autoritário de Baumrind), o de retirada de afeto ou de amor e o de indução (equiparado ao estilo autoritativo de Baumrind, porém sem uso do controlo orientador de regras e limites). Em 1992, Kellerhals, Montandon, Ritschard e Sardi (1992) identificaram três EPs segundo o tipo de interação familiar e a condição socioeconómica da família: o estilo contratualista, o estilo estatutário e, o estilo maternalista. Posteriormente, Franco (1998) fala de quatro EPs: os simplicistas, os permissivos, os desaprovadores e os verdadeiramente preparadores emocionais dos seus filhos, considerando estes últimos como extremamente influentes no sucesso e felicidade das crianças. Alberdi (1995) combina três estilos de relação pai-filho: o autoritário, o de apoio indutivo e o irregular (ou inconsistente). Mais recentemente, Gomide e Sampaio (2006) afirmam que, a relação instituída nos EPs, também pode ser estudada através das PEPs (positivas ou negativas), objetivando a educação, socialização e controlo do comportamento dos filhos, conotando os EPs decorrentes, consoante a predominância das condutas adquiridas respetivas. Assim, as PEPs e EPs positivos baseiam-se numa monitorização positiva, modelada pela atenção, moralização, estabelecimento de regras e partilha constante e segura de afeto, promovendo desse modo, condições adequadas ao desenvolvimento da empatia, senso de justiça, responsabilidade, etc.; ao passo que, as PEPs e EPs negativos reúnem o desleixo, o abuso físico e psicológico, a fraca disciplina, a punição incoerente e a monitorização negativa, com excesso de regras independente do seu cumprimento e um ambiente de convivência adverso (Gomide & Sampaio, 2006). Em síntese, considerando a múltipla teoria supracitada, pode-se afirmar que nesta conjetura, o modelo parental autoritativo ou democrático, deve ser o idealmente praticado para a

promoção do desenvolvimento adequado e adaptativo da personalidade da criança e para a estimulação das suas capacidades, padrões sociais, habilidades de comunicação e socialização, por assentar num equilíbrio entre a capacidade de resposta e exigência dos pais face aos filhos e também por combinar equilibradamente a autoridade e o afeto não descurando porém, o estabelecimento igualmente criterioso de regras e limites.

2.2.EPs e vinculação.

Canavarro (1999) reconhece que, as relações significativas que se criam com os mais próximos, podem ser, tanto de risco como de proteção, pois, se por um lado, possibilitam o sentimento de segurança e autoestima para o bem-estar da pessoa, por outro, podem gerar contextos adversos de vida que acarretam sofrimento. Neste âmbito, Trevarthen (2003) e Carvalho (2007) concordam na defesa de que o ser humano como ser social, orienta constantemente os seus comportamentos para satisfazer as suas necessidades de criar vínculos sociais e alcançar a atenção da figura de vinculação.

2.2.1. Modelos Internos Dinâmicos (MIDs).

O conceito de MIDs deriva dos princípios defendidos na teoria da vinculação de Bowlby (1969, cit. por Ramires & Schneider, 2010), no que se refere ao impacto que as relações precoces de vinculação têm no desenvolvimento subsequente do indivíduo, isto é, na vida adulta. Main, Kaplan e Cassidy (1985) referem que os MIDs se desenvolvem no sujeito a partir de experiências do seu mundo interpessoal (nas relações criadas com as figuras primárias de vinculação e com todas as pessoas com quem o indivíduo se vai cruzando ao longo do desenvolvimento, ainda que em menor grau), formando uma representação interna do *self* composta por esquemas mentais cognitivos (e.g., crenças, expectativas), afetivos, motivacionais (e.g., atenção, interpretação da informação) e comportamentais (e.g., regras de conduta) em situações de interação subsequentes (Berman & Sperling, 1994; Hazan & Shaver, 1994; Kobak & Sceery, 1988). Ainsworth (1989) considera o afeto como parte do processo de criação dos MIDs de funcionamento ou *internal working models*, indo ao encontro de Bowlby (1989) quando este afirma que cada pessoa constrói um “projeto” interno a partir das primeiras experiências com as figuras de afeto, acrescentando que essas representações mentais (conscientes e inconscientes), apesar de se originarem cedo no desenvolvimento, evoluem lentamente sempre sob o domínio subtil das experiências afetivas da infância (principalmente), da adolescência e da vida adulta, ajudando “[...] o indivíduo a perceber os acontecimentos e a antever e arquitetar planos para o futuro [...]” (Bowlby, 1998, p. 203). Collins e Read (1990) intensificam esta ideia ao proporem que, o sujeito desenvolve diversos MIDs de acordo com as diferentes relações, estabelecendo uma hierarquia dos mesmos dependendo das expectativas e comportamentos igualmente distintos. Baldwin, Fehr, Keedian, Seidel e Thompson (1993) compartilham desta perspetiva

propondo que os MIDs são formados por esquemas relacionais que contêm não só informação sobre si e sobre os outros (sendo coerente com as concepções anteriores de MIDs) mas também informação sobre as formas como se desenrolam as interações com os parceiros. Van IJzendoorn (1995) enfatiza a pertinência da vinculação na medida em que as representações internas do sujeito acerca da relação com os seus pais vão influenciar os seus estilos educativos parentais (Bowlby, 1988, cit. por Van IJzendoorn, 1995). Neste contexto, Bowlby (1998) descreve os MIDs como representações mentais conscientes e não conscientes do sujeito, sobre si próprio (*self* - alvo da responsabilidade dos outros), o mundo e os outros (pessoas e figuras de afeto que estejam disponíveis para apoio e proteção), objetivando a compreensão da realidade que o rodeia e, a capacidade para delinear e antecipar o futuro. Para Furman, Simon, Shaffer e Bouchey (2002) o conceito *working model* descreve as representações ou expectativas que orientam o comportamento do sujeito, servindo-lhe de suporte para predizer e compreender o comportamento de outras pessoas às quais se sente vinculado. Neste contexto, os MIDs instaurados com os cuidadores primários são a base para todos os relacionamentos íntimos futuros pois começam cedo a exercer a sua influência, ou seja, as imagens internas que a criança edifica na sua relação com as figuras iniciais vinculativas influenciam as interações com outras pessoas desde a infância até à idade adulta, expressando-se nos padrões ou estilos de afeto e de vinculação que o sujeito exibirá nas suas interações interpessoais significativas (Ainsworth, 1969; Bretherton & Munholland, 2002). Por isto, uma das características principais destes modelos é a sua estabilidade e propensão para perdurarem no tempo, o que quer dizer que as mudanças ambientais podem facultar ao sujeito, experiências interpessoais (com a devida integração na história e transformações ocorridas ao longo do ciclo de vida) confirmadoras ou não das suas representações formadas (sobre si e os outros) a partir das relações afetivas primárias. Neste âmbito, os MIDs dizem-se dinâmicos pelo facto de acontecerem ao longo do desenvolvimento de um indivíduo e numa diversidade de relações intra e extrafamiliares, proporcionando-lhe novas oportunidades de aprendizagem acerca de si próprio e da natureza das relações íntimas (Collins & Read, 1990). Zimmermann (2004) refere que, os MIDs formam uma base de dados que pode ser acedida aquando da construção de novas relações. Diversos estudos longitudinais corroboram a ideia de existir alguma estabilidade em termos da vinculação (Cassidy & Shaver, 2002; Fraley & Shaver, 2000; Pinhel, Torres, & Maia, 2009; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000), pois verificam que à medida que o indivíduo se vai desenvolvendo, vai construindo, integrando e reelaborando os seus próprios MIDs de forma mais complexa, intensificada, adequada, eficaz e sofisticada ao nível da organização da experiência e da orientação para a ação e vai igualmente desenvolvendo estratégias que promovam a vinculação através de comportamentos que permitam manter a figura vinculativa perto de si, como garantia de proteção e segurança (Baldwin & Fehr, 1995; Bretherton & Munholland, 2002; Miljkovitch, 2004; Salvaterra, 2007). Dias (2007) refere que a noção de MID vai além do cognitivo, pois é flexível no sentido que permite transmitir, armazenar, manipular e modificar a informação

que auxilia o sujeito a antecipar o futuro tanto melhor quanto mais adequado for o seu MID. Posto isto, constata-se que os MIDs são essenciais na regulação do comportamento, nas capacidades de reciprocidade e nas interações ao longo do ciclo de vida de um indivíduo, uma vez que existe uma tendência de recriação do modelo interno de afeto primário, nas relações atuais e futuras do indivíduo (Pietromonaco & Barret, 1997). Em função disso, Bowlby (1990, cit. por Ramires & Schneider, 2010) elucida que para uma criança desenvolver um modelo de funcionamento de self valorizado e competente, é necessário que o mesmo seja construído numa relação com uma vinculação segura, onde os próprios cuidadores primários tenham um padrão de funcionamento emocionalmente disponível, responsivo e apoiante do seu filho na exploração do meio (Bosmans, Braet, Leeuwen, & Beyers, 2006; Dwyer, 2005). O mesmo autor esclarece que, se a criança desenvolver um modelo de funcionamento de self desvalorizado e incompetente, então isso é o reflexo de uma vivência com cuidadores cujo modelo de ação interfere negativamente na exploração do meio pela criança e/ou é rejeitador ou desinteressado pelas necessidades de vinculação da mesma (Bretherton & Munholland, 2002). De facto, quanto mais apropriadas, complacentes, flexíveis e atualizadas forem as representações das relações de vinculação, mais empregáveis e úteis serão as suas predições (Miljkovitch, 2004; Soares, 2007). Segundo alguns autores, tudo isto sugere a existência de um modelo dinâmico da relação de vinculação (*working model of attachment relationship*), onde o que é construído é um modelo da interação de acontecimentos relacionais e não um modelo do *self* e da figura de vinculação independente daquela diversidade relacional (Kobak, 1994; Main et al., 1985; Sroufe, Fox, & Pancake, 1983). Assim, criados de forma inconsciente e desde cedo, os MIDs permitem uma maleabilidade que promove uma adaptação futura às circunstâncias e possibilidades. Seguindo estes conceitos, na vida adulta a procura pela proximidade da figura de vinculação é substituída pela ativação de representações mentais (modelos representacionais ou MIDs) que criam uma sensação de segurança, isto é, uma aproximação simbólica do outro. Desta forma, essas representações são introjetadas e depositadas na memória associativa a partir das interações com as figuras de vinculação, permitindo que o indivíduo se regule por si próprio ou até mesmo por outro indivíduo, conseguindo prever as futuras interações nessa relação, ajustando-se a elas sem ter de as repensar ou reconstruir (Mikulincer & Shaver, 2007). Além disso, como o comportamento de vinculação vai sendo corrigido segundo as metas ou objetivos do sujeito, este armazena as informações necessárias ao alcance dos mesmos a partir de representações mentais, que por sua vez vão sendo alteradas de acordo com as repetições de experiências de vinculação. Nesta perspetiva, consegue compreender-se que os MIDs tenham uma natureza cognitivo-afetiva no sentido da memória afetiva auxiliar à recordação das emoções sempre que lida com as perceções e expectativas ligadas às representações. Deste modo, os MIDS utilizam a memória episódica da relação de vinculação, a memória declarativa da resposta do outro e da eficácia das ações do sujeito e a memória operativa/procedimental na forma como as pessoas respondem a essa situação e como lidam com as diversas

origens do sofrimento (Mikulincer & Shaver, 2007). De acordo com o exposto, verifica-se que os MIDs são de extrema importância, pois ao terem a função adaptativa de construir representações adequadas do *self*, das figuras de vinculação e do ambiente, se o processamento defensivo das informações se sobrepõe ao processamento seletivo/adaptativo, pode ocorrer a patologia (Bowlby, 1990, cit. por Ramires & Schneider, 2010; Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990) por uma desregulação do que se sente (Ramires & Schneider, 2010) e do que se percebe dos outros no que respeita à segurança (Pietromonaco & Barrett, 2000), visto os MIDs serem organizados a partir de expectativas que o indivíduo detém sobre o *self*, os outros significativos e a relação construída entre ambos. Destarte, tanto os processos de representação que o adulto detém sobre as figuras parentais, quanto a função materna suficientemente boa (Winnicott, 1978), são extremamente importantes na medida em que determinam quais as características parentais que fomentam ligações seguras que por sua vez possam desenvolver naquele competências afetivas e defesas adaptativas, assentes em MIDs e capacidades reflexivas do *self*, adequados a uma exploração das suas ligações e do mundo, com segurança (Fosha, 2000). Convém ressaltar, que as diversas fases de desenvolvimento dos MIDs não desaparecem com o aparecimento da(s) seguinte(s), acontecendo ao longo da vida numa acumulação progressiva e de interação conjunta de visões do *self* (Fonagy, Gergely, Jurist, & Target, 2004), competências sócio-afetivas e de formas de ser com os outros. Posto isto, se se pensar no conceito de MIDs enquanto um conjunto de normas procedimentais que administram configurações importantes do comportamento e absorvas nas representações cognitivo-afetivas do *self*, dos outros e das interações entre o *self* e os outros (Eagle, 2003), pode-se rever e/ou aproximar dos conceitos de representações de interações generalizadas de Stern (1992), de estruturas de interação de Beebe e Lachmann (1988) ou de unidades de afeto-*self*-objeto de Kernberg (1988). Assim pode-se verificar que a noção de MID é igualmente semelhante à de representações de objeto e do *self* da psicanálise, aproximando-se do conceito de relações de objeto internalizadas no que respeita aos aspetos emocionais de relacionamento e resposta codificados e correspondentes a modelos e esquemas que organizam a personalidade do sujeito (Barrett, 2000).

2.2.2. Memórias Autobiográficas (MABs).

As memórias de infância, embora se tratem de simples recordações de episódios ocorridos nessa fase, são de grande importância na formação da identidade do indivíduo, pois influenciam a percepção do mesmo acerca de si próprio, dos outros, das suas expectativas e do que espera dos demais (Richter, Gilbert, & McEwan, 2009). Desta forma, as memórias intersectam-se com o *self*, a emoção, os objetivos e os significados pessoais do sujeito. Assim, as maturações fisiológicas, psicológicas e sociais de um sujeito, tal como a atividade desses aspetos, estão intimamente ligadas às experiências da primeira infância, nomeadamente as que se relacionam com circunstâncias de segurança ou ameaça

especialmente no seio familiar (Gerhardt, 2004; Schore, 1994). Destarte, percebe-se que as ligações de vinculação se relacionam com a capacidade de recordação (evocação) das memórias pessoais (autobiográficas) e compreensão ou atribuição de significado de vivências passadas. Neste sentido, as diferenças individuais no estilo de vinculação alteram a forma como o sujeito percebe e reage a essas memórias resultantes dessa interação social. No enquadramento dos EPs e visto estes envolverem a vinculação, percebe-se que tal como aqueles, as relações de vinculação também estão relacionadas com a recordação de MABs, uma vez que estas se encontram em parte condicionadas pelas interações (ou vinculações) com pessoas significativas (os pais ou cuidadores primários) segundo uma experiência de narração emocional (Conway & Pleydell-Pearce, 2000). Neste campo, as MABs constituem-se como uma experiência pessoal significativa decorrente da interação social, uma vez que através do diálogo com os adultos e por evocação, o sujeito vai aprendendo o significado pessoal de informações e situações ou acontecimentos marcantes passados (Williams, Conway, & Cohen, 2008) e em simultâneo vai desenvolvendo uma síntese e um referencial da sua história de vida com recurso a diversas habilidades cognitivas (Brewer, 1986). Apesar de habitualmente a MAB ser confundida com a memória episódica, convém esclarecer que, a primeira é mais vasta que a segunda uma vez que se relaciona com tipos de representação distintos, abarcando informação específica do sujeito, desde o seu nascimento, proporcionando-lhe por isso a construção e socialização do *self*, ou seja, facultando-lhe a criação e manutenção da identidade, autoconceito e continuidade do sujeito, permitindo-lhe conseqüentemente, definir-se, reconhecer-se e expressar-se (Belli, 2010). Neste âmbito, Howieson e Priddis (2009) mencionam que pelo facto de os afetos se encontrarem estreitamente arrolados às memórias, estas desempenham uma função de relevo na organização do *self*. Assim, a MAB englobando a lembrança de acontecimentos específicos (auto-referentes) da vida pessoal do sujeito (com detalhes de tempo, espaço, causalidade e emoções pessoais), suplanta a interação entre a memória episódica (responsável pelo armazenamento e recordação de acontecimentos pessoais) e a memória semântica (responsável pelo registo e recuperação de informações gerais, como a linguagem, a imaginação ou o julgamento) (Pergher & Stein, 2008). Explicando melhor, pode-se dizer que o *self* age como um guia primordial, orientando e verificando o acesso ao conhecimento autobiográfico, enquanto a memória autobiográfica desempenha uma interação contínua entre memórias episódicas e emoções e, o sentido de continuidade do *self* e da história pessoal de vida (influenciada por fatores genéticos, psicológicos, situacionais, culturais e sociais) (Rubin, Schrauf, & Greenberg, 2003). Seguindo estas noções e relembrando que os sentimentos de segurança, a regulação de afetos e os MIDs são componentes basilares dos relacionamentos de vinculação (Bowlby, 1982; Gilbert, 1989), então consegue-se alcançar a sua associação com a forma como os sujeitos codificam e/ou evocam as MABs dessas relações. Neste âmbito, uma vez que os MIDs são ativados no processamento da informação, é expectável que exista uma ligação entre o tipo de vinculação e o modo como o indivíduo codifica e/ou evoca as memórias autobiográficas.

Esta relação entre as memórias de cuidado e segurança na infância e a vinculação torna-se assim extremamente importante ao desenvolvimento emocional do sujeito ao longo da sua vida. Canavarro (1999) afirma que sujeitos adultos procedentes de uma vinculação segura, para além de traçarem como favoráveis as suas relações atuais as suas figuras vinculatórias, também as recordam positivamente descrevendo-as como disponíveis, carinhosas e preocupadas em tentar sempre encontrar o melhor para os seus filhos (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Rothbard & Shaver, 1994); os adultos provenientes de vinculações inseguras/ansiosas, apesar de as recordarem também como carinhosas e protetoras (durante menos tempo), afirmam terem sido menos disponíveis a nível comunicativo (Belsky, Spritz, & Crnic, 1996; Sutin & Gillath, 2009); por sua vez, adultos oriundos de uma vinculação insegura/evitante, relembram as figuras vinculativas como sendo menos preocupadas, menos carinhosas e constantemente rejeitadoras dos seus pedidos; relativamente aos adultos descendentes de vinculações inseguras/desligadas, recordam-se dos pais como figuras de vinculação, porém não conseguem evocar exemplos de suporte a essa ideia. Decorrente destas noções, pode-se perceber que tanto a figura de vinculação na infância quanto o parceiro na vida adulta, ao desempenharem uma função mediadora dos sentimentos de segurança e de proteção no indivíduo, vão afetar igualmente a MAB deste (Bowlby, 1982; Mikulincer & Shaver, 2004; Sroufe & Waters, 1977), não no sentido de alterar o tipo de memória recordada, mas sim na forma como a mesma é vivida afetivamente no presente. Contudo, há que acrescer que para além destes fatores, também as características individuais de cada sujeito são importantes a esta construção de memórias (Rubin, Nelson, Hastings & Asendorpf, 1999).

2.3.EPs e os relacionamentos amorosos.

Como já se verificou, os pares amorosos na adolescência tornam-se importantes no desenvolvimento do sujeito, pois, para além de serem promotores de padrões de vinculação (Freeman & Brown, 2001; Hazan & Shaver, 1987), companheirismo, suporte afetivo-emocional (Darling & Steinberg, 1993; Strage & Brandt, 1999), intimidade (Furman & Buhrmester, 1992), interdependência e proximidade (Laursen & Williams, 1997, cit. por Laursen & Jensen-Campbell, 1999), também trazem a descoberto uma atividade mais acentuada da exploração do meio ambiente no que toca à criação e manutenção desses relacionamentos. Deste modo, a forma como as PEPs e os EPs se desenvolvem na infância e adolescência (Allen & Land, 1999; Collins & Sroufe, 1999; Gray & Steinberg, 1999), revela-se na autoconfiança, autonomia, habilidades cognitivas, competência em estabelecer vinculações seguras e na capacidade de resolução e enfrentamento dos problemas quotidianos por parte do indivíduo, nesta exploração do ambiente (Allen & Hauser, 1996) e consequentemente na sua capacitação para transmitir melhor essas características e expectativas para as suas relações amorosas subsequentes (Cassidy, 2000; Collins, Cooper, Albino, & Allard, 2002; Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000; Connolly & Goldberg, 1999). Neste contexto, Ainsworth, (1989) e Schaffer (2000), concordam no sentido em que

as experiências negativas adquiridas no contexto familiar de origem, podem igualmente prever o desenvolvimento de dificuldades emocionais e sociais a diversos níveis, nomeadamente na incapacidade futura do filho em criar e manter relações amorosas satisfatórias. Nesta perspetiva, a observação e convivência com outros casais e as vivências amorosas da adolescência funcionam como uma base na aprendizagem de expectativas, representações, comportamentos e sentimentos úteis às relações românticas na idade adulta, constituindo-se como um “trampolim” ao estabelecimento posterior de relacionamentos amorosos saudáveis (Bandura, 2000). Contudo, segundo Erikson (1963) se estes relacionamentos não forem razoáveis poderão reduzir o ajustamento psicológico do indivíduo (e.g., através de sentimentos de isolamento e inadequação). Assim, segundo a literatura, indivíduos seguros nas suas relações amorosas são mais confiantes nos outros sentem-se satisfeitos e confortáveis com a proximidade emocional (Collins & Read, 1990) e revelam maior interdependência, confiança e investimento (Simpson, 1990); os indivíduos preocupados nas suas ligações íntimas sentem-se inseguros sobre a disponibilidade do par amoroso e têm dificuldade em se satisfazer com o seu apoio, referindo sentimentos de injustiça, controlo e intrusão comparativamente aos restantes padrões (Hazan & Shaver, 1987; Lopez & Brennan, 2000; Rothbard & Shaver, 1994), tornam-se obcecados com o parceiro romântico, precisam de uma proximidade quase intrusiva e necessitam de padrões de controlo relativamente aos comportamentos relacionais que poderão causar conflitos na relação (Birnbaum, 2010; Collins & Read, 1990); e, os sujeitos evitantes (providos de uma vinculação parental do mesmo género) mostram-se relutantes em depender do parceiro amoroso (Rothbard & Shaver, 1994), apresentam menos tensão e proximidade emocionais e, buscam desativar os seus sistemas de vinculação através do envolvimento em relações instáveis, caracterizadas pelo receio de intimidade e reduzido grau de envolvimento, confiança, coesão e satisfação (Kirkpatrick & Davis, 1994; Mikulincer & Florian, 1999), tendendo a salientar aspetos negativos do parceiro (e.g., manipulação e controlo) e procurando manter-se afastados de manifestações de afeto negativo do companheiro (Davis, Shaver, & Vernon, 2004; Schachner & Shaver, 2004).

3. EIDs, EPs e a Herança Psíquica

De acordo com as abordagens neurocientíficas sobre a **estruturação da vida mental/psique**, o *stress* precoce na infância proveniente de conflitos interparentais, tem consequências no desenvolvimento da estrutura e funcionamento cerebral das crianças expostas a essa condição (Martins, Tofoli, Baes, & Juruena, 2011; Tofoli, Baes, Martins & Juruena, 2011). Essas vivências traumáticas, para além de causarem anomalias estruturais no desenvolvimento do corpo caloso, neocórtex esquerdo, hipocampo e amígdala, também têm efeitos ao nível funcional dessas estruturas, aumentando as disfunções do lobo frontal, a irritabilidade nas áreas límbicas e a necessidade de reprogramação do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal (HPA) (Grassi-Oliveira, Ashy & Stein, 2008; M. Mello, Faria, A. Mello, Carpenter, Tyrka, & Price, 2009). Assim, segundo Beck e Dozois (2010), uma vez que as perturbações emocionais resultam da interação entre algumas predisposições (e.g., cognitivas e/ou genéticas) e eventos de vida adversos, então, quanto maior for a vulnerabilidade implícita, menores serão os níveis de *stress* necessários à ativação de comportamentos ou perturbações.

Assim sendo, o desenvolvimento dos **esquemas relacionais familiares** resulta das múltiplas e repetidas representações dos sujeitos acerca das suas intra e interações familiares. Isto quer dizer, que à medida que os sujeitos vão observando determinadas formas de relacionamento entre seus progenitores e destes consigo, vão criando em simultâneo, padrões esquemáticos ou modelos relacionais que subsequentemente são usados, não só para outros aspetos da experiência de vida individual, como também para entender o mundo da relação familiar e antecipar eventos futuros dentro da família (Dattilio, 1998). Torna-se então claro, que o conteúdo esquemático do sujeito é obtido através das primeiras experiências, geralmente no sistema familiar pela identificação com as pessoas significativas e pela percepção das atitudes das outras pessoas em relação a ele. Neste sentido, o desenvolvimento e o funcionamento dos esquemas familiares, assentam nas experiências de vida individuais e conjugais anteriores e atuais e na forma como foram e são percebidas por cada um dos membros da família. À vista disso, Dattilio (1998) refere que os esquemas e experiências de vida que um casal traz para o relacionamento são transmitidos aos seus descendentes e moldam a constelação familiar e, Satir (1967) corrobora esta ideia, confirmando que os pais são os arquitetos da família. Clara está a importância desta noção de esquema aplicada a famílias, por através dela se poderem explicar algumas questões das crenças centrais e como estas influenciam os padrões emocionais e comportamentais tanto individuais quanto familiares, uma vez que são compartilhadas. Assim, caso os **esquemas individuais** não se articulem adequadamente, surge o conflito ou a necessidade de ajustamento de um ou mais esquemas dos elementos familiares de modo a conseguir-se um encaixe com o esquema familiar geral. Young (2003)

partilha destas ideias, pois sendo os esquemas, crenças e sentimentos tomados como verdades sobre si mesmo e o mundo e, sendo a realidade compreendida através das experiências que influenciam as interpretações futuras, quando os primeiros se incompatibilizam com esta, podem originar diversos problemas psicológicos, sociais e familiares. Nesta perspectiva, a habilidade dos pais para resolver conflitos e tensões na sua relação, depende em parte da sua capacidade para alterar as emoções, comportamentos e esquemas enraizados dos elementos familiares, sobre o funcionamento individual e em conjunto (Dattilio, 2001). Desta forma, a exposição a práticas de abuso e vivências no seio de relacionamentos instáveis na infância, têm consequências negativas duradouras tanto ao nível do desenvolvimento neuropsicológico do indivíduo, como na promoção de modelos desadaptativos de crenças sobre si próprio, os outros e as relações, influenciando igualmente a formação da personalidade do sujeito e gerando vínculos de apego inseguros ao longo da sua vida (Cecero & Young, 2001; Platts, Mason & Tyson, 2005; Young et al., 2003).

Nestes meandros, verifica-se, pois, que a educação é um processo dinamicamente complexo, no qual os pais vão progredindo de forma simultânea e interdependente com o desenvolvimento dos seus filhos (Boeckel & Sarriera, 2005; Werner, 2009). Assim, os diferentes **estilos educativos** utilizados pelos pais, exercem e sofrem influência, nos e dos seus educandos, tanto ao nível interno, quanto comportamental e na sua relação com o mundo, tendo por isso um importante impacto e consequências evolutivas não só na fase infantil, mas ao longo da vida do sujeito (Lamborn, Mounts, & Dornbusch Steinberg, 1991). Devido a estas influências bidirecionais entre pais e filhos, Fischer (1981) afirma que os indivíduos ao se tornarem pais, tendem a repetir o modelo aprendido na sua família de origem, tanto no âmbito dos EPs quanto das PEPs. Contudo, apesar de maioritariamente, os pais trazerem para o seu estilo de cuidados, as estratégias desenvolvidas pela sua experiência de serem filhos, tendendo a repetir o modelo parental aprendido, existem alguns que quebram esses padrões por influência de alterações culturais onde a “modernização” se caracteriza por métodos menos coercivos e autoritários e estratégias mais democráticas e cooperativas de resolução de conflitos entre pais e filhos (Biasoli-Alves, Caldana & Silva, 1997) segundo o suporte do companheiro que auxilia as mães a quebrarem padrões disfuncionais aprendidos no seu seio familiar (Egeland, Jacobvitz & Sroufe, 1988) ou dependendo do ambiente em que vivem ou das relações que se constroem (Fonagy et al., 2004; IJzendoorn & Sagi, 1999; Sagi, IJzendoorn, Scharf, Joels, Karie, & Mayselless, 1997), por exemplo. Neste âmbito, Lordelo, Fonseca e Araújo (2000) referem que as formas de educação e cuidado dos filhos estão sujeitas à história e acompanham a transformação e evolução das crenças e dos valores.

Seguindo estas teorias, o conceito de **transmissão psíquica geracional** numa

perspetiva psicanalítica, torna-se um fator de importância capital para se pensar na **dinâmica psíquica intersubjetiva** familiar e conjugal (que pode ou não ser elaborada e transformada) e nas suas consequências no processo de subjetivação. De certa forma, pode-se afirmar que esta transmissão com início na infância, para além de ser responsável pela formação básica do “eu” e do mundo subjetivo (P. Berger, B. Berger, & Kellner, 1979), estará sempre presente em qualquer relacionamento estabelecido, nomeadamente quando os indivíduos constroem suas próprias famílias. Em 1921, Freud já referia a existência de um estatuto coletivo da mente individual constituída ancestralmente através de um processo de transmissão psíquica destacada pela intersubjetividade. Posteriormente, Klein (1952) diz que os objetos do mundo interno, embora fantasiados, representam as primeiras criações do bebé nas experiências com as figuras da realidade, isto é, os objetos do mundo interno contêm traços dos pais reais, transformados pelas projeções do bebé. Para esta autora, este processo de internalização para além de servir como mecanismo de defesa (no sentido de conter as pulsões e organizar o caos interno vivenciado desde o nascimento), opera simultaneamente como uma forma de relação entre o bebé e o mundo externo, onde o mundo interno daquele é formado pelas sucessivas introjeções e projeções dos outros reais (realidade externa) e das experiências vivenciadas por ele (intersubjetividade). De acordo com Erikson (1972/76), a introjeção, a identificação e a formação da identidade como factores necessários à construção do psiquismo, desenvolvimento do ego e posterior individuação, só se podem realizar satisfatoriamente a partir da interação triangular entre pai-mãe-filho (modelos ou estilos parentais) (Jung, 1972, 1982; Winnicott, 1999). Clulow (1990, cit. por Ferreira, 2004) e Meyer (1987), vêm acrescer um enfoque psicanalítico de família e de casal, ressaltando que tanto no parceiro conjugal, quanto no grupo familiar, a partilha de fantasias, de imagens internas e de relações objetais, acarretam uma forte carga de projeções em situações privilegiadas, devido à intensidade afetiva subjacente a essas relações. Em 1995, Abraham e Torok (1995) no âmbito da psicopatologia (e.g., *borderline*, organizações psicóticas ou narcísicas) ressaltam a alienação da subjetividade como decorrente de um processo de transmissão psíquica não simbolizada, devido aos traumatismos acumulados, lutos não elaborados, sofrimentos narcísicos e expressões da perversão. Em 1997, Puget diz que a intrasubjetividade é construída ao longo de um processo inter e trans-subjetivo (espaço social e físico) interminável e paradoxal, onde ao longo do trajeto de vida do sujeito, a presença do outro (que é necessária), pode simultaneamente ser fonte de prazer e de sofrimento. Mais recentemente, Passos (2007) entende que a fragilidade com que os laços afetivo-emocionais são formados, a incapacidade de compromisso, as dissipações nos relacionamentos humanos e as relações incoerentes da sociedade têm interferido na dinâmica da família contemporânea, advogando negativamente na intersubjetividade familiar, tanto na construção e desenvolvimento afetivo-emocional, quanto no próprio processo de subjetivação. Deste

modo, compreende-se que a subjetividade individual assenta na intersubjetividade coletiva (com um ou mais objetos reais externos em relação). Assim, a família organiza-se a partir do legado coletivo (trans-subjetivo) e modifica-o, tendo em vista a sua própria herança geracional, promotora do processo de subjetivação. Van IJzendoorn (1995) refere que a “transmissão intergeracional dos estilos educativos parentais” (p. 76), é o processo onde uma geração anterior influencia psicologicamente (direta ou indiretamente) as atitudes e comportamentos que a geração posterior vai adotar para educar os seus filhos, sendo por isso diferente, “[...] da continuidade da parentalidade determinada geneticamente” (p. 76) na qual a transmissão de genes de uma geração para a próxima pode “moldar” as predisposições da mesma quanto às suas experiências sociais e físicas e, desta forma, influenciar o estilo educativo parental adotado, inclusivamente ao nível afetivo e de suporte emocional (Losoya, Callor, Rowe & Goldsmith, 1997). Weber (2005) refere que na verdade, cada estilo parental influencia vários aspetos no desenvolvimento e socialização dos filhos que estruturarão um repertório comportamental que os acompanhará para o resto da vida, podendo igualmente determinar o estilo parental que os descendentes adotarão no futuro, havendo uma transmissão intergeracional de estilos parentais (Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravanello, & Rossato, 2002). Para além disso, não pode ser esquecido que se a genética pode ser determinante na *(des)continuidade intergeracional*, a influência ambiental (e.g, fatores sociais, culturais, políticos e económicos) também parece ser determinante (Garms-Homolova, Hoerning, & Schaeffer, 1984, cit. por Fine & Norris, 1989; Van IJzendoorn, 1995), pois se diferentes gerações partilharem estas mesmas circunstâncias, muito provavelmente os seus estilos educativos parentais (comportamentos e atitudes) serão mais similares. Assim, verifica-se que a criança aprende a construir relacionamentos afetivos pela: identificação (principal mecanismo envolvido no processo da transmissão psíquica entre gerações); transferência de “material” que suporta e garante as continuidades narcísicas (de autoconservação de cada sujeito e do grupo); conservação dos vínculos subjetivos, ideias, mecanismos de defesa e (in)certezas; projeção daquilo que introjeta das figuras parentais e, pela qualidade da relação parental estabelecida com ela (Kaës, 2001); e, pelas influências que recebe do próprio modelo de relacionamento conjugal, percebendo-o como positivo (de amor) ou negativo (de desamor) entre os seus cuidadores primários (Moraes, 2002), carregando-os para a vida adulta nos seus relacionamentos de conjugalidade (Braz Dessen, & Silva, 2005). Neste âmbito, de acordo com Kaës (2005), a identidade do sujeito constrói-se não só a partir do que ele herda, adquire e transforma (criativamente em algo que lhe pertence realmente), mas também no que se mantém com ele sem transformação. Deste modo, o legado (ou herança psíquica) do indivíduo pode sustentá-lo e apoiá-lo positivamente através de uma transmissão intergeracional (com transformação, Benghozi, 2000; Granjon, 2000), onde a realidade psíquica pôde ser trabalhada/transformada de uma geração para outra, conduzindo a uma diferenciação/evolução entre

o que é transmitido e o que é herdado (Trachtenberg, 2005), ou de forma negativa, por uma **transmissão transgeracional** (sem transformação, Benghozi, 2000; Granjon, 2000) na qual apenas existe uma transmissão do inexplicável ou do inconfessável, isto é, onde se proporciona uma passagem direta de organizações psíquicas de um sujeito para outro sem se transformar o material passado (e.g., as roturas, as falhas, os hiatos não pensados, etc.) (Kaës, 2005). Deste modo, relativamente à transmissão (inter ou transgeracional), Lundberg, Perris, Schlette e Adolfsson (2000) concluem que existe uma correlação entre os valores experienciados e os que são repassados a futuras gerações; Ramires & Schneider (2010) citando Bowlby (1990) referem que quando os sujeitos exploram os relacionamentos extrafamiliares, escolhem parceiros que validam as suas estratégias internas, uma vez que, os padrões de relacionamento aprendidos e ou conhecidos, se tornaram resistentes a mudanças perpetuando-se igualmente na relação com os seus descendentes; Kretchmar e Jacobvitz (2002) indicam que as vivências relacionais experienciadas com os cuidadores numa geração são geralmente recriadas na próxima linhagem; Belsky, Jaffee, Avshalom, Terrie, e Silva (2003) concluem que contextos familiares mais encorajadores presumem relações entre pais e filhos mais positivas no futuro; Capaldi e Clark (1998) concluem que há transmissão intergeracional de agressividade; e, Ehrensaft e Cohen (2003) referem que os sujeitos expostos à violência entre os pais, durante a própria infância têm propensão em se tornarem adultos agressivos, reiterando esses comportamentos nas suas relações posteriores. É verdade, que as experiências precoces do bebé (ou ausência delas) com os seus cuidadores primários (nomeadamente as mães) podem influenciar a forma como ele depois de adulto, responde aos seus próprios filhos, transferindo aspetos psicobiológicos e padrões relacionais favoráveis à transmissão intergeracional de EPs e responsividade, sobretudo transportando para a sua relação conjugal e para os seus filhos, as suas próprias relações de objeto, experiências de vinculação e, EPs e PEPs a que foi exposto de forma deficiente ou negligente (Fleming, O'Day, & Kraemer, 1999). Neste contexto, depreende-se que estas experiências de *stress* crónico podem colaborar para um desequilíbrio neuroquímico e consequentemente para uma aprendizagem deficiente e um desempenho na parentalidade imperfeito e descuidado. Face a estas evidências, compreende-se porque, a transmissão geracional transporta não só o estilo parental como também a transmissão dos mitos e ideais destes, interferindo na organização superegóica individual e modulando os projetos de vida, concebendo um trabalho psíquico intersubjetivo decorrente das ligações psíquicas e transformações operadas entre aparelhos psíquicos. Assim, é importante ressaltar que os aspetos transgeracionais são de extrema relevância e não podem ser descartados, uma vez que a bagagem trazida da família de origem, em maior ou menor medida, é sempre um critério considerado pelos pais e mães no exercício de certas estratégias educativas. Neste sentido, torna-se essencial que a família consiga gerar no seu seio um clima adequado à satisfação das necessidades de todos os elementos e alcançar

interações participativas de contato direto. Em jeito de síntese, apesar de os pais disporem de diversos tipos e técnicas disciplinares e educativas, as mais indutivas de apoio (e.g., o autoritativo ou democrático) são as mais favoráveis a uma adequada autoestima e segurança emocional e a um apropriado ajuste social e familiar da criança, assegurando-lhe um crescimento cuidado e saudável. Em vista disto, pode-se inferir que estimulando, ampliando as relações, facilitando um clima dialogante e expressivo, canalizando sentimentos, etc., os progenitores conseguem alcançar uma harmonia interior na criança e um correto desenvolvimento da sua personalidade. Posto isto, compilou-se a informação das diversas pesquisas e construiu-se um quadro com uma síntese sobre algumas consequências que cada um dos quatro tipos de estilos parentais pode causar nas crianças e/ou adolescentes, segundo os modelos teóricos de Baumrind (1966) e, Maccoby e Martin (1983) (cf. Quadro 9 - Anexo 8).

4. Relacionamentos Amorosos da Vida Adulta

4.1. Relações amorosas e vinculação.

“Dentro de cada criança há um ‘tanque emocional’ esperando para ser cheio com o amor. Se ela se sentir amada, desenvolver-se-á normalmente; porém, se seu “tanque de amor” estiver vazio, ela apresentará muitas dificuldades. Diversos dos problemas de comportamento de uma criança provêm do fato de seu ‘tanque de amor’ estar vazio.”

(Dr. Ross Campbell cit. por Champman, 1997)

As relações amorosas/românticas começaram a ser mais investigadas, a partir dos anos 90 (Furman & Wehner, 1997), focando-se nos padrões demográficos e sexualidade de adolescentes e jovens adultos (Brown, Feiring, & Furman, 1999; Miller & Moore, 1990), porém, descurando outras vertentes, como as práticas parentais, relações familiares, entre outras. Em 1987, Hazan e Shaver (Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988) foram os primeiros autores a tentarem entender a relação entre padrões de vinculação (comportamentais, sexuais e de cuidado) e a forma como os sujeitos experienciam e se envolvem nas relações amorosas através da sua teoria da vinculação entre adultos. Para estes autores, o modelo interpessoal nas relações românticas da adolescência e da idade adulta, emerge segundo o estilo de vinculação desenvolvido na infância, pois analogamente aos comportamentos de vinculação na criança que objetivam a promoção da segurança e da proximidade à figura da vinculação, o adulto também exhibe comportamentos e representações dirigidos ao companheiro amoroso, na procura e manutenção da proximidade física e emocional, que contribuam para o desenvolvimento e conservação da vinculação e, promovam um sentimento de segurança interna (P. Matos, 2002). Brunstein, Dangelmeyer e Shultheiss (1996), Knobloch, Solomon e Cruz (2001) e, Broemer e Blümle (2003), vieram complementar a teoria da vinculação de Hazan e Shaver (1987), dedicando-se à compreensão de como as representações que o sujeito tem do par, da relação e de si próprio, podem ser mais ou menos exatas ou influenciadas pela disposição individual, experiências das relações e motivos atuais. Assim, segundo Hazan e Shaver (1987) e outros estudiosos⁵: os sujeitos com vinculação segura sentem-se confortáveis com a intimidade, proximidade e partilha dos e com os outros (considerados como responsivos e disponíveis), vêem-se a si mesmos como dignos de cuidados e afetos, mantêm uma relação íntima sem perda da individualidade e autonomia, não se inquietam com o abandono, referem com maior frequência emoções positivas, têm uma representação das suas relações como mais satisfatórias, integrativas e colaborativas, com maiores níveis de expressividade emocional, confiança, investimento, capacidade de negociação, de comunicação e de resolução de conflitos, ao se confrontarem com situações percebidas

⁵ Collins & Feeney, 2000; Collins & Read, 1990, 1994; Collins & Sroufe, 1999; Feeney, 1998, 1999; Feeney & Noller, 1990; Fuller & Fincham, 1995; Pistole, 1994, cit. por Feeney, 1999a; Simpson, 1990 e, Simpson, Rholes, & Phillips, 1996.

como ameaçadoras, têm mais comportamentos de procura de cuidados, obtendo-os de forma mais efetiva por parte do parceiro; os indivíduos evitantes ou desligados, sentem-se desconfortáveis com a proximidade, dependência e suporte dos outros, tendem a desvalorizar as situações de intimidade e compromisso, evitando-as através do distanciamento emocional, transmitindo uma ilusória capacidade de independência e autossuficiência, na prestação de cuidados apresentam baixa responsividade às necessidades do outro, as relações apesar de terem pouco compromisso e interdependência são “recheadas” de emoções negativas, mostram-se mais ineficazes na procura de cuidados e tendem a negar ou minimizar a expressão e o reconhecimento de sentimentos negativos e a recorrer a estratégias de evitamento e distanciamento face a situações de conflito; por fim, os sujeitos com vinculação ansiosa-ambivalente, como apresentam uma visão insegura de si próprios e grande vulnerabilidade à solidão, procurando no outro um sentimento de bem-estar, mostram-se mais preocupados com aspetos relacionados com a desconfiança, abandono e ciúme, acham os outros resistentes à proximidade por eles desejada e, manifestam um medo intenso de abandono e um desejo de fusão com o outro, a ineficácia de cuidados acentua-se na prestação dos mesmos e não tanto na sua procura, perante assuntos problemáticos, reagem mais negativamente, apresentam níveis de ansiedade superiores, maior hostilidade e raiva direcionadas ao parceiro e, mostram uma elevada vigilância e expressão de afeto negativo como forma de manter o contacto com o outro. Perante o exposto, pode-se dizer que, apesar de as evidências empíricas revelarem uma universalidade dos aspetos que definem uma relação íntima, os sujeitos diferem uns dos outros na forma como os vivenciam, devido às diversas experiências relacionais e às múltiplas avaliações que vão construindo acerca de si, dos outros e das suas relações. Neste sentido, pode-se constatar que, a teoria da vinculação permite compreender, de que modo os vários padrões de vinculação se manifestam na qualidade da intimidade e, de que forma as experiências de vinculação na infância podem contribuir para o desenvolvimento da mesma na fase adulta, quando, numa relação amorosa se encontrarem inevitavelmente, os aspetos que cada sujeito carrega consigo, decorrentes da sua história pessoal e da sua identidade (Duarte, 2012).

4.1.1. Na adulez emergente ou jovem adultícia.

Como já se pôde verificar, se na infância, a criança precisa da família para desenvolver relações objetais e instâncias psíquicas, na adolescência, é necessário que exista uma refutação dos seus referenciais, para que aconteça uma diferenciação e autonomia, essenciais à passagem para a idade adulta. Para Knobel (1981), os pais devem estar capacitados para a árdua função de serem “espectadores ativos” das transformações dos filhos, pelas várias “identidades transitórias”, acolhendo-o nos seus instantes de grande

dependência, porém consentindo e incitando uma emancipação moderada, visto para o jovem, a dualidade entre a batalha pela independência e por ser reconhecido como adulto e, o agir com a ingenuidade de uma criança, poder causar-lhe ansiedade e conflitos internos. Estas contendas, surgem não só, pela perda dos referenciais que necessitam da orientação/apoio dos pais, mas também, pelos novos modelos de identificação (e.g., grupo de iguais) que funcionam como uma “nova família”, fornecedora de padrões de formas de pensar, agir, falar, etc. Deste modo, no final da adolescência, os pares amorosos destacam-se, as relações tornam-se mais íntimas e estáveis (Arnett, 2009) e, a reciprocidade e interdependência entre os parceiros românticos adquire *nuances* mais “sérias”, à medida que essas ligações vão sendo encaradas enquanto contextos de vinculação segura (Hazan & Zeifman, 1994), de afiliação e intimidade, compatibilidade, realização e satisfação sexual (Connolly, Furman, & Konarski, 2000; Kuttler & LaGreca, 2004), altruísmo recíproco e co-construção da relação (Facio, Resett, Mistrorigo, & Micocci, 2006; Furman & Buhrmester, 1992), investimento e satisfação das necessidades dos parceiros (Engels, Dekovic, & Meeus, 2002; Furman & Simon, 1999, 2006; Laursen & Jensen-Campbell, 1999; Matos, 2006). Assim, segundo a literatura, as ligações amorosas são entendidas de três formas: **1) Compensação e competição inter-relacional** - em que, quanto menor for a proximidade e compromisso emocional do adolescente com os seus pais, maior será o investimento daquele na sua relação amorosa e vice-versa e, onde os pares românticos e os pais disputam o seu papel na satisfação de necessidades emocionais do adolescente (Freeman & Newland, 2002); segundo Levesque (1993), enquanto os adultos buscam relações que satisfaçam as suas necessidades sociais a longo-prazo, os adolescentes usam as suas relações amorosas (por serem menos duráveis) para satisfazer as suas necessidades no imediato, comprometendo ou competindo com as adquiridas nas relações familiares; **2) Independência inter-relacional** - na qual, os jovens preferem a intimidade e compreensão mútua com os pares amorosos do que com pais (Connolly & Johnson, 1996) e, elegem uma construção romântica, baseada numa compreensão partilhada, consensual e mútua; aqui, as relações parentais têm uma função reguladora das mudanças interpessoais dos e com os filhos e, estes o dever de apreender (ativa ou passivamente) essa informação (Youniss, 1980); **3) Continuidade inter-relacional** - onde se parte do pressuposto que, os MIDs da relação com os progenitores, são ativados em relações futuras de proximidade, sobretudo naquelas em que existe um sistema de vinculação formado e estabelecido (Morgan & Shaver, 1999) e, como tal, o estilo de vinculação romântico/sexual nos jovens adultos e nos adultos, relaciona-se com a avaliação retrospectiva da relação com as figuras cuidadoras/de vinculação que, dessa forma se constitui como uma base/protótipo das relações subsequentes de proximidade, em particular as de vinculação (Bretherton & Munholland, 2002; Owens, Crowell, Pan, Treboux, O'Connor, & Watérs, 1995; Rothbard & Shaver, 1994). Neste âmbito, Arnett (2004) explica que esta etapa (da adulterez emergente) reveste-se de

subjetividade, pois não cabe na adolescência nem na adultez, visto pertencer a um período no qual, o jovem adulto não se considera mais adolescente, mas também não se vê como adulto, pois apesar de se tornar mais autónomo e, independente dos pais, ainda não adota papéis e responsabilidades de adulto. Por esta altura, o jovem encara diversas tarefas desenvolvimentais (Matos, 2006; Mota, 2011) nomeadamente, a separação psicológica em relação aos pais, a consolidação da autoestima e, a capacidade para a interação amorosa (Dias & Fontaine, 1996), fatores esses, indicadores de ajustamento (Brown, et al., 1999, citado por Seiffge-Krenke, 2003) e desenvolvimento, tanto ao nível das futuras capacidades familiares quanto da interdependência (Feldman, Gowen, & Fisher, 1998, cit. por Beyers & Seiffge-Krenke, 2010). Assim, se nas relações amorosas, o jovem não conseguir encontrar uma identidade adequada, poderá no futuro, ter dificuldades na formação e manutenção das mesmas para que sejam duradouras (Erikson, 1972/76), o que denota o facto de as relações românticas não afetarem só positivamente o desenvolvimento, mas também terem o poder de colocar o sujeito em risco e instabilidade pelo elevado número de escolhas com que o jovem se depara ao longo deste caminho exploratório (Furman, 2002; Meyer & Allen, 2008). Também não se pode descurar que, a adultez emergente, não está imune à invariabilidade, uma vez que, se trata de um período culturalmente construído. Segundo Arnett (2004) e Rindfuss (1991), esta conjuntura da vida é mais evidente em culturas medradas, que retardam a adoção das responsabilidades características da adultez, do que, em sociedades subdesenvolvidas, que limitam a exploração autónoma da identidade dos jovens. Neste sentido, Douglass (2005) realça que, o jovem adulto deseja uma oportunidade de aproveitar momentos de liberdade e independência, antes de se comprometer com as responsabilidades da adultez, encaradas como limitadoras e duradouras. Para Brown et al. (1999, cit. por Seiffge-Krenke, 2003), nos adolescentes tardios (que se encontram na fase do afeto), o foco incide na relação em si (como questão pessoal e relacional) e não no contexto em que a mesma ocorre e, os parceiros relacionam-se, preocupam-se, envolvem-se (emocional e sexualmente) e, comprometem-se, de forma mais profunda, assídua e ativa. Por sua vez, nos jovens adultos (que se encontram na fase da ligação/"*bonding*"), o grau de profundidade da relação, segue igual ao do período anterior, porém de forma mais sensata e consciente, pois os parceiros, perante a possibilidade de passarem o resto da vida juntos, encaram-se como inseparáveis apesar de continuarem a ser indivíduos distintos (Brown et al., 1999, cit. por Seiffge-Krenke, 2003). Para A. Aron e E. Aron (1997), esta é a fase de auto-expansão do *self*, visto o jovem, na relação amorosa, acrescentar recursos, perspetivas e identidade do outro, em si próprio. Concluindo, Gottman (2001) refere que o jovem adulto e o par amoroso, ao conhecerem e perceberem detalhadamente o outro e, as opiniões e formas de amar (de cada um), conseguem enfrentar mais facilmente, acontecimentos estressantes e situações de conflito, com o intuito de manterem a satisfação na relação.

4.1.2. Na adultez ou vida adulta.

Quanto aos relacionamentos íntimos na vida adulta, pode dizer-se que, os pais e os filhos adultos conservam um vínculo estreito e um interesse mútuo ao longo do seu curso de vida (Umberson, 1992; van Wel, Linssen & Ruud, 2000). Neste âmbito, vários estudos mostram que, os modelos internos de vinculação estão relacionados com padrões relacionais nas ligações amorosas da adultez (Silver & Cohn, 1992; Crowell, Fraley, & Shaver, 1999; Hazan & Shaver, 1987; Shaver, et al., 1988). Para Hazan e Zeifman (1999), a principal mudança implicada nesta etapa do desenvolvimento, relaciona-se com a reciprocidade nas relações, uma vez que, numa relação adulto-adulto, deverá existir um equilíbrio simétrico, contínuo, recíproco e flexível, onde ambos os elementos da díade oferecem e recebem cuidados, apoio, segurança e conforto (recorrendo ao outro como base segura e, em simultâneo, constituindo-se com tal para ele) (Collins & Sroufe, 1999; Crowell, Fraley, & Shaver, 1999; Crowell & Treboux, 2001; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999). Neste sentido, o sistema de vinculação no adulto, deixa de ser um aspeto central e primário, para ser apenas um dos componentes das relações íntimas (Faria, Fonseca, Lima, Soares, & Klein, 2007; Hazan & Shaver, 1994). Deste modo, se na infância a figura de vinculação é um dos progenitores, no adulto, esta figura é normalmente o par sexual, o que leva a compreender o alargamento dos sistemas comportamentais que, para além de abranger o de vinculação e de prestação de cuidados, incorpora também o sistema sexual (Butzer & Campbell, 2008; Cassidy, 2000; Hazan & Shaver, 1987; Waters & Cummings, 2000). Outro fator diferencial prende-se com o facto de o adulto, ao nível da proximidade, satisfazer-se com a simples ideia de saber que, poderá recorrer a uma das figuras de vinculação, caso necessite (em situações de ansiedade, desconforto/angústia ou reparação da segurança) (Hazan & Shaver, 1994). Em relação ao par amoroso, esta busca pode relacionar-se igualmente, com o desejo de proteção e conforto e/ou com a vontade de envolvimento sexual (Butzer & Campbell, 2008; Weiss, 1998). Neste sentido, Hazan e Shaver (1987) concluíram que: nos adultos com vinculação segura, uma pequena percentagem se divorcia e a grande maioria tende a desenvolver uma relação conjugal satisfatória assente na confiança, amizade e emoções positivas por acreditarem no amor duradouro; os relacionamentos adultos de vinculação evitativa envolvem a maior percentagem de divórcios, baseiam-se na autonomia, no distanciamento e, eventualmente numa ênfase ao materialismo, os sujeitos nunca desenvolvem uma relação com uma visão positiva do amor romântico, uma vez que, questionam sobre a sua autenticidade e existência, acreditando que não necessitam de um parceiro amoroso para ser feliz e, caracterizam-se pela vulnerabilidade e solidão, pela pouca ou nenhuma existência de apoio e conforto no relacionamento, pelo medo da proximidade, por altos e baixos emocionais e, pelo ciúme; relativamente às relações entre adultos com vinculação ansiosa-ambivalente, os divórcios são poucos (cerca de 10%), o amor é encarado como uma preocupação, com

propensão para se fundir com o outro, os parceiros envolvem-se com frequência e facilidade nos relacionamentos, mas têm dificuldades em encontrar o verdadeiro amor, o desenvolvimento dos parceiros é conjunto, porém com forte dependência e necessidade de controlar o parceiro, os sujeitos preocupam-se com o facto do seu par poder satisfazer as suas necessidades e habitualmente expressam ambivalência ou confusão sobre o próprio, o parceiro e a relação. Gaines e Sedikides (2009) dizem que, nas relações românticas, os adultos consideram como benefícios: o companheirismo ou afiliação, o sentimento de felicidade, a exclusividade, o amar e sentir-se amado, a intimidade, o auto e mútuo crescimento/maturação e a compreensão de si mesmo, o aumento da autoestima positiva e a gratificação sexual. Complementarmente, Sedikides, Campbell, Reeder, & Elliot (2002) realçam que, os custos mais importantes são: o *stress* e a preocupação acerca da relação, a perda de identidade e de inocência acerca do amor e da relação, os sacrifícios sociais e não-sociais, o tempo e o esforço investidos na relação, as brigas e, uma maior dependência do parceiro. Em síntese e concordando com Relvas (2008, cit. por Narciso & Ribeiro, 2009), “subjacente ao sistema humano que designamos casal, existe toda uma complexidade relacional que não caberá, nunca, em qualquer definição ou numa única abordagem científica” (p. 13), pois um casal, ao ser constituído por dois indivíduos, junta-se um terceiro “nós”, que ao longo do seu desenvolvimento exige uma harmonia entre as necessidades de cada filiado do par, da sua rede social, das famílias de origem e de outros sistemas que possam influenciar a dupla (Franck-Lynch, 1986, cit. por Relvas, 2004).

4.2. Narcisismo.

A polissemia do conceito do narcisismo tem sido estudada em psicanálise devido à sua importância para a compreensão da dinâmica psíquica dos vínculos, essenciais ao desenvolvimento do processo psicanalítico. A sua proveniência está associada ao mito grego de Narciso, que remete para o amor que o sujeito sente por si próprio (Mijolla, 2005; Araújo, 2010). Aqui, a atração amorosa está ligada a uma autocentração do sujeito em si mesmo e, a escolha (narcísica) de objeto tem como base o próprio corpo e a desvalorização do outro. Isto verifica-se, quando Narciso se aprisiona na sua imagem espelhada na água não se identificando com ela, o que remete para as dificuldades que o narcisista apresenta ao nível da coesão do *self* “eu” (Mesquita, 2012) e da coerência da imagem corporal (Bergeret, 2000). Esta alusão mítica direciona então o narcisismo, para um comportamento autoerótico extremado, onde o outro não está presente no processo de excitação e descarga da energia sexual. Matos (2013) refere que, o relacionamento narcísico é toda a conduta manifesta ou psicológica, que tem como objetivo central, reaver a autoestima, enquanto a fixação narcísica, leva à dependência intolerável do outro como espelho e espetador da grandiosidade do ego (Näcke, 1899, cit. por Freud, 1914). Neste sentido, há

que salientar que, o narcisismo normal/benigno/de vida/libidinal/positivo ou otimista, “[...] é socialmente mais ou menos inofensivo (...) constrói laços (ainda que pouco consistentes e propagandísticos)” (Matos, 2013, p. 10), envolve um investimento (libidinal) saudável em si mesmo (construindo-se precocemente, Mesquita, 2013), responsabilizando-se por uma coesão estrutural, por uma coloração afetiva positiva da representação do *self* (Rosolato, 1976), cooperando para os interesses do indivíduo garantindo que este alcance os seus objetivos (Kernberg, 1975), para além de colaborar numa boa integração do superego e das relações de objeto totais (Kernberg, 1995a, cit. por Mesquita, 2012). Por sua vez, o narcisismo negativo/maligno/patológico/de morte/tanático ou destrutivo (construído na fase edipiana e com grande importância na adolescência), surge devido a uma falha ou um excesso de gratificação, sentidos pela criança, ao nível do amor fornecido pelos cuidadores, “[...] age por ataque ao narcisismo do outro (diminuir o outro para se sentir maior), [...] é mortífero, [...] destrói” (Matos, 2013, p. 10), é circunscrito por um investimento fraco de si próprio, que se supercompensa narcisicamente (o “*self* grandioso”, Kohut, 1985, 1988), criando ilusoriamente uma autoimagem grandiosa e ligando-se com os outros somente para receber e não para estabelecer uma relação recíproca.

“Narciso anseia por um amor romântico, por um relacionamento amoroso feliz, porém não enxerga para além do próprio umbigo!”

(Carla Almeida, 30-01-2015, 15:22h)

4.2.1. Vulnerabilidade narcísica.

Por esta altura, compreende-se que, ao longo da infância desenvolvem-se no ambiente familiar, laços afetivos e conceções vinculares que, uma vez internalizadas, determinarão o modo de cada pessoa entender formas de amar e de ser amada. Também já se sabe que, quando nessa fase se é vítima de supressão das necessidades emocionais e abusos morais e/ou físicos, o sujeito tende a absorver modelos relacionais falhados que, se não forem reorganizados/reestruturados, perdurarão pela sua vida. Assim, perante uma estrutura emocional deficitária, o indivíduo transporta a sensação de vazio e de vulnerabilidade para todo e qualquer relacionamento que viva. Deste modo em função de uma grande falta de autoestima, a pessoa, tende a escolher regularmente, parceiros emocionalmente deficitários, indisponíveis e negligentes, reproduzindo o modelo por ela conhecido, aprendido e interiorizado. Neste sentido, o sujeito narcísico, tem subjacente ao seu narcisismo, uma vulnerabilidade narcísica, desenvolvida em criança por forma a proteger-se da angústia de perda e/ou separação (Freud, 1914), que se tornou morfológica ao nível de toda a sua vida mental e condicionadora de todas as suas relações interpessoais (Bishop & Lane, 2002). Lemaire (2005) refere que, nas relações amorosas que estabelecem, algumas pessoas, buscam desmesuradamente manter o modelo fusional das

suas etapas precoces da vida, tornando-se incapazes de realizar um luto adequado após o seu rompimento, vivendo a dor de uma ferida narcísica e, colocando em dúvida a sua capacidade de ser amado, devido ao ressentimento e ódio sentidos, pela perda das ilusões depositadas na relação ou, contestando o seu valor próprio, adquirindo um desejo de “exterminar” o outro. Assim, pode-se inferir que, o narcisismo é um gênero de sofrimento ou “maldição silenciosa”, que cria feridas narcísicas sempre que o ego tenta manter o *status quo* infantil frágil e subjugado, por vontades passivas de alguém que se culpa em vez de atuar, que se deprime ao invés de encarar as suas perdas. Deste modo, percebe-se que, é no vínculo amoroso, que as pessoas procuram um outro que as complemente e atenua a ferida narcísica intrínseca aos pares, por não se sentirem completos (Rios, 2008). Neste sentido, a ferida narcísica do passado obstrui um aproveitamento normal das relações atuais e das satisfações daí decorrentes. Quando as relações acontecem abruptamente ou surgem como uma promoção narcísica e de expectativa de valorização dos outros, pode acontecer degenerarem numa procura egocêntrica de prazer, com pouca consideração pelos objetos levando por isso a novas decepções, abandono e relações exibicionistas (Rios, 2008). Neste âmbito, a vulnerabilidade narcísica, representa as fraquezas e instabilidade que o ego do sujeito adquire (ao nível da representação do *self*), por não se sentir completo como desejava e pela sua necessidade de aprovação e valorização pelos outros (Mosquera, 2008). Esta fragilidade surge então como resultado da comparação que o indivíduo faz entre o seu ego real (arranjo intrapsíquico ligado ao registo do imaginário, ou seja, é aquilo que a pessoa almeja ser) e o seu ego ideal (arranjo intrapsíquico ligado ao registo do simbólico, ou seja, é aquilo que a pessoa pretende alcançar e seguir) (Grinblat, 2004; Laplanche & Pontalis, 2001; Raffaelli, 2007). Para Kernberg (1975), estes sujeitos, apenas apresentam uma falha nas estratégias de funcionamento habituais, não se deprimindo verdadeiramente (“depressões aparentes”, sem existência de remorso, tristeza e autorreflexão crítica, mas com sentimento de profunda raiva e ressentimento). Para Mesquita (2012) o sujeito com vulnerabilidade narcísica tem dificuldade em estar com o outro como duas individualidades separadas, pois precisa dele para que “sejam colmatadas falhas sentidas no desenvolvimento do *Self* do próprio”, ou seja, “o outro é procurado como um complemento do que falta ao próprio para que este tenha uma representação de si diferente e aceitável.” (p. 149). Segundo Mesquita (2012), o funcionamento de um indivíduo com *self* frágil, tenta constantemente retificar essa fraqueza e amenizar o sofrimento emocional por ela causada (e.g., sentir-se ignorada, desrespeitada ou exposta, Mosquera, 2008). Decorrente disso, o sujeito desenvolve atitudes protetoras “quer da autoestima - visão mais colorida do próprio - quer do sentimento de colapso do *Self*, no sentido da sua desintegração” (Mesquita, 2012, p. 148). Neste âmbito, Mesquita (2012) considera que, de acordo com o funcionamento do *self* e as práticas levadas a cabo para obtenção de uma visão mais positiva do *self* ou, um sentimento de coerência e firmeza ao longo do tempo, a vulnerabilidade narcísica pode ser

entendida segundo quatro dimensões: **1) Diferenciação do self** - está relacionada com a inabilidade de desvinculação da mãe e da não inclusão do pai (cuja função é a de permitir ao filho, o desenvolvimento do seu “eu”, a sua diferenciação e, individuação), impossibilitando o alcance da posição triangular mãe-filho-pai (Mollon, 2006, cit. por Mesquita, 2012) e, conseqüentemente constituindo-se como um obstáculo, ao conhecimento do próprio *self*, por inexistência da “terceira dimensão que permita essa perspectiva” (Mesquita, 2012, p. 149); neste âmbito a dupla amorosa, deve viabilizar a colmatação de falha(s) do *self*, promovendo uma saciedade mental, que evite a vivência do sentimento de incompletude, criado pela ferida narcísica e, dessa forma possibilitar melhorias da autoestima e autoconceito, e por conseguinte, evitar o afastamento do sujeito vulnerabilizado da relação, como forma de proteger a sua integridade e assumir que não necessita do outro para se sentir completo; **2) Self subjetivo** - noção que o próprio tem acerca da aptidão de autonomia e de, despertar no outro, sentimentos eficazes que o completem a si; quando este sentimento, mostra falhas precoces, revelam-se sentimentos de incapacidade na autonomia, de habilidade para orientar a própria vida e alcançar objetivos, “de que não se recebe o suficiente, de que se dá mais do que o que recebe, ou que nunca será possível receber o que se necessita, pelo que o melhor será a retirada da relação” (Mesquita, 2012, p. 150); isto resulta no aparecimento de estratégias compensatórias de elevada submissão em relação ao outro sentindo-se ilusoriamente completo (Jeanneau, 1991, cit. por Mesquita, 2012), “filando-se” ao(s) objeto(s) em arrebatamentos desvairados ou “com ilusões de autossuficiência, de não necessidade do outro sob a forma de negação ou desmentido, para compensar ilusoriamente, este sentimento de inaptidão” (Mesquita, 2012, p. 150); pode-se desenvolver um falso *self* que antagonicamente recusa a necessidade do outro ou se sedimenta em relações orientadas pela crença de que o outro o salvará e poderá transformar, pois, é através dele que o próprio conseguirá revitalizar a sua existência subvalorizada; **3) Self objetivo** - refere-se à forma, como o sujeito se autoavalia e avalia a sua autoestima; este tipo de relação exploradora e majoritariamente objetual pode, por um lado, manifestar-se no sentido do próprio se submeter à vontade do outro para receber afeto e consideração e, por outro lado, no sentido do sujeito se autovalorizar (se *narcisar*) depreciando o outro (narcisismo mais demolidor pela *desnarcisação* do outro) de forma a poder alcançar (ilusoriamente) “a libertação dos sentimentos de menor valia pela transposição desses para o outro” (Mesquita, 2012, p. 152); e, **4) Exclusividade do self** - relaciona-se com a precisão que o sujeito com vulnerabilidade narcísica tem, de se sentir como único/exclusivo na relação (devendo o outro, dedicar-se inteiramente a ele), decorrente da ausência do conceito da posição triangular; esta falha manifesta-se na idade adulta, através de “sentimentos mais depressivos ou de desorganização em estados mais graves”, podendo levar a condutas “masoquistas, de submissão aos desejos do outro, de forma a obter segurança e colmatando a sua

fragilidade.” (Mesquita, 2012, p. 152) que, segundo Gear, Hill e Liendo (1981, cit. por Mesquita, 2012) advêm de uma “situação de mutilação do espaço psíquico, sendo que, apenas lhe é possível adotar uma de duas posições: de domínio sobre o outro ou de submissão.” (p. 152).

4.2.2. O narcisismo e o amor.

“[...] o amor fortalece o *Self* e este, fortalecido, é capaz de estabelecer e desenvolver relações verdadeiras e com profundidade.”

(Mesquita, 2013, p. 14)

Em 1980, Freud demonstra que, o amor romântico se refere a uma troca, onde a pessoa para ser amada, atrai para si o desejo do outro. Por sua vez, Lacan (1987) diz que, o amor não deixa de ser narcísico, pois, apesar de se amparar no outro para a escolha do objeto, o que realmente procura é o retorno do amor. Nesta perspectiva, pode-se considerar o amor romântico, como a metáfora do narcisismo (Lacan, 1992), visto o outro fazer parte da escolha anaclítica e da própria constituição do amor. Refletindo tais ideias, Lasch (1988), referiu que, a modernidade sustenta “uma cultura do narcisismo”, pois, visa exclusivamente o culto do “eu” e é decorrente do insucesso familiar como sistema de orientação moral, do evitamento de conflitos (através de concordâncias) e da relevância dada à gratificação instintiva. No mesmo sentido, Costa (1998a; 1998b) também alega que, “Vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa (...) O outro só é desejado se enriquece nosso ser. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado de pronto.” (p. 133). Segundo o autor, a terceirização da economia, contribuiu sobremaneira, para o crescimento de patologias narcísicas, fazendo emergir, com o engrandecimento do “eu”, caracteres individualistas e autocentrados e, conseqüentemente relações assépticas e impessoais. Percebe-se então que, quando o investimento amoroso vai ao encontro do pretendido pelo ego, o amor é considerado como qualquer outra função do ego, contudo, quando contraria as suas pretensões, o sujeito sente em si uma falha, percebendo o amor como algo que expõe a sua ferida narcísica (Lacan, 1992). Assim, o sujeito ama de acordo com a escolha narcísica, pois, o ego não consegue alcançar o seu ideal, não consegue amar segundo a escolha anaclítica (Freud, 1914). Pode-se até inferir que, a predominância exclusiva da dimensão narcísica leva a uma “hipoacusia” relacional. Atualmente é comum nas relações, não se escutar o outro, não se ter uma preocupação autêntica pelo “universo” do outro, mas nutrir-se apenas, o interesse de avaliar, se esse convém àquele lugar privilegiado dentro do sumptuoso projeto pessoal. Tais atitudes fazem lembrar a diferenciação feita por Buber (1993), entre a relação onde o sujeito vê o outro como um objeto de satisfação das suas necessidades (relação Eu-Iso) e, a relação na qual ele se abre para a unicidade do outro com o único propósito do encontro (relação Eu-Tu). Posto isto, verifica-se que, por um lado,

o narcisismo pode influenciar positivamente as relações afetivas, ao possibilitar o investimento amoroso num objeto total, reunificando os aspetos fragmentários deste objeto (papel unificador) e, por outro lado, pode facilmente conduzir a um deslize para a paixão e egoísmo. Mesquita (2012) indica que, um self estável e uma conceção própria mais positiva, leva o sujeito a escolher um objeto amoroso que o complemente e desenvolva de forma saudável; enquanto, um self incompleto, tenderá a relações que o completem, transmitindo-lhe uma melhor visão de si (em casos neuróticos) ou proporcionando-lhe a “coesão do seu *Self* mais ou menos fragmentado (no caso dos estados *borderline* ou psicóticos)” (Mesquita, 2012, p. 140). Como o amor envolve entrega e a perda de algo na gestão narcísica, torna-se por isso mesmo, tão problemático neste contexto atual. Na atualidade, as características do outro interessam cada vez menos no laço amoroso, pois apenas importa ao sujeito, a maximização do seu gozo, enaltecendo-se o narcisismo individual e promovendo-se o agravamento de alguns distúrbios característicos das personalidades narcísicas, que agravam perante a panóplia de relações disponíveis e a facilidade de as descartar (Juchem, 2010). Assim, numa era em que, o amor é crescentemente baralhado com desejo, e este, assiduamente depravado na hipersexualização ostentosa, que mais não é do que um camuflado sentimento de desencanto e solidão, também os relacionamentos se afiguram cada vez mais frágeis e pouco duradouros, terminando de formas cada vez mais frívolas, impessoais e banais. Neste sentido, importa olhar para o desamor espelhado por essas relações, considerando-o como o próprio conceito indica - *des(falta) + amor* (<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/desamor>). Deste modo, no âmbito vincular, se por um lado, uma relação mãe-bebê saudável beneficia a fundação do vínculo amoroso, por outro lado, os casuais desvios ou desencontros nessa interação poderão incorrer em perturbações na herança afetivo-relacional, originando sujeitos, que se fecham em sua existência narcísica e solitária, receando confrontar-se com os sofrimentos que as relações humanas lhe impõem e experienciando o desamor sob fachadas de carências afetivo-emocionais, recalçadas e patologicamente interiorizadas. Desta forma, o amor romântico (e eterno) do passado é substituído pelo desamor onde imperam afetos e relacionamentos cada vez mais fluídos, inseguros e arriscados, que promovem nos pares, a procura de respostas possíveis, através de um controlo ciumento da relação (Dufour, 2001). Todavia, apesar da criatividade e da imensa inteligência que o sujeito dispõe, a mesquinhez e a inveja leva-o num caminho cada vez mais virado para a procura de um auto-apaixonamento, para um amor pelo próprio ego, que ninguém supera e com o qual ninguém concorre. Dá-se muito menos do que se pode dar e do que teoricamente se deveria dar, impõem-se as regras próprias ao outro e se este não as aceita, impõe-se-lhe o desamor, o rancor, a traição, num vaivém de jogos egóicos, onde a raiva e as imposições do “eu” prevalecem.

“O amor a “olho nu” parece tão simples, tão natural..., no entanto quando vivido ... sentido, vira um sentimento complexo e ambíguo... algo capaz de nos mover e paralisar, de nos instigar ou desmorrionar, de fazer feliz ou dilacerar. Mas... quem disser, não o conhecer ou não o desejar, é porque sofre de desamor... de desalento afetivo.... Então é urgente tratar essa falha... resolver-se!”

(Carla Almeida, 24-12-2014, 22:30h)

4.3. Tipos de relacionamentos amorosos de reparação narcísica.

Na personalidade narcísica, os sentimentos de baixa autoestima ou sentimento de inferioridade, são compensados pelos de grandiosidade e exibicionismo, ou seja, o sujeito repara pelos seus próprios meios, o sentimento de não ter sido suficientemente amado e admirado pelos seus objetos (os outros), consolando-se a si mesmo, através de uma exaltação ilusória da autoimagem. Na psicose a relação objetal, faz-se com objetos clivados e univalentes e, a falha narcísica manifesta-se indiretamente (nos sentimentos de incapacidade e inferioridade) por falta de coesão do *self*, devido não só, ao desconhecimento total que o psicótico tem, de alguns aspetos da sua personalidade (*self* em arquipélago), mas também, devido ao fraco investimento que ele faz em si mesmo. Nas personalidades borderline, a baixa autoestima transforma-se num *self* que não está completamente integrado (*self* em mosaico), sendo que, a possível desagregação de algumas das suas partes (em momentos estressantes e ansiosos), pode conduzir a uma descompensação psicótica. Em personalidades depressivas, existe por um lado, um *self* integrado, onde os sentimentos de auto-desvalorização são mais manifestos e cientes e, por outro lado, um *self* fraco, pouco acometido e considerado, porém com uma insuficiência narcísica menor, que se manifesta pela inferioridade, não existindo ainda uma verdadeira clivagem do objeto. Nas neuroses, a relação objetal faz-se essencialmente com objetos ambivalentes (bons e maus) e a falha narcísica típica é a secundária, pois apesar de o *self* estar razoavelmente integrado e investido, a exceção acontece na imagem sexuada, atingindo só uma parte da autoimagem (Lemaire, 2005; Rios, 2008; Mesquita, 2012). Segundo Mesquita (2012), existem relacionamentos que visam reparar ou diminuir a vulnerabilidade narcísica, não só ao nível da segurança do *self*, como também no grau de complementaridade que lhe fornecem, por um outro imaginado, ou seja, através da submissão (típica das neuroses) e, do engrandecimento do *self* (mais específico das psicoses e das personalidades *borderline*). Neste sentido, existem segundo a autora (Mesquita, 2012), três tipos de relacionamentos de reparação narcísica, abaixo descritos.

4.3.1. Submisso-idealizador (preocupado).

Para Rank (1941, cit. por Mesquita, 2012) estas relações amorosas têm uma função reguladora da autoestima e, adulação masoquista assente numa dependência excessiva ao outro que surge para impedir a perda do objeto essencial ao engrandecimento do *self*. As

relações são bidimensionais (sem profundidade), pois o sujeito admira o objeto pelo que este possui, pelo que nele lhe agrada e/ou possa dar (Mesquita, 2012), repetindo o trauma de infância, onde foi amado não pelo que era, mas pelo que fazia de bom aos olhos do outro (Miller, 1986 cit. por Mesquita, 2012). Assim, o indivíduo para satisfazer as suas necessidades narcísicas, avaliar o “eu” e reforçar a sua autoestima, faz um investimento objetal para que as suas atitudes sejam reconhecidas e aprovadas pelo objeto amoroso (Mesquita, 2012). Segundo Reich (1953, cit. por Mesquita, 2012), estes relacionamentos, são vividos sob a fachada de um grande amor que, encobre o seu verdadeiro objetivo - a restauração narcísica. Para Malpique (1993, cit. por Mesquita, 2012), as escolhas amorosas baseadas neste registo, são como uma vingança do próprio para com o objeto primário, por não lhe ter dedicado um amor satisfatório e provedor, escolhendo somente objetos que lhe tragam ganhos narcísicos. A idealização do outro (enquanto pessoa com beleza física, poder, etc., Kernberg, 1995b, cit. por Mesquita, 2012) prende-se com as necessidades de manutenção do objeto, enquanto alimento narcísico do próprio, disfarçando-lhe as falhas reais ou imaginadas que acha aliadas ao seu (falso) *self* (Mesquita, 2012) e, facilitando-lhe o surgimento da “ vaidade do eu” (Person, 2007, cit. por Mesquita, 2012, p. 167). Isto quer dizer que, o sujeito fantasia que, pode resplandecer e envaidecer-se, recebendo o que admira no outro e na relação, “alimentando-se do narcisismo do objeto” (Mesquita, 2012, p. 168). Nestas relações, “o amor é confundido com dependência” (Mesquita, 2012, p. 168), pois o sujeito, ao invés de buscar o amor, procura a contemplação do outro, tornando-se totalmente dependente desse que vai complementar o que lhe falta para ter uma conceção mais colorida do seu “eu”. Para Mesquita (2012), estes relacionamentos são insatisfatórios porque originam um sentimento de se dar mais do que se recebe e, assentam num “masoquismo ilusoriamente compensatório” (Mesquita, 2012, p. 170), pois o sujeito subjuga-se ao não manifestar os seus desejos nem admitir muitas situações que lhe são desagradáveis, gerando a ilusão de que suporta tudo o que os outros lhe façam (compensando-se narcisicamente) mas, ocultando a real fraqueza de rezear a rejeição, recebendo só o que o outro quer dar, sem conseguir impor limites e respeito na relação, sentindo-se assiduamente desvalorizado e inferior. Nestes casos, apesar de o sujeito se encontrar essencialmente numa posição depressiva (onde a culpa não foi elaborada), as ansiedades esquizo-paranoides são suficientemente manuseadas, o objeto não é clivado, mas sim considerado e, a falha narcísica do seu *self* não chega a ser restaurada, pois o sujeito está sempre à espera de receber algo que considera insuficiente.

4.3.2. Eufórico-idealizante ou auto-idealizante (resistente).

Segundo Zimerman (2004 cit. por Mesquita, 2012) a sedução inicial destas relações é feita com base em encantamentos e promessas “de uma completude paradisíaca” (p. 182) que, embora ao longo da relação se tornem ilusórias, são realimentadas com novas delusões que, com o passar do tempo resultam em deceções e desencantos consecutivos, sugadores da energia e vitalidade do objeto. Como o que interessa é somente a conquista

do objeto, estes sujeitos narcísicos, são durante um pequeno hiato de tempo, amantes zelosos, dedicados, cuidadosos e encantadores e, como tal as relações no início também são arrebatadoras, encobertas pelo esplendor do objeto (reconhecido temporária e ilusoriamente pelo indivíduo), contudo, caracterizadas igualmente por uma rápida deterioração, pois, para além de o amor verdadeiro não se tornar um componente relacional, a desilusão faz-se notar por não se aprender o outro (i.e., não se conhecer o interior do objeto), o próprio não se revelar e, o confronto com o “ideal do eu”, falhar. Então, quando a conquista se realiza, a curiosidade desaparece, o desejo enfraquece e o sujeito procura novas relações que se tornam igualmente efémeras logo que, a excitação desaparece com a proximidade ao objeto. Assim, pelo facto de o sujeito narcísico apresentar uma baixa autoestima, uma débil representação do *self* e angústias esquizo-paranoides não integradas, o objeto é alvo de inveja (causada pela pretensão do sujeito ser tão bom como aquele nos aspetos que pensa que faltam em si próprio), agressividade (danificando no objeto a fonte dos sentimentos invejosos e desvalorizando o objeto) ou vingança (propensão ao domínio sobre o objeto, tornando-o submisso e “colado” proporcionando um sentimento de segurança ao narcísico) (Segal, 1975 cit. por Mesquita, 2012), humilhação (para evitar que o objeto o atinja na sua ferida narcísica) e extração (quando ao unir-se ao outro, o sujeito pode retirar-lhe o que nele inveja). Segundo O’Shaughnessy (1981, cit. por Mesquita, 2012) sempre que, as ansiedades infantis não são alteradas e agregadas, o indivíduo não consegue alcançar a posição depressiva e refugia-se na inveja, de forma a defender o seu ego frágil contra as ansiedades desorganizadoras causadas pelos objetos externos e internos. Neste sentido, o sujeito procura um objeto que lhe proporcione uma experiência, ainda que falsa, de “libertação dos sentimentos de desvalorização através da projeção das partes más do *self*” (falhas próprias), atacando o narcisismo do outro, devido ao “complexo de revolta” (Matos, 2002, cit. por Mesquita, 2012, p. 133), tentando-o destruir para que ele não aumente o seu sentimento de inferioridade. Matos (2002, cit. por Mesquita, 2012) designa estes sujeitos como “perversos narcísicos”, uma vez que, vivem do ataque ao narcisismo alheio, restringindo-se por vezes a uma incursão à imagem sexuada do outro - castração narcísica” (p. 172). Estes indivíduos sentem vergonha da sua fragilidade narcísica, criada na infância pelas atitudes *desnarcisantes* dos pais (sentindo-se vitimizado pelo excesso do poder dos pais, quando era obediente) e devido a isso, nas relações amorosas adultas, quando algum episódio despoleta esse sentimento, tendem, segundo Freud (1920, cit. por Mesquita, 2012), a transformar o passivo (o que sofreram na relação com o objeto inicial) em ativo (uma resposta agressiva, aplicando no outro as feridas narcísicas que o próprio receia sofrer) (Kohut, 1972, cit. por Mesquita, 2012). Segundo Mesquita (2012), o narcísico, atua desta forma devido ao seu objeto interno: sugador, insaciável e usurpador, criador de inseguranças e de dúvida de afeto. Estes indivíduos encontram-se num *refúgio psíquico* (Steiner, 1993, cit. por Mesquita, 2012, p.179), “dilema claustro-agorafóbico” (Rey, 1991 cit. por Mesquita, 2012, p. 183) ou ansiedade claustrofóbica (Steiner, 1991), pois, se por um lado, precisam do outro para sentirem alguma estabilização do *self*, relacionando-se emocionalmente próximo dos objetos, por outro,

apresentam-se com angústias esquizoides de fragmentação, devido ao afastamento exagerado em relação aos objetos, por sentirem o seu *self* aprisionado e sob muitas exigências, comprometendo a sua identidade, perante a possibilidade de desagregação e segmentação do *self*. Este dilema, leva o indivíduo a apresentar-se numa postura *borderline*, entre “a posição depressiva e a posição esquizo-paranoide” (Steiner, 1993, cit. por Mesquita, 2012, p.179), movendo-se entre a precisão de ter para si um objeto que estrutura e um outro que pode atacar (em caso de medo de fusão) (Dias, 2010, cit. por Mesquita, 2012). Para além disso, como possuem uma identidade mal construída, a sua heterossexualidade é frágil, o que os leva a envolverem-se habitualmente em relações sucessivas e em ligações sexuais consecutivas, para comprovarem e valorizarem a virilidade ou feminilidade que revela apenas uma ambivalência em relação ao sexo oposto (por um lado o objeto serve de gratificação sexual e por outro é alvo de uma vingança sádica, pois não serve para envolvimento afetivo nem é considerado como alguém capaz de dar afeto). Os perversos narcísicos, procuram continuamente relações abafadas “pela erotomania ou a histeria (vicariância erótica - “não sou amado, mas sou desejado”, Mesquita, 2012, p. 176), pois possibilitam-lhe reduzir as tensões ao mínimo e livrar-se facilmente da desilusão das perdas, projetando imediatamente no outro, tudo o que o afronta; inibem-se na manifestação de afetos e emoções, por os considerarem sinónimos de vulnerabilidade; nas relações, utilizam o objeto para exibição narcísica (como admirador/confirmador do seu valor); fazem com que o outro se sinta como os seus pais o faziam sentir a si; apaixonam-se pelo sentimento que o outro nutre por si, esperando dele o que nunca oferecem; necessitam de se ligar ao outro para renovarem a esperança de uma nova identidade (unificando o seu *self* frágil e debilitado, pela não-aceitação da diferença do outro enquanto separado do próprio ao nível dos sentimentos, desejos e ambições) e, conseguem lidar com a sua realidade interna dolorosa; e, como se tornam dependentes da avaliação alheia, por terem um *supereu* externo, quando essa apreciação não é validada, respondem agressivamente (Mesquita, 2012). Neste tipo de relacionamento, o outro é “usado” para *pseudo-organizar* o *self* do narcísico (colorindo-o e contendo-o), determinando-se igualmente uma *pseudo-relação* (Mesquita, 2012), assente numa função de reparação narcísica (originada na relação com o objeto primário) e não numa relação de reciprocidade. A seleção do objeto não é realizada segundo as suas qualidades, mas orienta-se sim pelo facto de ter de constantemente admirar e desejar o narcísico, visto este não ter tido hipótese “de aprender, com o objeto inicial, a reconhecer o olhar de desejo e satisfação” (Mesquita, 2012, p. 181). Nesse sentido, o objeto idealizado é habitualmente, uma pessoa que se deixa dominar e que de certa forma é incapaz de se separar do sujeito. É importante frisar que, de cada vez que o objeto tentar a emancipação e a desvinculação do seu parceiro narcísico, é enervado e humilhado por este, pois “deve apenas permitir-se a existir enquanto continuidade do próprio (Symington, 2006), o que falta ao próprio para se sentir um todo” (Mesquita, 2012, p. 180). O outro é investido à imagem e semelhança do narcísico, no sentido em que é fundido com este, ao nível de identificação narcísica (apossando-se das características do outro, que inveja, sentindo-as como próprias) e/ou

projetiva (despejando tudo o que lhe causa incómodo e, insatisfação), o que leva à ideia de se estar na presença da “tríade maníaca descrita por Melanie Klein: onipotência - controlo - desprezo” (Mesquita, 2012, p. 174). Deste modo, o objeto é um prolongamento do *self* do narcísico e como tal fica responsável, por conter o “sonho que o sujeito não pode sonhar” (Dias, 2010, cit. por Mesquita, 2012, p. 180) e, por “pensar os pensamentos” do narcísico (Mesquita, 2012, p. 184), dando assim um significado ao *self* subdesenvolvido deste. Quando o objeto falha na sua função principal de “identificação projetiva complementar”, amplifica-se a “raiva narcísica” (Dias, 2010, cit. por Mesquita, 2012, p. 180) e a melhor resolução é seguir para um novo relacionamento sem se analisar os fatores causadores do insucesso do antecedente, obtendo-se uma *pseudo-segurança* mesmo que se repita o círculo vicioso narcísico (Cloninger, Svrakic, & Przybeec, 1993) (Figura 1).



Figura 1. Círculo Vicioso Narcísico.

Nestas relações o outro não serve para objeto de prazer, mas é apenas um mediador para a ostentação sexual do próprio. Assim, o objeto amoroso, representa alguém que segundo o seu interesse, o narcísico pode desvalorizar (sendo alvo de projeções) ou então idealizar (como alguém com quem se quer identificar), tendo sempre presente o objetivo central de regular a autoestima e estruturar o *self*, evitando desorganizar-se e/ou entrar em depressão. Por conseguinte, as relações deste tipo podem-se caracterizar como: **1) manifestações de narcisismo maníaco** (Manzano & Espasa, 2008, cit. por Mesquita, 2012, p. 182) visto o sujeito ter muitas dificuldades em amar verdadeiramente, buscando o outro só para exteriorizar o seu desejo, através de comportamentos sexualmente estimulantes, mas sem intimidade e com substituição dos afetos por pensamentos erotizados e revelação de uma “*sexualidade operatória*” (Mesquita, 2012, p. 182), na qual o narcísico não se liga verdadeiramente a ninguém mas seduz infantilmente o objeto de forma a mantê-lo na esperança da satisfação do desejo, que jamais acontecerá; **2) transnarcísicas** por permitirem a manutenção da autoestima, uma vez que, o narcisismo se movimenta de um flanco para o outro, no sentido que a ampliação do narcisismo de um corresponde a uma redução do narcisismo do outro e vice-versa, o que significa que tal como numa ligação narcísica fusional (par maníaco-depressivo, Matos, 2002, cit. por Mesquita, 2012), o narcísico apropria-se daquilo que no objeto é sentido como bom e invejável, idealizando um controlo onipotente do outro; **3) de disjunção exclusiva** pois só pode existir “ou o eu ou o

outro” (Bleichmar, 1985, cit. por Mesquita, 2012, p. 174), isto é, o objeto não pode destacar-se ou ter outros desejos que não sejam idênticos aos do narcísico, o que segundo Matos (1982, cit. por Mesquita, 2012) sugere uma rejeição da “*subjetividade e alteridade do outro*” (p. 174), que resulta numa falta ou instabilidade da função discriminadora do *self*-objeto; **4) tirânicas**, uma vez que, o narcísico cria um gênero de “*seguro contra a rejeição e o sentimento de abandono*” (Mesquita, 2012, p. 175), ou seja, para evitar sentir-se abandonado, menosprezado (insuficiência narcísica) e para não ter de assumir o sentimento de desvalorização que tem sobre si mesmo, o sujeito inflige sentimentos de abandono no objeto, menospreza-o e, nega a sua existência e o seu valor enquanto pessoa independente e autónoma (Mesquita, 2012) criando assim, uma ilusão de segurança na relação; **5) parasitárias** no sentido em que o importante é o sujeito sentir-se alvo de desejo enquanto o objeto é apenas e tão-somente algo a ser usado em prol do interesse daquele, ou seja, o envolvimento afetivo e de ternura é substituído por uma mera ligação (sem emoção ou criatividade) que objetive o ser desejado, que encubra o *self* fracassado/frustrado, que elimine a animosidade do passado (no qual vivenciou um sofrimento pré-edipiano decorrente da ação de um objeto narcísico e sádico, Matos, 1984, cit. por Mesquita, 2012) e que destaque a ritualização e o desempenho sexual que, por sua vez, se assume como núcleo relacional (com diferentes parceiros), fortalecendo o desapego emocional, o exibicionismo do próprio e o ser desejado (Mesquita, 2012); **6) de estagnação asséptica**, uma vez que os parceiros não se tocam verdadeiramente em intimidade, devido ao medo de se ser dominado pelas emoções, perdendo-se o controlo e ficando-se vulnerável ao sofrimento (da perda, do abandono, da desvalorização). Segundo Bleichmar (1983, cit. por Mesquita, 2012), medra-se um “desejo metonímico” (p. 178) perante os objetos que se vão tendo, uma vez que, o que se ambiciona não é o indivíduo em si, mas um *eu ideal*, sendo que o narcísico evita a todo o custo, um envolvimento profundo por não se sentir confortável num relacionamento de intimidade. De acordo com Zimmerman (2004, cit. por Mesquita, 2012) cria-se “uma forma patológica do vínculo de amor” (p. 179) nomeada por “vínculo tantalizante” (p. 179), através do qual o sujeito se coloca numa posição de *ideal do eu*, paralisando, dominando e seduzindo o objeto, deixando-o na expectativa de um amor que jamais lhe será oferecido, visto o narcísico ser incapaz de amar verdadeiramente, pois foi isso que vivenciou na sua infância, o desamor, a falta e a incapacidade de se amar. Quando existem falhas na relação, o sentimento de que o objeto não executa a sua função, é somente uma reprodução do que o sujeito experienciou na infância, ou seja, o sentimento de que a mãe/pai não executaram a sua função contentora e de estruturação do *self*, por não terem tido ele(s) próprio(s) uma flexibilidade funcional do(s) seu(s) *self*, ficando por isso impedido(s) de atender(em) às necessidades de amor do seu bebé, originando neste, o desenvolvimento de mecanismo de defesa baseados no sentimento “de que o melhor é não necessitar do amor do outro, porque o resultado será o sofrimento” (Mesquita, 2012, p. 181). Assim, pode-se dizer que, estas relações estão rodeadas por uma campânula sufocante que leva a uma resistência ao amor, a uma carência amorosa, por simplesmente, não ser vivida em pleno.

4.3.3. Evitante-desnarcisante (evitante).

Segundo Mesquita (2012) estas ligações caracterizam-se por recusas do próprio à relação (como estratégia de sobrevivência), uma vez que, fazem ressuscitar emoções, lembranças, fantasias e outras vivências que prenunciam um reemergir de modelos vinculativos devastadores para o sujeito, nomeadamente nos casos em que, a intimidade é sinónimo de fusão, morte, “desaparecimento do próprio no outro” (Mesquita, 2012, p. 186). Isto significa que, o sujeito propende a desvalorizar o outro para se engrandecer e assim esconder o verdadeiro sentimento de inferioridade, ou seja, o indivíduo nega a dependência que realmente tem do objeto, controlando-o e fragilizando-o sob o seu poder. Entretanto, esta postura perante o objeto amoroso conduz a uma destruição do relacionamento, pois institui-se gradualmente, não só um enfraquecimento da vida afetivo-emocional e do sentimento de identidade, como também, um aumento do ódio e da inveja dos parceiros, individualmente e entre si (Mesquita, 2012). Isto traduz-se na projeção (Dias, 2000, cit. por Mesquita, 2012) de um “narcisismo persecutório” (Manzano, & Espasa, 2008, cit. por Mesquita, 2012, p. 186) ou “maligno” (Kernberg, 1984, cit. por Mesquita, 2012, p. 186), que objetiva desfazer as idealizações sobre o outro, “de forma a negar o sentimento de inveja profunda e encobrir a angústia paranoide” de “negação intensa da necessidade de ligação ao objeto” (Mesquita, 2012, p. 186), acabando por levar a “estados confusionais e de desintegração do *Self*” (Mesquita, 2012, p. 187), devido à incapacidade do próprio para produzir tais sentimentos e à falta ou défice da “função alfa”, necessitando do outro para o exercício da mesma. Por sua vez, esta atividade e identificação projetivas vão desenhando um ciclo psicótico vicioso, pois o vazio provocado pela projeção é preenchido por ações delirantes e estados megalómanos e é conseqüentemente ampliado pela sensação crescente de afastamento da realidade (Sánchez, 2003, cit. por Mesquita, 2012). Segundo Mesquita (2012) este ciclo psicótico reveste-se de oscilações entre sentimentos de ódio (por ter de olhar o outro como separado de si) e terror (por se “entranhar” fusionalmente com o objeto amoroso). Em alguns sujeitos, surge uma altivez psicótica (em substituição do orgulho próprio), apoiada numa independência fictícia que resulta numa inveja destrutiva (dos aspetos do objeto), numa alienação geral e, na inexistência de afeto que se expressam num ataque constante ao narcisismo do outro, projetando neste as partes indesejadas (as pouco coesas, incompletas e frágeis - *self* desnarcisado) do seu próprio *self* (narcísico) (Mesquita, 2012). Assim, a “realidade interna e externa é odiada” e “a parte psicótica da personalidade em aliança com este *Self* narcísico destrói as funções que constituem resposta evolutiva ao princípio da realidade” (Mesquita, 2008, cit. por Mesquita, 2012, p. 188).

Parte III - Estudo Empírico

5. Metodologia

5.1. Linhas gerais do estudo.

5.1.1. Pertinência do estudo.

A realização deste estudo prende-se com o facto de, apesar de se ter desenvolvido muito sobre conjugalidade, amor e conflitos conjugais, persistirem por esclarecer muitos aspetos sobre a importância das histórias que cada pessoa traz consigo desde a infância para esse contexto relacional. Assim procura-se prestar um contributo para se compreender se os modelos internos relacionais desadaptativos estabelecidos na vinculação com os pais, serão ou não uma base para a escolha de relações amorosas que visem colmatar falhas de amor. Neste contexto, espera-se encontrar relações entre a representação (menos saudável) que um indivíduo tem sobre a sua relação parental, os esquemas desadaptativos decorrentes dessa fase e os eventuais desamores narcísicos da vida adulta.

5.1.2. Formulação do problema de investigação.

Após a revisão de literatura verifica-se que existe por parte da criança, uma internalização das relações precoces com as figuras cuidadoras e uma influência das mesmas nas relações sociais e íntimas (ou amorosas) ao longo da sua vida. De acordo com Morehead (2002) as repetições das relações negativas (em adulto) são a consequência da internalização dos objetos negativos e das suas relações precoces. Desta forma, as representações do *self*, dos outros e das relações adultas são determinadas pelas introjeções das relações primárias e estas por sua vez formam modelos psicológicos duradouros (dinâmica interna) que alicerçam e influenciam as relações futuras (dinâmica externa). Assim, tendo em conta a problemática em estudo, questiona-se se existirá algum modelo interno relacional/esquema inicial desadaptativo (EID) e/ou estilo parental (EP) que influencie a escolha de relacionamentos amorosos (de reparação narcísica) ao longo da vida adulta do sujeito?

5.1.3. Objetivo geral do estudo.

Seguindo a linha orientadora da revisão de literatura e considerando a importância que as relações primárias e as amorosas têm na vida de cada pessoa, o objetivo geral desta investigação é tentar estudar os EIDs e os EPs que se estabelecem nas relações precoces e se se revelam nos relacionamentos amorosos de reparação narcísica.

5.1.4. Objetivos específicos do estudo.

Complementarmente, ao objetivo geral e tendo-o por base, os objetivos específicos direcionam-se a:

1. Verificar eventuais relações entre algumas variáveis sociodemográficas e os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica.

2. Investigar quais os EIDs e representações de EPs que se associam aos tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica na vida adulta.

5.1.5. Questões de investigação.

Decorrente dos objetivos traçados, definiram-se as seguintes questões de investigação:

1. Existem relações estatisticamente significativas entre as idades e os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica?
2. Existem relações estatisticamente significativas entre a satisfação com a relação e os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica?
3. Quais os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica, evidenciados pelos dados?
4. Quais os EIDs que sobressaíram na investigação?
5. Quais os EPs que ressaltaram no estudo?
6. Haverá correlação significativa entre os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica e os EIDs?
7. Haverá correlação significativa entre os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica e os EPs?

5.2. Procedimentos.

5.2.1. Delineamento ou desenho do estudo.

O presente estudo enquadra-se num contexto de campo (com questionários), é transversal pelo facto de os instrumentos serem aplicados num único momento não havendo lugar a nova recolha de dados junto da amostra (Quivy, 1998) e tem carácter: **(a) descritivo**, pelo facto de ter “[...] como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (Gil, 1995, p. 45), pelos seus procedimentos técnicos se realizarem através de técnicas padronizadas de recolha de dados e por não manipularem variáveis uma vez que apenas as regista, descreve e analisa (Fortin, 2003); **(b) correlacional** por examinar e determinar a existência de relações entre variáveis (Gil, 1995); e **(c) quantitativo** não só pelas informações serem recolhidas por meio de questionários estruturados com perguntas claras e objetivas mas também pelo uso de técnicas estatísticas para mensurar, classificar e analisar os dados (Hochman, Nahas, Oliveira Filho, & Ferreira, 2005). Assim, este estudo pretende relacionar variáveis ao mesmo nível tentando descobrir fatores ligados ao tipo de relacionamento amoroso de reparação narcísica no âmbito dos EIDs e dos EPs representados pelo indivíduo.

5.2.2. População e amostra.

Esta investigação foi dirigida a uma população finita (Almeida & Freire, 2008) cujos

critérios de inclusão para participação no estudo e consequente constituição da amostra foram: **1)** ter idades compreendidas entre os 23 e os 63 anos (Arnett, 2000, 2007); **2)** ter mantido ou manter uma relação amorosa; e, **3)** ter nacionalidade portuguesa (opção usada na participação *online* pelo facto de o universo/população ser mais diverso a este nível). Face às questões de investigação a amostra constituída por conveniência/voluntariado (Marôco, 2007) formou-se inicialmente por 274 questionários ($N = 274$), 196 preenchidos em papel e 78 *online* na plataforma *Eval & Go*, sendo que destes foram excluídos 43 por desistência do preenchimento e dos questionários em papel retirou-se 1 por estar fora do critério “idade” e 5 por usarem classificações inválidas e/ou inexistentes para as respostas, obtendo-se no final uma amostra total de 225 indivíduos ($N = 225$).

5.2.3. Instrumentos.

Ponderando os pressupostos do presente estudo foi aplicado um protocolo de investigação composto: pelo Questionário Sociodemográfico - QSD para caracterização dos sujeitos inquiridos, num conjunto de 10 questões com indicação de: sexo, idade, nível de escolaridade, profissão, ter ou não uma relação amorosa, a orientação relacional, o estado civil, o grau de satisfação com a relação, o número de relações que já havia tido e a duração média dessas relações (Anexo 9, versão *online* - Anexo 10); pelos três questionários de autopreenchimento com afirmações do tipo fechado (Almeida & Freire, 2008) aplicados com ordem aleatória de forma para a tarefa não se tornar exaustiva devido ao elevado número de questões: Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso - ITRA, versão masculina/feminina (Mesquita, 2011) (Anexo 11, versão *online* - Anexo 12); Questionário de Esquemas - QE (Young & Brown, 1989, tradução e adaptação de Pinto-Gouveia & Robalo, 1997) (Anexo 13, versão *online* - Anexo 14); Questionário de Estilos Parentais - QEP (Young, 1999, tradução e adaptação de Salvador, Rijo, & Pinto-Gouveia, 1996, 2003) (Anexo 15, versão *online* - Anexo 16). O ITRA é um inventário desenvolvido e aferido à população portuguesa (Mesquita, 2011) que tem como objetivo avaliar a existência e o tipo de relacionamentos amorosos que se constituem a partir de vulnerabilidades narcísicas do *self* tendo como função a reparação dessas falhas. A escala é composta por 53 itens indicadores de três tipos de relacionamentos amorosos (submisso-idealizador, eufórico-idealizante e evitante-desnarcisante) classificados numa escala tipo *Likert* unipolar de 5 pontos (em formato de régua) na qual os entrevistados assinalam com um círculo o grau em que a afirmação caracteriza o seu comportamento amoroso, variando entre⁶ “1 = Pouco típico no meu comportamento” e, “5 = Muito típico no meu comportamento”. Relativo à cotação e análise da escala, o tipo de relacionamento amoroso está presente no sujeito, se a média dos itens constituintes for igual ou superior a 3. Os itens são apresentados sequencialmente e agrupados segundo o tipo de relacionamento que caracterizam (Anexo 17). De acordo com o número de itens de cada grupo, para o tipo de relacionamento amoroso submisso-idealizador o *Alfa de Cronbach* foi aceitável ($\alpha = .794$) enquanto para o

⁶ Apesar de os restantes níveis serem apenas dimensões que implicam uma “quantificação subjetiva” (Mesquita, 2012, p. 220), caso se torne pertinente saber, referem-se a “2 = Algumas vezes típico”, “3 = Moderadamente típico” e, “4 = Típico”.

eufórico-idealizante ($\alpha = .828$) e para o evitante-desnarcisante ($\alpha = .824$) foi considerado bom, o que revela uma validade interna boa, para o total da escala. No que concerne à correlação existente entre os três grupos, verificaram-se correlações significativas entre o submisso-idealizador e eufórico-idealizante ($r = .18, p < .001$) e, uma correlação muito significativa entre este e o evitante-desnarcisante ($r = .70, p < .001$). **Do QE**, foi usada a versão portuguesa, do questionário original *Young Schema Questionnaire - YSQ* (Young & Brown, 1989), traduzida e adaptada por Pinto-Gouveia e Robalo (1997) (amavelmente cedida para esta investigação pelo CIECC). Trata-se de um questionário de autorresposta para avaliar a predominância de 15 EIDs, é constituído por 123 afirmações/itens classificados numa escala tipo *Likert* de 6 pontos que indicam a avaliação que os entrevistados fazem dos sentimentos e crenças sobre si mesmos e os outros, variando entre “1 = Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser” e, “6 = Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente”. Segundo as indicações de cotação constantes na página <http://www.schematherapy.com/id111.htm> e por não existirem itens invertidos, a identificação/presença de cada EID é feita através da contagem do número de itens com uma classificação de 5 ou 6. Por exemplo, um sujeito que no grupo/esquema “privação emocional” (“pe”) classifica um item com 5, e dois itens com 6, teria uma classificação de 3 no mesmo. Na forma longa, usada neste estudo, qualquer pontuação igual ou superior a 3 (em cada grupo), indica que o EID é significativo, ou seja, está presente/ativo no sujeito. Quando algum esquema, não apresenta pontuações altas, normalmente presume-se que é evitado. Os itens são apresentados sequencialmente (i.e., não aleatoriamente) e agrupados segundo o esquema que ativam (Anexo 18). Optou-se por se usar a primeira versão do QE (Young & Brown, 1989) por ser a que se encontra adaptada para a população portuguesa e por revelar nas suas características psicométricas resultados favoráveis quanto à consistência interna ou confiabilidade do questionário, evidenciando para a escala global/total um *Alfa de Cronbach* robusto ($\alpha = .96$) (Pinto-Gouveia, Robalo, Cunha, & Fonseca, 1997, cit. por Pinto-Gouveia, Castilho, Galhardo, & Cunha, 2006) e para os 15 EIDs níveis satisfatórios de consistência interna com variação dos *alfas* entre .50 e .82 (Young, et al., 2003) e com boa estabilidade temporal ($r = .93$) (obtido por um teste-reteste de quatro semanas) (Pinto-Gouveia, et al., 1997, cit. por Pinto-Gouveia, et al., 2006). **O QEP** (com designação original de *Young Parenting Inventory – YPI*, Young, 1999) é composto por 72 itens (identificativos de 17⁷ estilos parentais) onde em cada um, o sujeito avalia o quanto a afirmação descreve o seu pai e a sua mãe durante a sua infância e adolescência. A avaliação é realizada através de uma escala de *Likert* de 6 pontos, que varia entre “1 = Completamente falso/Não tem absolutamente nada a ver com o que acontecia comigo” e “6 = Descreve-a(o) perfeitamente/Tem tudo a ver com o que acontecia comigo”. Os agrupamentos de itens encontram-se separados por siglas com um asterisco que representam a abreviação do esquema (e.g., os itens 1 a 5 que se encontram acima da

⁷ O EID (Isolamento social/alienação) não é medido pelo QEP uma vez que é mais característico no grupo de pares e não tanto na parentalidade.

abreviação "pe", avaliam o esquema de privação emocional). De acordo com as normas de cotação constantes na página <http://www.schematherapy.com/id112.htm> e até que existam regras seguras para o questionário, os procedimentos indicam que se deve observar o número de itens com pontuação alta atribuída pelo sujeito para cada um dos pais em cada esquema. Neste sentido, seguindo para os dois progenitores a mesma regra da análise que para cada um deles (esta mais aconselhada na prática clínica), a identificação dos EPs efetua-se através da contagem do número de itens de cada grupo, avaliados como 1 ou 2 (para o esquema privação emocional, uma vez que é o único invertido implicando que as pontuações mais baixas significam classificações altas) e como 5 ou 6 (para os restantes esquemas onde as pontuações altas equivalem a classificações altas). Como exemplo, se a Mãe tiver nos itens 1 a 5 ("pe" - esquema com classificação invertida) as pontuações 2,3,2,1,6 - contam-se 3 itens (1º, 3º e 4º) que revelam as pontuações de 1 e 2. Por outro lado, se no esquema de abandono ("ab") se classificarem os itens 6 a 9 com 6,3,5,2 – contam-se 2 itens com pontuações altas de 5 ou 6 (os itens 6 e 8) porque o esquema não é invertido. Assim, os grupos que obtêm maior número/maioria de itens classificados com classificação elevada (i.e., que a contagem de itens em cada EID, seja superior a metade do total dos que o constituem) representam os EIDs que tiveram um papel destacado na criação do seu filho passando os EPs a adquirir a mesma designação dos EIDs correspondentes. Devem-se continuar os cálculos de acordo com este processo tanto para a mãe quanto para o pai em cada um dos 17 esquemas (Anexo 19). Em geral, um esquema é provável que seja mais grave para um paciente quando há várias pontuações altas e quando ambos os pais também têm classificações altas nesse esquema. A versão para a população portuguesa, foi validada pelo estudo de tradução e adaptação de Salvador, Rijo e Pinto-Gouveia (2003) e apresentou nas suas propriedades psicométricas um *Alfa de Cronbach* que variou entre .66 e .89 para a escala da Mãe e entre .71 e .90 para a do Pai. Sendo que ambas as escalas apresentaram coeficientes superiores a .80, considera-se, segundo Pasquali (2003), que são indicadoras de uma boa consistência interna e mostram uma fidedignidade razoavelmente adequada do QEP, indicando que a maioria das variações das pontuações individuais se refere a inconstâncias reais e não a erros.

5.2.4. Procedimentos da recolha de dados.

Relativamente à aplicação dos instrumentos, a mesma foi efetuada de duas formas: **1)** em papel (presencialmente ou em local que os sujeitos preferiram) a alunos/as da Universidade de Évora (do 2º ano de Psicologia no ano letivo de 2012/2013 por ser conveniente à mestranda, uma vez que, era funcionária e estudante na Instituição); funcionários do IDT (Instituto de Drogas e Toxicodependência de Évora, atual UIL - Unidade de Intervenção Local, por ter sido o local de estágio da investigadora); funcionários e agentes da Polícia de Segurança Pública (pelo facto da mãe da investigadora ser funcionária); e, amigos/as e conhecidos/as da mestranda; e **2)** via *online* (na plataforma *Eval & Go*), com apresentação, difusão e disponibilização realizada por *e-mails* (divulgados em

vários momentos do ano letivo) para: a página de *facebook* da mestrandia; Universidade de Évora (para funcionários docentes e não docentes, por intermédio do Gabinete de Comunicação da Instituição, através do ForUE - Fórum da Universidade de Évora) e, para alunos com o auxílio da AAUE (Associação Académica da Universidade de Évora); funcionários/colaboradores do IES (Investigação em Empreendedorismo Social). O período de coleta da amostra ocorreu entre agosto de 2013 e setembro de 2014 (via *online*) e entre outubro e dezembro de 2013 (em papel), sendo a recolha destes, efetuada ao longo do ano letivo (até julho de 2014) conforme disponibilidade dos participantes.

5.2.5. Procedimentos éticos e deontológicos.

A pesquisa seguiu as recomendações éticas para a realização de investigação em Psicologia, de acordo com os princípios éticos e os códigos de conduta da *American Psychological Association* (APA, 2003) e da Ordem dos Psicólogos Portugueses (*Regulamento nº 258/11, de 20 de abril*). Neste âmbito, todos os questionários disponibilizados (em papel ou via *online*) foram acompanhados por uma carta de consentimento informado (Anexo 20, versão *online* - Anexo 21) entregue aos participantes antes do preenchimento dos questionários com: **1)** identificação da investigadora e do curso a que pertence bem como o contexto em que o mesmo se insere; **2)** breve esclarecimento sobre os objetivos do estudo; **3)** indicação dos critérios para participação; **4)** informação sobre o carácter voluntário da participação e da possibilidade do participante se retirar a qualquer momento; **5)** esclarecimentos sobre o preenchimento dos questionários e a forma como foram organizados; **6)** estimativa do tempo necessário ao preenchimento dos instrumentos aplicados; **7)** conhecimento ao participante que a investigadora assegurava a privacidade, confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos esclarecendo-se que, os mesmos seriam transformados e inseridos em códigos; **8)** esclarecimento sobre o(s) procedimento(s) a ter em caso de dúvidas; **9)** agradecimento pela participação; e, **10)** possibilidade de concordância na participação (com uma cruz no quadrado para o efeito) e indicação da data em que se realizou a colaboração no estudo. Foi oferecida a cada participante, a possibilidade de ser posteriormente informado sobre os resultados e conclusões do estudo e devido à grande adesão, criou-se um ficheiro em *Excel* (que não se anexa à investigação por motivos de privacidade e anonimato) no qual se registaram os endereços de *e-mail* fornecidos por cada interessado. Quando surgiram dúvidas sobre o conceito de narcisismo ou questões relacionadas com os instrumentos, foram fornecidos todos os esclarecimentos necessários. Na difusão do estudo via *online*, foi destacado que, as perguntas dos questionários eram administradas de forma anónima através da plataforma de *internet* (*Eval & Go*) por encriptação da informação, de forma a assegurar e garantir a completa segurança e confidencialidade dos dados recolhidos igualmente codificados pelo próprio *software*, enquanto nos aplicados diretamente, os mesmos foram entregues e devolvidos em envelopes fechados. Na aplicação direta aos participantes, grande parte queixou-se do número excessivo de respostas e da demora que os mesmos

acarretavam e, o elevado número de desistências, no preenchimento *online*, pode igualmente estar relacionado com esta mesma questão.

5.2.6. Procedimentos do tratamento de dados.

Neste estudo, todos os dados obtidos foram tratados informaticamente na base de dados, criada para o efeito, através do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, *version 22* no qual se criou a base de dados e as variáveis de estudo segundo os procedimentos dos instrumentos. Importaram-se os dados de 35 sujeitos, da plataforma *Eval & Go* para o *Microsoft Excel 2010* e após a formatação dos mesmos exportaram-se para o *SPSS*. Introduziram-se os dados dos 190 respondentes em papel. Por fim trataram-se e analisaram-se os dados, através dos métodos estatísticos descritos no ponto a seguir.

5.2.7. Procedimentos da análise de dados (métodos estatísticos).

Tendo em consideração as questões de investigação e a natureza quantitativa do estudo desenvolveu-se o seu tratamento estatístico, incidindo na:

- Análise descritiva (univariada) da amostra⁸, com descrição e sumarização das características amostrais, através de: **(a)** valores percentuais dos quartis; **(b)** tendência central/de posição; **(c)** dispersão/variabilidade; **(d)** frequências.
- Análise exploratória da amostra versus ITRA, através do somatório de casos das variáveis demográficas (Idade, Satisfação com o Relacionamento e, Duração Média dos Relacionamentos) por cada tipo de relacionamento de reparação narcísica.
- Análise descritiva (univariada) dos instrumentos⁹, através de medidas de: **(a)** dispersão/variabilidade; **(b)** frequências.
- Análise correlacional (bivariada)¹⁰, através de medidas de associação baseadas no Qui-Quadrado, com o cálculo dos coeficientes de contingência (*C de Pearson*), *Phi* e *V de Cramer* (medidas de simetria) para verificar quais os EIDs e EPs que se relacionam com os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica e de que forma (em que grau) se relacionam.

⁸ Os testes descritivos da amostra foram adequados à classificação das variáveis (McCall, 1998 cit. por Marôco, J., 2010) calculando-se a Média (*M*), Moda (*Mo*), Quartis, Desvio-Padrão, Mínimo (*Min.*), Máximo (*Máx.*), Frequências (absolutas e relativas) e, Percentagens para a Idade e Número de Relacionamentos Amorosos, enquanto variáveis quantitativas discretas de razão; o Mínimo (*Min.*), Máximo (*Máx.*), Frequências (absolutas e relativas) e, Percentagens, para a Escolaridade e Satisfação com o Relacionamento enquanto variáveis qualitativas ordinais, e, para o Sexo, Profissão, Relacionamento Amoroso Atual, Orientação do Relacionamento, Estado Civil e Duração Média dos Relacionamentos enquanto variáveis qualitativas nominais binomiais/dicotómicas.

⁹ Os testes descritivos dos instrumentos foram adequados à classificação das variáveis (McCall, 1998 cit. por Marôco, 2010) calculando-se apenas o Mínimo (*Min.*), Máximo (*Máx.*), Frequências (absolutas e relativas) e, Percentagens para todas as variáveis de cada instrumento, por se tratarem de variáveis qualitativas nominais binomiais (Sujeitos com cada um dos três tipos de Relacionamentos e os Relacionamentos de Reparação Narcísica Ativos no Sujeito do ITRA; Sujeitos com os vários tipos de EIDs do QE; e, Sujeitos com os diversos tipos de EIDs Destacados no EP do Sujeito do QEP) ou polinomiais (EIDs Ativos no Sujeito do QE e, EIDs Destacados no EP do Sujeito do QEP).

¹⁰ Os testes de associação/correlacionais foram adequados à classificação das variáveis enquanto variáveis nominais binomiais ou polinomiais (Pestana, & Gageiro, 2008); Não foi utilizado o coeficiente de correlação tetracórico (de análise fatorial) pelo facto de a amostra não ter no mínimo $N = 300$.

6. Resultados

6.1. Apresentação e análise.

6.1.1. Análise descritiva da amostra.

A amostra foi constituída por 225 participantes, sendo 89 (39.6%) do sexo masculino e 136 (60.4%) do sexo feminino (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Participantes segundo o sexo (em frequência e percentagem).

Sexo	Frequência	%
Masculino	89	39,6
Feminino	136	60,4
Total	225	100,0

A idade média foi de 36.86 anos ($dp = 11.13$) e a mais frequente (8.9%) foi de 25 anos ($Mo = 25$) (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Participantes segundo a idade.

	Idade
Média (M)	36,86
Desvio Padrão (dp)	11,134
Frequência (%)	8,9
Moda (Mo)	25
Total	225

Relativamente à satisfação com o relacionamento, a maioria coube aos Muito Satisfeitos, com 85 indivíduos (37.8%) em oposição à minoria de 16 sujeitos (7.1%) Muito Insatisfeitos (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Participantes segundo satisfação com a relação (em frequência e percentagem).

Satisfação com a Relação	Frequência	%
Muito Insatisfeito	16	7,1
Insatisfeito	36	16,0
Relativam/ Satisfeito	29	12,9
Satisfeito	59	26,2
Muito Satisfeito	85	37,8
Total	225	100,0

6.1.2. Análise exploratória da amostra versus ITRA.

Segundo os dados, as **idades** mais significativas no relacionamento de reparação narcísica **submisso-idealizador**, são os indivíduos entre os 23 e os 26 anos, seguindo-se os de 27, 40 e 42; respeitante ao **eufórico-idealizante** os sujeitos que mais se destacam são os de 43 e 44 anos; e, em relação ao **evitante-desnarcisante** encontram-se as pessoas com 52 anos (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Idades significativas por relacionamento amoroso de reparação narcísica.

Idade	Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Submisso-Idealizador	Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Euforico-Idealizante	Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Evitante-Desnarcisante
23	7		
24	6		
25	7		
26	6		
27	3		
40	3		
42	3		
43		2	
44		2	
52			2

No que concerne à **satisfação com a relação** em sujeitos com relacionamento de reparação narcísica **submisso-idealizador**: 30 estão muito satisfeitos, 13 satisfeitos e 12 insatisfeitos; nos sujeitos com relacionamento **eufórico-idealizante**: 6 destacam-se relativamente satisfeitos e 5 encontram-se satisfeitos; e, os sujeitos com relacionamento **evitante-desnarcisante** encontram-se maioritariamente insatisfeitos (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Significância da satisfação com a relação por relacionamento amoroso de reparação narcísica.

Satisfação com a Relação	Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Submisso-Idealizador	Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Euforico-Idealizante	Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Evitante-Desnarcisante
Insatisfeito	12		3
Relativam/ Satisfeito		6	
Satisfeito	13	5	
Muito Satisfeito	30		

6.1.3. Análise descritiva dos instrumentos.

6.1.3.1. ITRA.

Segundo os relacionamentos de reparação narcísica, os dados revelam que, existem 84 indivíduos (37.3%) com algum tipo de relacionamento de reparação narcísica, sendo que desses, **destacam-se** (cf. Tabela 6), 62 (27.6%) com relacionamento Submisso-Idealizador e 15 (6.7%) com o Eufórico-Idealizante.

Tabela 6

Tipos de relacionamento de reparação narcísica destacados (em frequência e percentagem).

Tipo de Relacionamento de Reparação Narcísica	Frequência	%
Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Submisso-Idealizador	62	27,6
Suj. c/ Rel. Rep. Narc. Eufórico-Idealizante	15	6,7

6.1.3.2. QE.

Relativamente aos **EIDs destacam-se** (cf. Tabela 7), 81 sujeitos (36%) com o EID Padrões Rígidos, seguindo-se 64 (28.4%) com Subjugação, 51 (22.7%) com Vulnerabilidade ao Mal e à Doença, 32 (14.2%) com Abandono, 29 (12.9%) com Desconfiança e igualmente 29 (12.9%) com Limites Insuficientes, 22 (9.8%) com Medo de Perder o Controlo, 13 sujeitos (5.8%) com Privação Emocional e, 12 sujeitos (5.3%) com Isolamento Social.

Tabela 7

EIDs destacados (em frequência e percentagem) e domínio a que pertencem.

EIDs	Frequência	%	Domínio do EID
Suj. c/ EID Padrões Ríg.	81	36,0	5
Suj. c/ EID Subjugação	64	28,4	4
Suj. c/ EID Vuln. Mal Doença	51	22,7	2
Suj. c/ EID Abandono	32	14,2	1
Suj. c/ EID Desconfiança	29	12,9	1
Suj. c/ EID Limites Insuf.	29	12,9	3
Suj. c/ EID Medo Perder Controlo	22	9,8	5
Suj. c/ EID Priv. Emoc.	13	5,8	1
Suj. c/ EID Isolam. Social	12	5,3	1

6.1.3.3. QEP.

No que concerne aos **tipos de EPs**, verifica-se que, os **mais significativos** (cf. Tabela 8) correspondem a, 69 sujeitos (30.7%) com Privação Emocional, considerando-se igualmente significativos, os 34 sujeitos (15.1%) com Vulnerabilidade ao Dano e à Doença, 30 (13.3%) com Inibição Emocional e, 27 (12%) com Padrões Rígidos, 19 sujeitos (8.4%) com Negatividade, 18 sujeitos (8%) com Procura de Aprovação, 14 (6.2%) com Dependência, 13 sujeitos (5.8%) com Punitividade e, 11 (4.9%) com o EP Defeito.

Tabela 8

EPs destacados (em frequência e percentagem) e domínio a que pertencem.

EPs	Frequência	%	Domínio do EP
Suj. c/ EP Priv. Emoc.	69	30,7	1
Suj. c/ EP Vuln. Dano Doença	34	15,1	2
Suj. c/ EP Inib. Emoc.	30	13,3	5
Suj. c/ EP Padrões Rígidos	27	12,0	5
Suj. c/ EP Negativ.	19	8,4	5

(Cont)

Tabela 8 (cont.)

EPs destacados (em frequência e percentagem) e domínio a que pertencem.

EPs	Frequência	%	Domínio do EP
Suj. c/ EP Procura Aprov.	18	8,0	4
Suj. c/ EP Dependência	14	6,2	2
Suj. c/ EP Punitividade	13	5,8	5
Suj. c/ EP Defeito	11	4,9	1

6.1.4. Análise correlacional/de associação.

6.1.4.1. Entre o ITRA e o QE.

De modo a verificar a correlação/associação entre os três tipos de relacionamento de reparação narcísica (do ITRA) e os diversos EIDs (do QE), segundo os valores dos coeficientes de *Phi* e *V de Cramer* (Pestana, & Gageiro, 2008) de acordo com a Tabela 9.

Tabela 9

Interpretação dos valores dos níveis de associação dos Coeficientes de Phi (ϕ) e V de Cramer e, de Contingência (C de Pearson).

Nível de associação dos coeficientes	Descrição	Observações
Menor que + ou -.10	Relação Muito Fraca	Geralmente não aceite
+ ou - .10 a .19	Relação Fraca	Minimamente aceitável
+ ou - .20 a .29	Relação Moderada	Aceitável
+ ou - .30 ou Superior	Relação Forte	Muito desejável

Nota. Fonte: Adaptado de Murphy & Myers (1998).

Assim, as hipóteses para os valores da Probabilidade do Qui-Quadrado (*Aprox. Sig.*), com um nível de significância de 5%, têm a seguinte interpretação:

H₀: o sujeito com relacionamento de reparação narcísica é independente do sujeito com EID, isto é, não existe relação entre as variáveis.

H₁: o sujeito com relacionamento de reparação narcísica é dependente do sujeito com EID, isto é, existe relação entre as variáveis.

Desta forma, adotando um nível de significância $\alpha = .05$, se $p < \alpha$, rejeita-se a hipótese nula, concluindo-se que, o sujeito com o tipo de relacionamento de reparação narcísica se relaciona com o sujeito com o tipo de EID; contrariamente se $p > \alpha$, não se rejeita a hipótese nula, concluindo-se que, o sujeito com o tipo de relacionamento de reparação narcísica não tem relação com o sujeito com o tipo de EID.

Tabela 10

Associação/Correlação entre os EIDs e os Tipos de Relacionamentos Amorosos de Reparação Narcísica.

EIDs	Relacionamentos Amorosos de Reparação Narcísica		
	Submisso-Idealizador	Eufórico-Idealizante	Evitante-Desnarcisante
Dependência	.204*	-.051	-.034
Subjugação	.206*	.068	.057
Vulnerabilidade ao Mal e à Doença	.236*	-.017	.209*
Medo de Perder o Controlo	.165*	.032	.027
Privação Emocional	.103**	.087	.175*
Abandono	.233*	.044	.000
Desconfiança	.060	.323*	-.084
Isolamento Social	.031	.095	.185*
Defeito	-.008	.234*	-.024
Indesejabilidade Social	.061	.157*	.263*
Fracasso	a	a	a
Culpa	.128**	.036	-.037
Vergonha	.041	.250*	-.012
Padrões Rígidos	.097	.097	-.028
Limites Insuficientes	-.029	.216*	.160*

Nota. ^a Nenhuma estatística foi calculada porque o Fracasso é uma constante; * Coeficientes com diferença significativa ($p < .05$); ** Coeficientes com relativa diferença significativa ($p > .05$).¹¹.

Pode-se verificar que, o **Sujeito com Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica Submisso-Idealizador** apresenta: **(1) correlações/associações fracas nos EIDs** - Medo de Perder o Controlo ($\phi = .165, p < .05$), Privação Emocional ($\phi = .103, p > .05$) e Culpa ($\phi = .128, p > .05$); e **(2) correlações moderadas nos EIDs** - Dependência ($\phi = .204, p < .05$), Subjugação ($\phi = .206, p < .05$), Vulnerabilidade ao Mal e à Doença ($\phi = .236, p < .05$), Abandono ($\phi = .233, p < .05$). Relativamente ao **Sujeito com Relacionamento de Reparação Narcísica Eufórico-Idealizante**, o mesmo apresenta: **(1) correlação fraca no EID** - Indesejabilidade Social ($\phi = .157, p < .05$); **(2) correlações moderadas nos EIDs** - Defeito ($\phi = .234, p < .05$), Vergonha ($\phi = .250, p < .05$) e Limites Insuficientes ($\phi = .216, p < .05$); e **(2) correlação forte no EID** - Desconfiança ($\phi = .323, p < .05$). Por sua vez, o **Sujeito com Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica Evitante-Desnarcisante**, apresenta: **(1) correlações fracas nos EIDs** - Privação Emocional ($\phi = .175, p < .05$), Isolamento Social ($\phi = .185, p < .05$) e Limites Insuficientes ($\phi = .160, p < .05$); e **(2) correlações moderadas nos EIDs** - Vulnerabilidade ao Mal e à Doença ($\phi = .209, p < .05$) e Indesejabilidade Social ($\phi = .263, p < .05$). Para uma compreensão mais imediata das correlações existentes entre as variáveis, construíram-se os quadros com o resumo das mesmas (Anexo 22).

6.1.4.2. Entre o ITRA e o QEP.

De modo a verificar a correlação/associação entre os três tipos de relacionamento

¹¹Apesar do p -value ser um pouco superior a $\alpha = .05$ e do ϕ se aproximar de uma relação muito fraca ($\phi = .10$) existindo a possibilidade de não se aceitar a relação entre as variáveis, estes valores podem não indicar propriamente a não existência de uma relação efetiva, mas, significar que, apenas não houve evidência suficientemente forte para provar que essas associações são significativas, pelo facto, de a amostra ser grande e por isso ter pequenas variações (Hays, 1981).

de reparação narcísica (do ITRA) e os diversos EPs (do QEP), segundo os valores dos coeficientes de *Phi* e *V de Cramer* (Pestana, & Gageiro, 2008) de acordo com a Tabela 9.

Neste caso, as hipóteses a serem testadas são:

H₀: o sujeito com relacionamento de reparação narcísica é independente do sujeito com EP, isto é, não existe relação entre as variáveis;

H₁: o sujeito com relacionamento de reparação narcísica é dependente do sujeito com EP, isto é, existe relação entre as variáveis.

Desta forma, adotando um nível de significância $\alpha = .05$, se $p < \alpha$, conclui-se que, o sujeito com o tipo de relacionamento de reparação narcísica tem relação com o sujeito com o tipo de EP; se $p > \alpha$, conclui-se que, o sujeito com o tipo de relacionamento de reparação narcísica é não está relacionado com o sujeito com o tipo de EP.

Tabela 11

Associação/Correlação entre os EPs e os Tipos de Relacionamentos Amorosos de Reparação Narcísica.

EIDs	Relacionamentos Amorosos de Reparação Narcísica		
	Submisso-Idealizador	Eufórico-Idealizante	Evitante-Desnarcisante
Privação Emocional	.129**	-.100**	.103**
Abandono	.068	.036	.170*
Desconfiança	.048	.025	.256*
Defeito	.045	-.061	.316*
Vulnerabilidade ao Dano e à Doença	.184*	-.063	-.004
Dependência	.088	.079	-.046
Fracasso	-.072	-.031	.202*
Subjugação	-.053	-.048	.263*
Emaranhamento	.150*	-.051	-.034
Grandiosidade	.096	-.051	-.034
Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes	.108**	-.018	-.012
Autossacrifício	.109**	.081	-.027
Procura de Aprovação	.075	-.079	.042
Padrões Rígidos	.109**	.011	.170*
Negatividade	.027	.017	.130**
Inibição Emocional	.139*	.000	.080
Punitividade	.018	.087	.175*

Nota. ^a Nenhuma estatística foi calculada porque o Fracasso é uma constante; * Coeficientes com diferença significativa ($p < .05$); ** Coeficientes com relativa diferença significativa ($p > .05$).

Como se pode verificar, o **Sujeito com Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica Submisso-Idealizador** apresenta apenas *correlações fracas nos EPs* - Privação Emocional* ($\phi = .129$, $p > .05$), Vulnerabilidade ao Dano e à Doença ($\phi = .184$, $p < .05$), Emaranhamento ($\phi = .150$, $p < .05$), Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes* ($\phi = .108$, $p > .05$), Autossacrifício* ($\phi = .109$, $p > .05$), Padrões Rígidos* ($\phi = .109$, $p > .05$) e Inibição Emocional ($\phi = .139$, $p < .05$). Relativamente ao **Sujeito com Relacionamento de Reparação Narcísica Eufórico-Idealizante**, o mesmo apresenta apenas uma correlação fraca *no EP* - Privação Emocional* ($\phi = -.100$, $p > .05$). Por sua vez, o **Sujeito com Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica Evitante-Desnarcisante**, apresenta:

(1) *correlações fracas nos EPs* - Privação Emocional* ($\phi = .103, p > .05$), Abandono ($\phi = .170, p < .05$), Padrões Rígidos ($\phi = .170, p < .05$), Negatividade* ($\phi = .130, p > .05$) e Punitividade ($\phi = .175, p < .05$); (2) *correlações moderadas nos EPs* - Desconfiança ($\phi = .256, p < .05$), Fracasso ($\phi = .202, p < .05$) e Subjugação ($\phi = .263, p < .05$); e (3) *correlação forte no EP* - Defeito ($\phi = .316, p < .05$). Para uma compreensão mais imediata das correlações existentes entre as variáveis, construíram-se os quadros com o resumo das mesmas (Anexo 23).

6.2. Discussão.

Neste ponto, articular-se-á a discussão dos resultados obtidos mais significativos com as questões de investigação apresentadas no capítulo da metodologia.

6.2.1. *Existem relações estatisticamente significativas entre as idades e os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica?*

Relativamente às idades, verificam-se relações significativas face aos tipos de relacionamentos reparadores, pois, naquele que mais se destaca (**submisso-idealizador**) encontram-se tanto as fases intermédias da adultez emergente (Arnett, 2004), quanto da adultez. Assim, no que concerne aos jovens adultos, pode-se inferir que, o facto de sobressaírem naquele tipo de relacionamento poderá relacionar-se com a questão de apesar de as relações nesta etapa adquirirem *matizes* mais sérias ao nível do envolvimento e dedicação dos parceiros do que no início da jovem adultícia, a concentração eventualmente exacerbada na satisfação do par incitada pela recente individuação dos progenitores, pode estar, segundo Mesquita (2012), na base da sua necessidade narcísica de reconhecimento do *self* e da regulação da sua autoestima, “utilizando” o outro e investindo nele, para que as suas atitudes sejam reconhecidas e aprovadas, tal como seus progenitores faziam sempre que o jovem realizasse algo bom aos olhos destes (Miller, 1986 cit. por Mesquita, 2012). Como nesta fase o indivíduo ainda se encontra num período de compensação e competição inter-relacional, onde procura satisfazer as suas necessidades no imediato concorrendo com as adquiridas nas relações familiares por um lado, investindo com algum afinco na sua relação atual, por outro (Levesque, 1993), a ansiedade e os conflitos decorrentes desta concorrência, despoletam o que Malpique (1993, cit. por Mesquita, 2012) defende quando diz que, estas relações são como uma vingança do próprio para com o cuidador primário por não lhe ter provido um amor satisfatório, usando para este fim pares amorosos que o beneficiem, ficando subjacente uma determinada dependência do sujeito em relação à necessidade que tem deste lhe completar o que nele falta (Mesquita, 2012) e, em simultâneo receando (no seu interior), a rejeição eventualmente sentida aquando da separação psicológica e emocional dos progenitores (Dias, & Fontaine, 1996) ao mesmo tempo que, tenta o ajustamento à sua independência e novas responsabilidades (Brown, et al., 1999, cit. por Seiffge-Krenke, 2003). No caso dos adultos, destacam-se os relacionamentos **submisso-idealizador** e **eufórico-idealizante** e, em minoria o **evitante-**

desnarcisante. Sendo que o primeiro assenta numa preocupação e conseqüente dependência excessiva de um objeto externo de forma a ter uma visão mais positiva do *self* e, uma vez que, na relação adulto-adulto os elementos da díade recorrem ao outro como base segura constituindo-se também como tal para o par (Collins & Sroufe, 1999; Crowell, Fraley & Shaver, 1999; Crowell & Treboux, 2001; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999), então pode-se inferir que, o sujeito depende do outro no sentido de conseguir obter não só a sua satisfação ao nível da proteção e conforto (Hazan, & Shaver, 1994) compensando a sua falha narcísica de não se ter sentido amado (Mesquita, 2012), como também de colmatar a sua vontade sexual (Hazan, & Shaver, 1994) enaltecendo uma coloração do *self* (Mesquita, 2012), mesmo que para isso tenha de se submeter ao par. De acordo com Hazan e Shaver (1987), estes narcísicos dedicam-se a uma vinculação ansiosa-ambivalente, pois para além de terem dificuldades em encontrar o verdadeiro amor encarando-o como uma preocupação com propensão para se fundir com o outro (concordando com Reich, 1953, cit. por Mesquita, 2012, de serem relações vividas sob a fachada de um grande amor que encobre o seu verdadeiro objetivo de reparação narcísica), também possuem forte dependência e necessidade de controlar o parceiro preocupando-se ainda com o facto do seu par poder satisfazer as suas necessidades. Neste sentido, vão ao encontro do que Mesquita (2012) defende quando refere que, estes relacionamentos são insatisfatórios pelos sentimentos de se dar mais do que se recebe, assentando num “masoquismo ilusoriamente compensatório” (p. 170), no qual os sujeitos ao invés de buscarem o amor procuram a contemplação do outro, confundindo-o “com dependência” (Mesquita, 2012, p. 168). Relativamente ao relacionamento **eufórico-idealizante** onde se enquadram os “perversos narcísicos” (Matos, 2002, cit. por Mesquita, 2012), cabe referir que estes indivíduos por terem uma identidade mal construída, a sua heterossexualidade é frágil levando-os a “saltarem” entre relações e a envolverem-se em ligações sexuais sucessivas, de forma a atestarem e estimarem a masculinidade/feminilidade que mais não é do que uma simples exposição da ambigüidade que têm em relação ao sexo oposto, pois, se por um lado o objeto é “usado” para gratificação sexual, por outro é o foco de uma vingança sádica por não servir para receber nem dar afeto (Mesquita, 2012). Neste âmbito, segundo Hazan e Shaver (1987) estes indivíduos narcísicos poder-se-ão incluir na vinculação ansiosa-ambivalente pela sua necessidade em controlar o parceiro (concordando com a ambivalência característica dos relacionamentos eupórico-idealizantes, Mesquita, 2012) e pelo hábito que têm em expressar dualidades ou dificuldades na definição sobre si próprios, os parceiros e as relações, encontrando-se por isso num “dilema claustro-agorafóbico” (Rey, 1991 cit. por Mesquita, 2012, p. 183), pois além de necessitarem do outro para sentirem alguma estabilidade do *self*, também são incapacitados para relações de proximidade por se sentirem subordinados e com a sua identidade comprometida face à hipótese de fragmentação do *self*. No que concerne aos poucos adultos com relacionamento **evitante-desnarcisante**, segundo a perspectiva vinculativa de Hazan e Shaver (1987), estes adultos incluem-se nos relacionamentos de vinculação evitativa caracterizados pela independência, distanciamento e eventualmente pela ênfase ao materialismo. Segundo

estes autores, estes indivíduos caracterizam-se pelo medo da proximidade nunca desenvolvendo por isso uma relação baseada no amor romântico, pois, para além de constantemente refutarem a sua autenticidade e existência, também acham que não carecem de parceiro amoroso para serem felizes. Neste sentido, Mesquita (2012) argumenta que os relacionamentos evitantes-desnarcisantes assentam em recusas do próprio à relação perante o possível ressurgimento de emoções, lembranças, fantasias e outras vivências que relembrem os seus modelos vinculativos devastadores, especialmente quando o próprio considera a intimidade como uma fusão, como um “desaparecimento do próprio no outro” (p. 186). Quando Mesquita (2012) cita Sánchez (2003) dizendo que estas relações são preenchidas por ações delirantes e estados megalómanos (de ódio do outro ser separado de si e de terror de se fundir ao outro), concorda com Hazan e Shaver (1987), quando estes referem que os sujeitos com vinculação evitativa apresentam muitos altos e baixos emocionais. Também no âmbito da projeção dos evitantes-desnarcisantes, Mesquita (2012) indica que em alguns indivíduos surge uma arrogância psicótica (em substituição do orgulho próprio), baseada numa independência fictícia (solidão da vinculação evitativa de Hazan & Shaver, 1987) que resulta numa inveja destrutiva dos aspetos do objeto (ciúme da vinculação evitativa de Hazan & Shaver, 1987), numa alienação geral e na inexistência de afeto (pouco apoio e conforto que os sujeitos da vinculação evitativa fornecem ao outro segundo Hazan & Shaver, 1987) que se expressam num ataque constante ao narcisismo do objeto, projetando neste as suas partes indesejadas (*self* desnarcisado) do seu próprio *self* (narcísico), indo ao encontro da fragilidade que Hazan e Shaver (1987) indicam sobre os sujeitos com vinculação evitativa.

6.2.2. Existem relações estatisticamente significativas entre a satisfação com a relação e os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica?

No que respeita à associação entre a satisfação com a relação e os tipos de relacionamento amoroso que visam a reparação narcísica, o facto de, na relação amorosa **submisso-idealizadora** alguns sujeitos se encontrarem insatisfeitos e considerando que se destacaram os jovens adultos, pode-se perceber algum descontentamento em não conseguirem encontrar uma identidade adequada no relacionamento, tendo dificuldade em mantê-lo no tempo (Erikson, 1972/76) ao mesmo tempo que na sua tentativa de consolidarem a autoestima e a capacidade de interação amorosa (Dias & Fontaine, 1996), se deparam também com a necessidade de liberdade e independência encarando a relação amorosa com castradora (Douglass, 2005). Na perspetiva de Mesquita (2012) esta insatisfação poderá estar relacionada com a questão de estes relacionamentos servirem apenas como uma vingança para com a figura vinculativa e não como uma interação de carácter afetivo. Neste sentido, pode-se inferir que de acordo com esta autora, os indivíduos se sintam insatisfeitos sempre que a relação não lhes conseguir colmatar a dor narcísica decorrente da falta de amor vivida na infância, fazendo-lhes sentir que dão mais do que recebem, ficando subjugados e “impedidos” de manifestar os seus desejos ou sequer de

admitirem situações que lhes sejam desagradáveis. Importa ainda referir que no relacionamento **submisso-idealizador**, o facto de os indivíduos se encontrarem satisfeitos ou muito satisfeitos, pode estar relacionado numa perspetiva de vinculação com o papel que as relações íntimas desempenham para o adulto, uma vez que este considera as ligações íntimas como uma integração dos sistemas comportamentais de vínculo, cuidado, conforto e sexualidade, “usando-as” como fonte supressora de necessidades onde o parceiro romântico preenche as carências primárias experienciadas (Bretherton & Munholland, 2002; Laursen & Williams cit. por Laursen & Jensen-Campbell, 1999; Morgan & Shaver, 1999; Owens, Crowell, Pan, Treboux, O’Connor, & Watérs, 1995; Rothbard & Shaver, 1994). De acordo com a defesa teórica de Mesquita (2012), poder-se-á explicar esta tendência dos sujeitos se descreverem como satisfeitos, ilusoriamente, uma vez que na realidade sentem-se insatisfeitos por estarem sempre à espera de algo que acham insuficiente e por temerem a rejeição em caso de assumirem a sua verdade interna (de *self* desnarcisado). No que ao relacionamento **eufórico-idealizante**, a satisfação relativa dos adultos pode-se entender pela vinculação ansiosa-ambivalente em que se encontram (Hazan & Shaver, 1987) dependendo fortemente do parceiro ou necessitando controlá-lo por precisarem dele para se apossarem das características que nele invejam (sentindo-as como próprias), ao mesmo tempo que lhe projetam tudo o que os incomoda ou insatisfaz (postura *borderline*) (Mesquita, 2012) posicionado-se numa trilogia maníaca de onipotência-controlo-desprezo (Melanie Klein cit. por Mesquita, 2012) onde paralisam, dominam e seduzem o objeto, deixando-o na expectativa de um amor que jamais lhe oferecerão por serem incapazes de amar visto não terem aprendido isso na sua infância (Zimmerman, 2004, cit. por Mesquita, 2012). Neste sentido, Hazan e Shaver (1987), referem que estes sujeitos frequentemente expressam confusão sobre o próprio, o parceiro e a relação, concordando com Mesquita (2012) quando indica que se encontram num “refúgio psíquico” (Steiner cit. por Mesquita, 2012, p.179) ou “dilema claustro-agorafóbico” (Rey cit. por Mesquita, 2012, p. 183), pois se por um lado carecem do objeto para sentir uma estabilização do *self* (posição depressiva), por outro servem-se dele como fonte de ataque perante a hipótese de desagregação e segmentação do *self* (posição esquizo-paranoide) (Steiner cit. por Mesquita, 2012). No que toca ao relacionamento **eufórico-idealizante**, os sujeitos consideram-se satisfeitos com a relação, pois segundo Mesquita (2012) poderão já não se encontrar na fase de “encantamento” (ilusório) do outro, podendo-se inferir que os indivíduos podem ter referido essa satisfação como forma de esconderem a sua real *pseudo-relação* (Mesquita, 2012), assente numa função de reparação narcísica e não numa relação de reciprocidade. Relativamente ao **evitante-desnarcisante**, os sujeitos consideram-se insatisfeitos na relação pelo facto de os fazer recordar os modelos vinculativos destruidores que lhes causam sofrimento e desconforto intensos.

6.2.3. Quais os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica, evidenciados pelos dados?

De acordo com os resultados, o submisso-idealizador foi o mais destacado,

seguindo-se o eufórico-idealizante. Assim, considerando que, a maioria destes relacionamentos se distribui (como já verificado) pelas fases da adultez emergente e da adultez, pode-se inferir que a relevância do **submisso-idealizador** se deve ao facto deste ser mais típico do funcionamento neurótico (depressivo) sendo natural que seja o mais frequente uma vez que, no jovem adulto explica a etapa de subjetividade e de instabilidade que este vivencia (Mesquita, 2012) questionando assiduamente a sua “desejada” e ao mesmo tempo “temida” adultez (Arnett, 2004) que o leva muitas vezes a estados emocionais depressivos não só pela separação psicológica em relação aos pais (Matos, 2006) mas também pela variabilidade que vive no amor (genitalidade, relação de confiança, desenvolvimento da intimidade) e consigo próprio (ao nível do *self*) (Brown et al. cit. por Seiffge-Krenke, 2003; Dias & Fontaine, 1996). Já no adulto, o destaque deste tipo de relacionamento, poderá estar ligado à instabilidade emocional que experiencia ao longo da constante tentativa de afirmação da genitalidade (atestando a masculinidade/feminilidade) e da continuidade da relação por um lado, ou da perda de identidade e maior dependência do outro devido a uma maior fusão na relação por outro lado, levando o indivíduo a constantes estados de questionamento/dúvidas que lhe podem acarretar fracionamentos do *self* (Mesquita, 2012). O realce do relacionamento **eufórico-idealizante** no jovem adulto poderá explicar a sua orientação por relacionamentos parasitários ricos no desapego emocional e exibicionismo do próprio procurando relações que abafem a sua vicariância erótica (de não ser amado) e simultaneamente valorizem a sua histeria de ser desejado proporcionando-lhe uma diminuição do *stress* e libertação da frustração das perdas projetando no outro tudo o que ataca o seu *self* frágil e a sua identidade mal resolvida. Por sua vez, a presença deste relacionamento no adulto poderá ser explicada por uma relação tirânica na qual o indivíduo narcísico usa o outro como objeto essencial ao alívio (pela adulação a ele dedicada) dos sentimentos de abandono e desvalorização (sua real falha narcísica) enquanto pessoa independente e autónoma, infligindo naquele os sentimentos que renuncia, criando assim uma ilusão de segurança na relação (Mesquita, 2012).

6.2.4. Quais os EIDs que sobressaíram na investigação?

Segundo os resultados constata-se (cf. Anexo 24) que a maioria dos sujeitos se inscreve nos **Domínio I e V** (Young, 2003), direcionando-se segundo o **primeiro domínio** para experiências de frustração relativas à segurança, carinho, estabilidade, cuidado, partilha, aceitação e consideração, vivenciando a falta de vínculos seguros e satisfatórios com outras pessoas. Neste sentido, os esquemas destacados (de abandono, privação emocional, desconfiança e isolamento social) enquadram-se nos incondicionais (tal como a vulnerabilidade ao mal e à doença do **Domínio II**, os limites insuficientes do **Domínio III** e a subjugação do **Domínio IV**) mostrando a atração que o sujeito tem pelos acontecimentos que os acionam e identificam considerando-os por isso como verdadeiros, absolutos e intrínsecos, não os questionando (Young et al., 2003). Destes esquemas, pode-se referir que relativamente a experiências nocivas continuadas, o abandono e a privação emocional

resultam de frustrações das necessidades que provocaram no sujeito sentimentos de que o meio envolvente não lhe proporcionou segurança, compreensão e amor, fazendo com esses esquemas se instalassem por identificação com os cuidadores, internalizando e adotando os pensamentos, sentimentos, experiências e comportamentos destes como formação reativa (hipercompensação/luta), porém de forma ofuscada (e.g., com comportamentos narcísicos), tornando muitas vezes essa hipercompensação contraproducente, pois em vez de se reforçar uma oposição aos esquemas, existe um esforço para se atender às necessidades, afastando-se as pessoas significativas regressando-se novamente a um estado de abandono e privação. Por sua vez, a desconfiança provinda de situações que favorecem o trauma, leva o indivíduo à sua manutenção (subordinação/resignação) pois na desesperança de não conseguir confiar nos outros, reforça e rigidifica o esquema numa atitude de vitimização. Cabe referir ainda que o isolamento social direciona a pessoa à repressão, aversão ou evitamento do esquema (ao nível comportamental) através de processos volitivos ou automáticos (como a raiva, ansiedade, tristeza ou culpa), de forma a impedir circunstâncias de vida reais que promovam o aparecimento de esquemas dolorosos (Young, 2003). Respeitante à vulnerabilidade ao mal e à doença, os sujeitos sentem-se habitualmente incapazes de lidar com situações de crise, encarando-as como catastróficas, o que de certa forma explica os limites insuficientes que os caracterizam no sentido de fugirem do que lhe causa desconforto, sofrimento, obrigações, etc., compreendendo-se igualmente a sua necessidade de subjugação para evitar raivas ou abandonos. No que respeita ao destaque dos esquemas pertencentes ao **Domínio V**, sabe-se que estes indivíduos por não terem sido incentivados a procurar a felicidade, dedicam-se a hipervigiar os episódios hostis da vida controlando ou bloqueando as emoções, sentimentos, impulsos e escolhas pessoais em prol de satisfazer todas as necessidades dos demais sacrificando as suas por forma a obterem aprovação e evitarem retaliações. Como são excessivamente preocupados e pessimistas ficam constantemente em estado de alerta pois acham que se falharem nessa vigilância a sua vida pode desabar. Neste âmbito, os esquemas destacados (de padrões rígidos ou exagerados e medo de perder o controlo ou inibição emocional) enquadram-se nos condicionais (Rijo, 2009) que por serem influenciados pela cultura e grupos de pares, são mais flexíveis e por isso possíveis atenuantes dos efeitos nocivos dos incondicionais conduzindo o sujeito a acreditar na mudança (Young et al., 2003). Neste sentido, pode-se afirmar que segundo Young (2003), estes esquemas são usados como evitamento, uma vez que se referem a esforços voluntários de bloqueio de pensamentos ou imagens que os possam ativar. Assim, a repressão dos padrões rígidos enquanto mecanismo de defesa, objetiva evitar sentimentos de desaprovação ou vergonha, enquanto a inibição emocional permite ao sujeito, esquivar-se da crítica e perda de controlo dos seus impulsos (Young et al., 2003).

6.2.5. Quais os EPs que ressaltaram no estudo?

De acordo com os resultados constata-se (cf. Anexo 24) que a maioria dos EPs se

inscreve nos **Domínio I, II e V** (Young, 2003). Assim, ao nível dos EPs incondicionais (privação emocional e defeito) do **Domínio I**, Trindade et al. (2009) referem que os sujeitos descendem de famílias instáveis, indiferentes, repudiadoras, imponderáveis, isoladas, exageradas e contidas. Deste modo, compreende-se porque, os descendentes destas famílias, “pulem” entre relacionamentos autodestrutivos ou evitem relações íntimas por acreditarem que as suas necessidades não serão satisfeitas pelo par amoroso, para além de também se perceber porque ao se tornarem pais podem repetir essas dificuldades relacionais com os seus filhos, privando-os emocionalmente, abandonando-os e dificultando as suas interações sociais com os demais. No **Domínio II**, onde se destacam os EPs incondicionais (vulnerabilidade ao dano e à doença e, dependência), os mesmos autores, indicam que as famílias de origem são intrusivas, superprotetoras e pouco reforçadoras (ou negligentes) de desempenhos competentes fora do contexto familiar e apresentam uma dependência exagerada dos filhos promotora do desenvolvimento de sentimentos de insegurança, fracasso e incompetência que prejudicam o processo de desvinculação. Assim, quando os descendentes destes progenitores se tornam pais, experienciam dificuldades perante situações simples na criação dos seus “rebetos” (Trindade et al., 2009). Por sua vez, os EPs condicionais (padrões rígidos e inibição emocional) e incondicionais (negatividade e punitividade) evidenciados no **Domínio V**, mostram famílias caracterizadas pela inflexibilidade, excesso de críticas, severidade, punição (verbal e física) e perfeccionismo direcionadas para os desempenhos, obrigações e deveres. Este contexto origina filhos que habitualmente negam os seus sentimentos e espontaneidade para atingirem o seu objetivo ideal de perfeição à custa da sua felicidade e dos seus relacionamentos. Então, perante estas relações de vinculação assentes numa obediência absoluta com recurso a medidas punitivas para que os descendentes se comportem segundo a exigência dos progenitores, não é de todo estranho, que os filhos destes cuidadores ao tornarem-se pais, mantenham os esquemas aprendidos, de firmeza, inflexibilidade e exigência (Salkovskis, 2005; Trindade et al., 2009; Young et al., 2008). Pode-se pois inferir que os descendentes dos referidos domínios, provêm de EPs: autoritários ou permissivos negligentes de acordo com as perspetivas de Baumrind (1972) e Alberdi (1995); de afirmação de poder ou de retirada de afeto ou de amor (Hoffman cit. por Alvarenga & Piccinini, 2001); estatutários ou contratualistas na visão de Kellerhals et al. (1992); desaprovadores ou permissivos segundo a posição de Franco (1998); negativos segundo a visão mais recente de Gomide e Sampaio (2006) quando dizem que promovem um ambiente de convivência adverso que reúne o desleixo, o abuso físico e psicológico, a fraca disciplina, a punição incoerente e a monitorização negativa com excesso de regras independentemente do seu cumprimento. Não obstante, a procura de aprovação do **Domínio IV** enquanto esquema condicional, revela que a necessidade de os sujeitos obterem amor e aprovação decorre das exigências/condicionamentos dos seus progenitores com conduta castradora das vontades e desejos dos filhos (Trindade et al., 2009), levando-os enquanto pais a sentirem-se habitualmente sacrificados em prol do outro exigindo constantemente a aprovação dos seus descendentes. Neste sentido, visto os EPs

evidenciados serem maioritariamente incondicionais, pode-se deduzir que provocam nos sujeitos maiores dificuldades de serem alterados pois ao serem desenvolvidos mais precocemente são também mais inflexíveis tendendo por isso a serem mantidos e perpetuados ao longo da vida sem serem questionados contribuindo amplamente para a criação e perpetuação de relações transgeracionais em que os envolvidos (filhos e pais) “alimentam” e fortificam seus *self*'s desintegrados, angústias esquizo-paranoides e faltas de amor. Em jeito de conclusão e considerando os MIDs enquanto modelos representacionais internos do *self*, dos outros e do mundo (Bowlby, 1989) ou como *working models of attachment relationships* (Baldwin et al., 1993; Bretherton & Munholland, 2002; Collins & Read, 1990; Furman et al., 2002; Kobak, 1994; Main et al., 1985; Sroufe et al., 1983), assentes não só nas representações mas também num modelo dinâmico onde o que é construído é um modelo da interação de acontecimentos relacionais, está claro que os EPs revelados neste estudo desenvolvam nos seus descendentes um modelo de funcionamento de *self* desvalorizado e incompetente como reflexo de uma vivência com cuidadores cujas ações interferem negativamente na exploração do meio pelos filhos para além de rejeitarem ou não atenderem as necessidades de vinculação destes (Bowlby, 1990, cit. por Ramires & Schneider, 2010).

6.2.6. Haverá correlação significativa entre os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica e os EIDs?

Os resultados encontrados permitem concluir que, os tipos de relacionamento amoroso que visam a reparação narcísica e o sentimento de coesão e estabilidade do *self*, estão relacionados com os EIDs, com prevalência dos que correspondem a domínios que se inscrevem, quer na indefinição do *self* por existência de limites frágeis e pouco definidos, quer na competência de autonomia e no sentimento de capacidade para gerir a sua própria vida. Na maioria, as correlações centram-se nos esquemas que Young et al. (2003) designaram de incondicionais, mais inflexíveis e condicionantes dos que se seguem na formação da relação com os outros, determinando uma menor possibilidade de mudança. Assim, no **relacionamento submisso-idealizador**, a correlação moderada com os EIDs subjugação, dependência, vulnerabilidade ao mal e à doença e abandono, apontam para a fragilidade narcísica do *self* dos sujeitos que estabelecem este tipo de relacionamento amoroso colocando-se mais à mercê do desejo do outro evitando conflitos e sem imporem as necessidades próprias por recearem o efeito que a expressão dessas carências leve à perda de afeto. Neste âmbito, o EID abandono mostra a descrença sobre a disponibilidade dos outros suportarem e responderem adequadamente às necessidades do próprio (Mesquita, 2012) enquanto o esquema subjugação advém do sentimento de fragilidade do *self* do sujeito que coloca em evidência o medo de ser abandonado ou rejeitado caso se imponha ao outro. Neste sentido, a ligação ao parceiro reveste-se de intensa vulnerabilidade de que a sua vida se desmorona caso seja abandonado e/ou recusado por parte do par, evitando a todo o custo que isso aconteça (Mesquita, 2012). Com correlação fraca, mas existente, encontra-se o EID privação emocional que justifica muitas das insatisfações

amorosas pelo facto de o indivíduo não esperar que o parceiro o corresponda sentindo-se repetidamente descontente confirmando o esquema incondicional liderado pelo sentimento de não existir alguém capaz de o satisfazer emocionalmente (Mesquita, 2012). Também com correlação fraca, os sujeitos com os EIDs medo de perder o controlo (ou inibição emocional) e culpa revelam uma posição depressiva assente num constante e verdadeiro medo de rejeição, ao mesmo tempo que apresenta uma submissão ao par amoroso de forma a compensar-se narcisicamente, numa ilusão de aguentar todo o “sofrimento” que o outro lhe inflige, porém, sentindo-se assiduamente desvalorizado e inferior. Referente ao **relacionamento amoroso eufórico-idealizante**, o EID indesejabilidade social (incluído atualmente no isolamento social) indica a tendência depressiva de alguns destes sujeitos exibirem por um lado um *self* integrado onde os sentimentos de auto-desvalorização são mais manifestos e conhecidos, e por outro lado um *self* fraco pouco investido e respeitado (Mesquita, 2012). Os EIDs com correlação moderada (defeito, vergonha e limites insuficientes) indicam que os indivíduos deste tipo de relacionamento têm fronteiras pouco definidas internamente (Young, 2003) o que prejudica a definição de si próprio e do outro enquanto separados e a dificuldade em ter uma visão mais positiva de si desencadeadora de um sentimento de vergonha e fragilidade narcísica evidenciada pelo EID defeito. Por outro lado, estes limites internos pouco definidos impedem igualmente a diferenciação entre si e o par amoroso contribuindo para a diminuição do sentimento de responsabilidade perante os demais e para a impossibilidade de se ligar a objetivos de longo prazo uma vez que apenas procuram um parceiro que possa trazer algum sentimento de existência, validade, coesão e estabilidade, contudo devido à sua enorme fragilidade na consciência de si, receia que o outro o possa conhecer verdadeiramente e abuse das suas fraquezas pela humilhação, sendo habitualmente assolado pela desconfiança (EID de correlação forte) que se manifesta por duas vias: pela retração relacional evitando relações de grande intimidade ou pela formação reativa fazendo ao outro o que mais teme que lhe seja feito - desnarcização e desvalorização do parceiro de forma a mantê-lo na sua dependência/uso e abuso do par (Mesquita, 2012). No que concerne ao **relacionamento evitante-desnarcisante** caracterizado por relações de fraca intimidade, salienta-se a correlação moderada com o EID vulnerabilidade ao mal e à doença que associado ao EID indesejabilidade social remetem para uma certa alienação e evitamento das relações por se recear o que daí possa advir. Ainda que, com correlações fracas, mas existentes, encontram-se os EIDs: privação emocional que evidencia sentimentos de que as necessidades emocionais não são satisfeitas, o isolamento social que se refere ao facto de o sujeito evitar os relacionamentos amorosos por não ser atendido e os limites insuficientes por vezes mascarados sob a forma de uma grandiosidade evitante que na realidade escondem as verdadeiras falhas na representação de um *self* fortalecido e na incapacidade de delimitação das fronteiras entre o interno e o externo desencadeando medos avassaladores na relação com os outros (Mesquita, 2012). Em todo o caso, pode-se referir que em todos os tipos de relacionamento amoroso estão em evidência EIDs que direcionam para domínios de funcionamento mental inscritos numa ausência de fronteiras bem

delimitadas do *self*, em representações instáveis e de falta de coesão do *self* (Mesquita, 2012). Por outro lado, encontraram-se EIDs que se inscrevem no domínio da autonomia e do sentimento de si indicando sujeitos incapazes de resolver a sua vida procurando por isso que complete o que lhe falta, como é típico nestes relacionamentos narcísicos (Mesquita, 2012). Claro está que, estes esquemas incondicionais interferem e determinam a formação de outros como a subjugação e a falta de individuação que se formam posteriormente e que apresentam uma correlação com funcionamentos mais submissos e de sujeição às demandas do outro como forma de agradar e de se sentir ligado ao objeto amoroso que vai completar o que falta ao próprio.

6.2.7. Haverá correlação significativa entre os tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica e os EPs?

No que respeita à relação entre os EPs, os EIDs e o tipo de relacionamento amoroso denotam-se semelhanças uma vez que os esquemas ativados são praticamente os mesmos que os EPs evidenciados. Assim, existem relações ainda que fracas nos três tipos de relacionamento com EPs dos **Domínios I, II e V** (Young, 2003) apontando para a insatisfação das necessidades emocionais dos sujeitos e para a desconfiança em relação ao outro no que diz respeito à sua capacidade para satisfazer tais necessidades, remetendo igualmente para dificuldades de separação e capacidade de se autonomizar apresentando limites internos pouco coesos com tendência para a retração emocional ou subjugação ao outro como forma de manter a ligação que se julga ser necessária por não se ter adquirido o sentimento de autonomia (Mesquita, 2012). Estes resultados coincidem com o paralelismo entre os EIDs ativos e os EPs (da teoria de Young) que permite aflorar a ideia de que, os esquemas mais primários formados na relação com as figuras parentais, se mantêm mais ou menos estáveis nestes tipos de relacionamento amoroso sem que ocorram grandes transformações. De salientar também que, os estilos parentais patenteados no **submisso-idealizador** se destacam: no **Domínio II** onde a autonomia e desempenho são diminuídos, apontando para uma subjugação e falta de individuação do sujeito que o colocam na dependência do outro (Mesquita, 2012); e no **Domínio V** assente numa hipervigilância do investimento objetal que o sujeito faz para ver as suas atitudes reconhecidas e aprovadas pelo outro, inibindo-se/não admitindo muitas situações que lhe são desagradáveis (Mesquita, 2012). O EP (do **Domínio I**) evidenciado no relacionamento **eufórico-idealizante** relaciona-se com o sentimento de não receber o que necessita. Por fim no **evitante-desnarcisante** encontram-se EPs patenteados no: **Domínio I** que remete para a desconexão e rejeição da relação pelo indivíduo e para sentimentos de falhas graves no *self* que acarretam o evitamento da relação (defeito); e **Domínio V** que não só revela uma supervigilância dos sujeitos para atacarem constantemente o narcisismo do outro projetando neste as partes indesejadas do seu próprio *self* (narcísico) como também mostra

Parte IV - Considerações Finais do Estudo

7. Principais Conclusões do Estudo

O estudo realizado coloca em evidência a existência de esquemas mal adaptativos nos três tipos de relacionamento amoroso em que a procura do outro visa completar no sujeito, aspetos do seu *self* que não foram possíveis de desenvolver, como se o outro pudesse dar uma imagem mais completa ao *self* do próprio. Assim, através dos esquemas é possível perceber que, nestes tipos de relacionamento estão em causa aspetos ligados à autonomia e à delimitação das fronteiras do *self* que se podem considerar como aspetos relacionados a funcionamentos mais neuróticos e mais psicóticos, respetivamente. Em todos estes tipos de relacionamento se destaca a privação emocional evidenciando o sentimento de que, as necessidades emocionais não são possíveis de serem satisfeitas por um outro. Por outro lado, como é possível inferir a partir da semelhança entre os esquemas e os estilos parentais, estas representações são formadas muito precocemente e condicionam a forma como o indivíduo representa as suas relações com os outros e consigo próprio, sendo inflexíveis e repetindo-se nos relacionamentos amorosos. De salientar também que, a maior parte dos esquemas ativos pertencem a domínios mais precoces, e não são na sua maioria esquemas resultantes das relações sociais, até porque esses estarão sempre condicionados por estes esquemas primários, mais enraizados, mais rígidos e mais difíceis de transformar. É pertinente referir ainda que, tanto nos EIDs quanto nos EPs, verificaram-se correlações significativas dos esquemas mais nocivos (privação emocional, abandono, desconfiança e isolamento/indesejabilidade social), considerados por Young et al. (2008) como esquemas que conduzem os adultos a relações autodestrutivas ou a evitarem em absoluto relações de proximidade. Assim pode-se concluir que, nestes tipos de relacionamento amoroso, o modo como é representado o estilo parental não difere dos esquemas que o próprio sujeito desenvolveu, apontando para as dificuldades de separação e autonomização face às figuras da infância, não tendo o sujeito desenvolvido outras possibilidades relacionais diferentes daquelas que interiorizou na relação com as figuras significativas. Isto significa que, nos tipos de relacionamento amoroso evidenciados, está patenteada a dificuldade transformadora da mente quando os esquemas interiorizados são mais inflexíveis, não permitindo ao sujeito sair do mesmo. Apesar de, como se referiu na teoria, o cérebro ser um órgão em relação e flexível (ou “plástico”) através da mesma, verifica-se que, quanto mais rígidos forem os esquemas relacionais interiorizados precocemente (MIDs), mais intransigente fica o sistema mental e mais prejudicada fica a hipótese de se encontrarem relações amorosas que possam ser transformadoras, pela impossibilidade de se diferenciar o outro dos esquemas que estão internalizados ao nível emocional e cognitivo. Desta forma, confirma-se que, estes aspetos delimitam a experiência ao novo, pois como se constatou, todos estes esquemas são mais rígidos e como tal, menos permeáveis, assimilando sempre o outro às representações internalizadas, selecionando a informação que corrobora com o que está instituído interiormente. De salientar que este

estudo, evidencia a representação que o sujeito tem da relação com os pais e, que não difere com o que teoricamente se postulou em relação aos tipos de relacionamento amoroso, em que, todos estes tipos de relacionamento vêm desde a infância (como defendido também, pela teoria da vinculação) carregados de uma consciência sobre a existência de fragilidades do sujeito acerca de si e, conhecimento de que tentam colmatar essas falhas ou fraquezas nos relacionamentos amorosos que ao longo da sua vida, vão escolhendo. Concluindo, pensa-se ser um grande desafio para a psicologia clínica, acompanhar pacientes com perfil narcisista na transformação que necessitam empreender, ao nível da defesa de uma imagem sempre em risco de se fragmentar, e, da aceitação de si próprios e das suas características descuidadas e sombrias, sem se correr riscos do mesmo se re-enclausurar em redomas “impenetráveis”. Também se acredita fortemente que, apesar destas dificuldades, é muito importante considerar que o “Narciso” aqui, é um ser humano e não uma “divindade”, e que, por isso mesmo, existem possibilidades a ser exploradas e trabalhadas de forma a auxiliarem este Ser, na sua capacidade para permitir a aproximação de *Eros* sem se autodestruir e, na partilha de receios e necessidades sem exigências infundadas, beneficiando por consequência, as suas relações e, descobrindo quiçá, que afinal também consegue amar porque se permitiu ser amado. Como defendia, Birman (1997), para se amar, é preciso poder suportar a dor narcísica, das feridas que se abrem entre o *self* e o outro, não satisfazendo o próprio na intensidade que lhe é necessária. Então, concordando com Freud (1914):

“Um sólido egoísmo nos resguarda do amor, mas, afinal, precisamos amar para não ficar doentes e corremos o risco de cair doentes quando não podemos amar”. (p. 91)

8. Limitações

Verificou-se que, as 330 questões pertencentes aos instrumentos (10 do QSD, 53 do ITRA, 123 do QE e, 72 para a mãe e 72 para o pai, do QEP) foram excessivas para questionários de autorresposta deste formato e é possível que, o cansaço e a monotonia da tarefa possam ter comprometido a validade das respostas aos itens. Também a não consonância entre a versão do QE (por ser a primeira construída) e do QEP (por ser uma versão atual), complexificou a compreensão e relação dos EIDs entre os questionários, obrigando à construção de 9 quadros resumo e 3 tabelas (sobre as subescalas de cada questionário) de forma a facilitar esse entendimento, agravando igualmente a informação teórica sobre a caracterização e cotação dos instrumentos, impondo muito tempo em pesquisas e contactos com os autores (da tradução e aferição) na obtenção da documentação teórica necessária. Para além disso, na versão do QE utilizada, o facto de os itens se encontrarem agrupados em quinze esquemas (existindo atualmente dezoito), o facto de o número de itens que avaliam cada EID ser muito divergente nos 15 EIDs (sendo o menor constituído por 5 e o maior por 14 itens) e, o facto de as designações de alguns EIDs serem diferentes das atuais, foram claramente fatores limitantes, tanto nas classificações e cálculos das variáveis, quanto na designação dos estudos estatísticos e interpretação dos resultados da dimensionalidade da escala. Por estes motivos, é aconselhável usar (em investigações) a versão curta do QE (validada para Portugal por Rijo, 2009) que também apresentou características psicométricas aceitáveis, apesar de inferiores à versão aqui usada. No que concerne ao QEP, a limitação refere-se à questão de alguns sujeitos acabarem por repetir (com alguma assiduidade) as mesmas respostas para o pai e para a mãe, indicando a não-independência e possível veracidade dos dados. Relativamente às questões de investigação, para além das variáveis criadas inicialmente (para introdução dos 72.000 dados), houve necessidade de se conceberem mais 50 que identificassem quais os EIDs e, EPs que se relacionariam com os vários tipos de relacionamento de reparação narcísica, uma vez que, as 20 variáveis anteriormente criadas, apenas respondiam quantos EIDs e, EPs se encontravam nessa possível relação. Estes factos também impuseram muito tempo de dedicação e pesquisa por parte da investigadora, não só pelo grande conhecimento estatístico exigido (para classificação de variáveis, adaptação dos estudos estatísticos adequados e tratamento de dados delongado), bem como pela compreensão aguçada dos instrumentos, devido ao elevado número de informação por instrumento que obrigou a investigadora a elaborar 4 quadros e 2 tabelas para compilar e facilitar a análise dos dados. Ainda assim, o *SPSS* também se revelou com limitações no que concerne à sua potencialidade para estudos estatísticos multivariados/lógicos, para amostras grandes com variáveis qualitativas dicotómicas ou polinomiais, aconselhando-se para estes casos, o uso do *ADVANCED-STATISTICA* (da *Statsoft*) ou do *STATA*, que se encontram disponíveis *online* para *download* e com grandes potenciais ao nível da *interface* e das funcionalidades oferecidas ao utilizador.

9. Futuras Investigações

Apesar da complexidade com que se lidou ao longo do estudo e de algumas limitações na compreensão e tratamento dos instrumentos, o presente estudo decorreu dentro do possível, de forma positiva, pois, considera-se ter-se alcançado o objetivo proposto, acerca da influência dos EIDs e dos EPs na escolha amorosa de reparação narcísica da vida adulta. Contudo, de acordo com os dados adquiridos nesta investigação, poderão ser desenvolvidos outros estudos, verificando-se outras relações ou associações ao nível sociodemográfico, tais como averiguar a existência ou não de diferenças significativas: dos EIDs, EPs e relacionamentos amorosos entre duas amostras segundo o critério de ter ou não relação amorosa; e, averiguar a significância dos EIDs e EPs, nos tipos de relacionamento amoroso entre os homossexuais e os heterossexuais (aumentando a amostra dos sujeitos com orientação homossexual); verificar através da análise discriminante quais os EIDs e EPs, que mais diferenciam os tipos de relacionamentos amorosos aqui tratados, ou, num âmbito de causalidade, proceder a uma análise de regressão logística sobre estes aspetos. Ainda no campo dos EPs (do pai e mãe separadamente), da educação e preparação dos filhos (ao nível psicoemocional e social), do estilo de vinculação amorosa e, das influências destes, nos relacionamentos amorosos (disfuncionais), outros instrumentos poderão ser preferidos (numa nova amostra), considerando: **(1) a vinculação**, usando por exemplo, o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA, Armsden & Greenberg, 1987, traduzido por Noom, Decovic, & Meeus, 1999), para avaliar as relações de vinculação à mãe e ao pai; **(2) os estilos parentais**, através do *Parental Rearing Style Questionnaire* (PAQ, Buri, 1989/91) para de forma categorial, avaliar os EPs tendo em conta a concetualização tripartida de Baumrind; o Inventário de Estilos Parentais (IEP, Gomide, 2006) para a compreensão das práticas educativas parentais positivas ou negativas da educação, socialização e controlo do comportamento dos filhos - instrumentos que medem a representação que o entrevistado detém dos EPs; ou, através da versão de autorrelato do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (PSDQ, Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001), bem como do *Coparenting Questionnaire* (CQ, Margolin, Gordis, & John, 2001), para avaliar o impacto da qualidade conjugal na interação que os pais estabelecem com os seus filhos – instrumentos que medem a representação que os próprios têm sobre os seus EPs e a qualidade da sua relação; **(3) o estilo de vinculação romântico** usando o *Relationship Questionnaire* (RQ, Bartholomew & Horowitz, 1991); e, **(4) o padrão de relacionamentos amorosos menos saudáveis**, com uso do ITRA (Mesquita, 2011) para identificar o tipo de relacionamento de reparação narcísica.

Parte V - Referências Bibliográficas

- Abraham, W., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo* (243-458). São Paulo: Escuta.
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, *40*, 969-1025.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*(4), 709-716. Retirado de <http://doi.apa.org/journals/amp/44/4/709.pdf>
- Alberdi, I. (1995). *Informe sobre la situación de la familia en España*. Madrid, Ministerio de Asuntos Sociales. Retirado de <http://www.istor.org/stable/40183811>
- Allen, J. P., & Hauser, S. T. (1996). Autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of young adults' states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology*, *3*, 793-809. doi: <http://dx.doi.org/10.1017/S0954579400007434>.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications* (319-335). New York: Guilford Press.
- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilibrios.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas Educativas Maternas e Problemas de Comportamento em Pré-Escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *14*(3), 449-460.
- American Psychological Association [APA] (2003). *Ethical principles of psychologists and code of conduct*. Washington, DC: American Psychological Association Publications. Retirado de <http://www.apa.org/ethics/code/principles.pdf>
- Araújo, M. (2010). Considerações sobre o narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, *34*, 79-82.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *16*, 427-454.
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, *55*(5), 469-480. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469.
- Arnett, J. (2004). *Emerging adulthood: the winding road from late teens through twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. (2007). Afterword: aging out of care, toward realizing the possibilities of emerging adulthood. *New Directions for Youth Development*, *113*, 151-161. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/yd.207/pdf>

- Arntz, A., & Weertman, A. (1999). Treatment of childhood memories: theory and practice. *Behaviour Research and Therapy*, 37, 715-740.
- Aron, A., & Aron, E. N., (1997). Self-expansion motivation and including other self. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships: theory, research and interventions* (2^a ed.) (251-270). New York: John Wiley & Sons.
- Baldwin, M. W., & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships*, 2(3), 247-261. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6811.1995.tb00090.x/pdf>
- Baldwin, M. W., Fehr, B., Keedian, E., Seidel, M., & Thompson, D. W. (1993). An exploration of the relational schemata underlying attachment styles: self-report and lexical decision approaches. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19, 746-754.
- Bandura, A. (2000). Social cognitive theory: an agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, 52, 1-26.
- Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept: what do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4(2), 155-175. doi: 10.1037/111089-2680.4.2.155.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1126611>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/h0030372>.
- Baumrind, D. (1972). An exploratory study of socialization effects on black children: some black-white comparisons. *Child Development*, 43, 261-267. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/pdf/1127891.pdf?acceptTC=true>
- Baumrind, D. (1989). Rearing competent children. In W. Damon (Ed.), *Child Development Today and Tomorrow* (349-378). San Francisco: Jossey-Bass.
- Baumrind, D. (1996). The discipline controversy revisited. *Family relations*, 45, 405-414. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/585170>
- Baumrind, D. (1997) Necessary distinctions. *Psychological Inquiry*, 8(3), 176-229. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1448882>

- Beck, A. T. (1991). Cognitive therapy: a 30-year retrospective. *American Psychologist*, 46(4), 368-375.
- Beck, A. T. (1995). *Para além do amor: como os casais podem superar os desentendimentos, resolver os conflitos e encontrar uma solução para os problemas de relacionamento através da terapia cognitiva* (P. Froés, Trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. (Obra original publicada em 1989).
- Beck, A. T., & Dozois, D. J. A. (2010). Cognitive therapy: current status and future directions. *Annual Review of Medicine*, 62(2), 1-13. doi: 10.1146/annurev med 052209-100032.
- Beck, A. T., Freeman, A., & Davis, D. D. (2005). *Terapia Cognitiva dos transtornos da personalidade* (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Bee, H. (1996). *A criança em desenvolvimento*. (7ª ed). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Beebe, B., & Lachmann, F. (1988). The contribution of mother-infant mutual influence to the origins of self and object representations. *Psychoanalytic Psychology*, 5(4), 305-337.
- Behary, W. T. (2011). *Ele se acha o centro do universo: sobreviva a um narcisista despertando nele o interesse por você, sua vida e seus sentimentos*. Rio de Janeiro: Best Seller.
- Belsky, J., Jaffee, S., Avshalom, C., Terrie, M., & Silva, P. A. (2003). Intergenerational relationships in young adulthood and their life course. Mental health, and personality correlates. *Journal of Family Psychology*, 17(4), 460-471. doi: 10.1037/0893-3200.17.4.460.
- Belsky, J., Spritz, B., & Crnic, K. (1996). Infant attachment security and affective-cognitive information processing at age 3. *Psychological Science*, 7, 111-114. Retirado de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/40062921?uid=14937608&uid=3738880&uid=2129&uid=368665151&uid=2&uid=70&uid=3&uid=67&uid=8141432&uid=62&sid=21105336587143>
- Benghozi, P. (2000). Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situações de crises e catástrofes humanitárias. In O. Correa (Org). *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (89-100). SP: Escuta.
- Berger, P., Berger, B., & Kellner, H. (1979). *Un mundo sin hogar: modernizacion y conciencia*. Santander: Sal Terrae.
- Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Berlin, L., & Cassidy, J. (1999). Relations among Relationships: Contributions from Attachment Theory and Research. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of*

attachment theory and research (688-712). New York: Guilford Press.

- Berman, W., & Sperling, M. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults: clinical and developmental perspectives* (3-28). New York: The Guilford Press.
- Beyers, W., & Seiffge-Krenke, I. (2010). Does Identity Precede Intimacy? Testing Erikson's Theory on Romantic Development in Emerging Adults of the 21st Century. *Journal of Adolescent Research, 25*(3), 387-415. doi: 10.1177/0743558410361370.
- Biasoli-Alves, Z. M. M., Caldana, R. H. L., & Silva, M. H. G. F. D. (1997). Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 7*(1), 49-62.
- Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34.
- Birman, J. (2014). *A fabricação do humano: psicanálise, subjetivação e cultura*. São Paulo: Zagodoni.
- Birnbaum, G. E. (2010). Bound to interact: The divergent goals and complex interplay of attachment and sex within romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships, 27*(2), 21-35. doi: 10.1177/0265407509360902.
- Bishop, J., & Lane, R. C. (2002). The Dynamics and Dangers of Entitlement. *Psychoanalytic Psychology, 19*(4), 739-758. doi: 10.1037//0736-9735.19.4.739.
- Bluck, S., & Levine, L. (1998). Reminiscence as autobiographical memory: a catalyst for reminiscence theory development. *Aging and Society, 18*(2), 185-208.
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2005). *Análise factorial do Questionário de Estilos Parentais em uma amostra de adultos jovens universitários*. *Psico-USF, 10*(1), 1-9.
- Bornstein, R. F. (2005). Psychodynamic theory and personality disorders. In S. Strack (Ed.), *Handbook of Personology and Psychopathology, 9* (164-180). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Bosmans, G., Braet, C., Leeuwen, K. V., & Beyers, W. (2006). Do parenting behaviors predict externalizing behavior in adolescence, or is attachment the neglected 3rd factor? *Journal of Youth and Adolescence, 35*(3), 35-364. doi:10.1007/s10964-005-9026-1.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry, 52*(4), 664-678. (Obra original publicada em 1969). doi: 10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x.
- Bowlby, J. (1985). *Perda: tristeza e depressão, 3*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1973).

- Bowlby, J. (1988). *A secure base: clinical applications of attachment theory*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1989). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1998). *Separação: angústia e raiva, 2*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1973).
- Bowlby, J. (2002). *Apego: a natureza do vínculo, 1*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969).
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18*(2), 151-161.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2002). Internal working models in attachment relationships: a construct revisited. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical implications* (89-114). New York: The Guildford Press.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: an attachment story, completion task for 3-year-olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & M. E. Cummings (Org.), *Attachment in the preschool years: theory, research and intervention* (274-310). Chicago: The University of Chicago Press.
- Brewer, W. F. (1986). What is autobiographical memory? In D. C. Rubin (Ed.), *Autobiographical memory* (25-49). Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the love boat: why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B.B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (1-16). NY: Cambridge University Press.
- Brunstein, J. C., Dangelmayer, G., & Schultheiss, O. C. (1996). Personal goals and social support in close relationships: effects on relationship mood and marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*, 1006-1019.
- Buber, M. (1993). *Martin Buber on psychology and psychotherapy*. Syracuse, NY: Syracuse University Press.
- Buri, J. R. (1989). Self-esteem and appraisals of parental behavior. *Journal of Adolescent Research, 4*, 33-49. doi: 10.1177/074355488941003.
- Buri, J. R. (1991). Parental Authority Questionnaire. *Journal of Personality Assessment, 57*, 110-119.

- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships, 15*, 141-154. doi: 10.1111/j.1475-6811.2007.00189.x.
- Cañas, J. J., & Bajo, M. T. (1991). Memória autobiográfica. In J. M. Ruíz-Vargas. *Psicología de la memoria, Cap. 13* (369-382). Madrid: Alianza Psicología.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental: uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Capaldi, D. M., & Clark, S. (1998). Prospective family predictors of aggression toward female partners for at-risk young men. *Developmental Psychology, 34*(6), 175-188. Retirado de <http://doi.apa.org/journals/dev/34/6/1175.pdf>
- Carvalho, M. A. (2007). *Vinculação, temperamento e processamentos da informação: implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência* (Tese de Doutoramento não publicada). Braga: Universidade do Minho.
- Cassidy, J. (2000). Adult romantic attachments: a developmental perspective on individual differences. *Review of General Psychology, 4*(2), 111-131.
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2002). *Handbook of attachment: theory, research and clinical implications*. New York: The Guildford Press.
- Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2008). Terapia focada em esquemas: conceituação e pesquisas. *Revista Psiquiatria Clínica, 35*(5), 187-195.
- Cecconello, A. M., Antoni, C. D., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo, 8*(esp), 45-54.
- Cecero, J. J., & Young, J. E. (2001). Case of Silvia: a schema-focused approach. *Journal of Psychotherapy Integration, 11*(2), 217-229. doi: 10.1023/A:1016657508247.
- Chapman, G. (1997). *As cinco linguagens do amor* (Iara Vasconcelos Trad.). Editora Mundo Cristão.
- Cláudio, V. (2004). *Da trama das minhas memórias o fio que tece a depressão: esquecimento dirigido e memória autobiográfica na depressão major*. Lisboa: ISPA.
- Cláudio, V. (2009). Domínios de esquemas precoces na depressão. *Análise Psicológica, 27*(2), 143-157.
- Cloninger, C. R., Svrakic, D. M., & Przybeck, T. R. (1993). *A psychobiological model of temperament and character, 50*(12), 975-990. doi:10.1001/archpsyc.1993.01820240059008.

- Coderch de Sans, J. (2013). Los traumatismos emocionales en la infancia y adolescência y la necesidad de amor. *Clínica e Investigación Relacional*, 7(2), 338-347.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663.
- Collins, N. L., & Feeney, B. (2000). A safe haven: an attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(6), 1053-1073.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: the structure and function of working models. In D. Perlman & K. Bartholomew (Eds.), *Advances in personal relationships*, 5 (53-90). London: Jessica Kingsley. doi: 10.1111/b.9780631212294.2002.00005.x.
- Collins, N. L., Cooper, M. L., Albino, A., & Allard, L. (2002). Psychosocial vulnerability from adolescence to adulthood: a prospective study of attachment style differences in relationship functioning and partner choice. *Journal of Personality*, 70, 965-1008. doi: 10.1111/1467-6494.05029.
- Collins, W., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: a developmental construction. In B. Furman, B. Brown, B. Bradford & C. Feiring (Orgs.), *The development of romantic relationships in adolescence* (125-147). New York: Cambridge University Press.
- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., & Elder, G. H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: a developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(2), 224-237. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.79.2.224>.
- Connolly, J. A., & Johnson, A. M. (1996). Adolescents romantic relationships and the structure and quality of their close interpersonal ties. *Personal Relationships*, 3, 185-195. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6811.1996.tb00111.x/pdf>
- Connolly, J., & Goldberg, A. (1999). Romantic relationships in adolescence: the role of friends and peers in their emergence and development. In Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (266-290). Cambridge: Cambridge University Press.
- Connolly, J., Furman, W., & Konarski, R. (2000). The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, 71(5), 1395-1408.
- Conway, M. A., & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical

- memories in the self-memory system. *Psychological Review*, 107(2), 261-288.
- Correa, O. B. R. (2000). Ecloração dos vnculos genealógicos e transmissão psíquica. In: Correa, O. (Org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*, 61-71 São Paulo: Escuta.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 465-473.
- Costa, J. F. (1998a). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, M. E. (1998b). Novos encontros de amor: amizade, amor e sexualidade na adolescência. Porto: Ambar.
- Crowell, J., & Treboux, D. (1995) A review of adult attachment measures: implications for theory and research. *Social Development*, 4(3), 294-327.
- Crowell, J., Fraley, R., & Shaver, P. (1999). Measurement of individual differences in adolescents and adult attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications* (434-465). New York: The Guilford Press.
- Damásio, H. (1995). *Human brain anatomy in computerized images*. Oxford: Oxford University Press, Inc.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Dattilio, F. M. (1998) (Org.). *Case studies in couple and family therapy: systemic and cognitive perspectives*. New York: Guilford Press.
- Dattilio, F. M. (2001). Cognitive-behavioral family therapy: contemporary myths and misconceptions. *Contemporary Family Therapy*, 23, 3-18. Retirado de <http://connection.ebscohost.com/c/articles/11304454/cognitive-behavior-family-therapy-contemporary-myths-misconceptions>
- Dattilio, F. M., & Padeski, C. A. (1995). *Terapia cognitiva com casais*. Porto Alegre: Artmed.
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(8), 1076-1090.
- Dias, G. F., & Fontaine, A. M. (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar dos jovens: algumas implicações para o aconselhamento psicológico. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 103-114.

- Dias, P. M. (2007). *Vinculação e regulação autonómica nas perturbações alimentares*. (Tese de Doutoramento não publicada). Braga: Universidade do Minho.
- Domínguez, M. C. P., & Juste, M. R. P. (2002). Un programa de intervención pedagógica sobre educación familiar en el ámbito comunitario: aspectos generales. *Revista de Ciencias de la Educación*, 189, 21-38.
- Douglass, C. B. (2005). *Barren states: the population 'implosion' in Europe*. Berg, New York.
- Dozier, M., Stovall, K. C. & Albus, K. E. (1999). Attachment and psychopathology in adulthood. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research and clinical applications* (497-519). New York: Guilford Press.
- Dozois, D. J., Frewen, P. A. & Covin, R. (2006). Cognitive Theories. In M. Hersen & J. Thomas (Eds.), *Comprehensive handbook of personality and psychopathology* (173-191). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Duarte, A. L. C., Nunes, M. L. T., & Kristensen, C. H. (2008). Esquemas desadaptativos: revisão sistemática qualitativa. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4.
- Duarte, R. (2012). *Do amor e do desamor: variedades de experiências de ruptura e reparação e, regulação de necessidades na aliança amorosa de casais* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, Lisboa, Portugal. Retirado de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7823/1/ulfpie0043044_tm.pdf
- Dufour, D. R. (2001). Les désarrois de l'individu-sujet. *Le Monde Diplomatique*, 16-17.
- Dwyer, K. M. (2005). The meaning and measurement of attachment in middle and late childhood. *Human Development*, 48(3), 155-182.
- Eagle, M. (2003). Clinical implications of attachment: theory. *Psychoanalytic Inquiry*, 23(1), 27-53. Retirado de www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/07351692309349025
- Egeland, B., Jacobvitz, D., & Sroufe, L. A. (1988). Breaking the cycle of abuse. *Child Development*, 59(4), 1080-1088. Retirado de <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=d7338c1e-8399-426b-9025-e5f658d6f386%40sessionmgr4002&vid=1&hid=4204>
- Ehrensaft, M. K., Cohen, P., Brown, J., Smailes, E., Chen, H., & Johnson, J. G. (2003). Intergenerational transmission of partner violence: a 20-year prospective study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71(4), 741-753. Retirado de <http://www.apa.org/pubs/journals/releases/ccp-714741.pdf>
- Elkaïm, M. (1990). *Se você me ama, não me ame: abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal*. São Paulo: Papyrus.

- Engels, R. C., Dekovic, M., & Meeus, W. (2002). Parenting practices, social skills and peer relationships in adolescence. *Social and Behaviour Personality*, 30(1), 3-18. doi: 10.2224/sbp.2002.30.1.3.
- Erikson, E. H. (1963). *Youth: change and challenge*. Basic books.
- Erikson, E. H. (1972/1976). *Identidade, juventude e crise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1968).
- Facio, A., Resett, S., Mistrorigo, C., & Micocci, F. (2006). *Adolescentes Argentinos: como piensan y sienten*. Buenos Aires: Editorial Lugar.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Ed.), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (121-158). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Feeney, J. A. (1998). Adult attachment and relationships-centered anxiety: responses to physical and emotional distancing. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (189-217). New York: The Guilford Press.
- Feeney, J. A. (1999a). Adult attachment, emotional control, and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169-185.
- Feeney, J. A. (1999b). Adult romantic attachment: developments in the study of couple relationships. In J. Cassidy, & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (355-377). New York: The Guildford Press.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 281-291.
- Feldman, S. S., Gowen, L. K., & Fisher, L. (1998). Family relationships and gender as predictors of romantic intimacy in young adults: a longitudinal study. *Journal of Research on Adolescence*, 8(2), 263-286. doi: 10.1207/s15327795jra0802_5.
- Ferreira, J. A. P. (2004). Reseña de família: dinâmica e terapia - uma abordagem psicanalítica de Luiz Meyer. *Psychê*, 8(13), 162-165.
- Fine, M., & Norris, J. E. (1989). Intergenerational relations and family therapy research: what we can learn from other disciplines. *Family Process*, 28(3), 301-315. doi: 10.1111/j.1545-5300.1989.00301.x.
- Fischer, L. R. (1981). Transitions in the mother-daughter relationship. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 187-192. Retirado de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/351762?uid=14937608&uid=3738880&uid=2129&uid=368665151&uid=2&uid=70&uid=3&uid=67&uid=8141432&uid=62&sid=2110533806>

1973

- Fleming, A., O'Day, D. & Kraemer, G. (1999). Neurobiology of mother-infant interactions: experience and central nervous system plasticity across development and generations. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 23(5), 673-685. Retirado de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0149763499000111#>
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E., Target, M. (2004). *Affect regulation, mentalization and the development of the self*. New York: Other Press LLC.
- Fortin, M. F. (2003). *O processo de investigação: da concepção à realização* (3ª ed.). Loures: Lusociência.
- Fosha, D. (2000). *The transforming power of affect: a model for accelerated change*, pp. 54-62. New York: Basic Behavioral Science.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132-154. doi: 10.1037//1089-2680.4.2.1.
- Framo, J. L. (1985). Matrimonio y terapia marital. Planteos e técnicas de la entrevista inicial. In M. Andolfi, & I. Zwerling (Orgs.). *Dimensiones de la terapia familiar* (73-98). Buenos Aires: Ediciones Paidós.
- Franco, E. L. (1998). La familia, nuevo contexto educativo entre el conflicto y la esperanza, *Revista Complutense de Educación*, 9(2), 79-100.
- Freeman, H. S., & Brown, B. B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(6), 653-674.
- Freeman, H. S., & Newland, L. A. (2002). Family transitions during the adolescent transition: implications for parenting. *Adolescence*, 37(147), 457-475.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. XIV* (Jayme Salomão, Trad.) (2ª ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. XVIII* (81-145). Rio de Janeiro: Imago.
- Fuller, T., & Fincham, F. (1995). Attachment style in married couples: relation to current marital functioning, stability over time, and method of assessment. *Personal Relationships*, 2, 17-34.
- Furman, W. & Simon, V. A. (2006). Actor and partner effects of adolescents' working models

- and styles on interactions with romantic partners. *Child Development*, 77, 588-604.
- Furman, W. (2002). The emerging field of adolescent romantic relationships. *Current Directions in Psychological Science*, 11(5), 177-180.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks and personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Furman, W., & Simon, V. A. (1999). Cognitive representations of adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, C., & Feiring, C. (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*, 4 (75-98). New York: Cambridge University Press.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In S. Shulman, & W. A. Collins (Eds.), *New directions for child development*, 78. *Romantic relationships in adolescence: developmental perspectives* (21-36). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Furman, W., Simon, V., Shaffer, L., & Bouchey, H. (2002). Adolescent's working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development*, 73(1), 241-255.
- Gaines, O. S., & Sedikides, C. (2009). Rewards and costs in relationships. In R., Harry T. and S., Susan (Eds.) *Encyclopedia of Human Relationships* (1380-1383). Thousand Oaks, US: Sage Publications. doi: <http://dx.doi.org/10.4135/9781412958479.n450>.
- Gear, M. C., Hill, M. A., & Liendo, E. C. (1981). *Working through narcissism, treating its sadomasochistic structure*. New York: Jason Aronson.
- Gerhardt, S. (2004). *Why love matters: how affection shapes a baby's brain* (80-97). London: Brunner-Routledge.
- Gil, A. C. (1995). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gilbert, P. (1989). *Human nature and suffering*, 4 (87-119). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescent's attribution and educational outcomes in nine heterogeneous high schools, *Child Development*, 68(3), 507-529. doi: 10.2307/1131675. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1131675>
- Gomide, P. I. C., & Sampaio, I. T. A. (2006). Inventário de estilos parentais (IEP): percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15-26.
- Gottman, J., (2001). *Os 7 princípios do casamento*. Cascais: Pergaminho.

- Granjon, E. (2000). A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In O. Correa (Org), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (17-44). São Paulo: Escuta.
- Grassi-Oliveira, R., Ashy, M., & Stein, L. M. (2008). Psychobiology of childhood maltreatment effects of allostatic load? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30(1), 60-68.
- Gray, M. R., & Steinberg, L. (1999). Unpacking authoritative parenting: reassessing a multidimensional construct. *Journal of Marriage and the Family*, 61(3), 574-587. doi: <http://dx.doi.org/10.2307/353561>.
- Grinblat, H. (2004). Os Mitos de Origem: Considerações sobre a Constituição Narcísica do Casal. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 3.
- Guidano, F. (1987). *Complexity of the self: a developmental approach to psychopathology and therapy*. New York: The Guilford Press.
- Guidano, F. (1987). *Complexity of the self: a developmental approach to psychopathology and therapy*. New York: The Guilford Press.
- Hays, W. L. (1981). *Statistics for the social sciences* (3rd ed.). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: evaluating the evidence. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical implications* (3-20). New York: Guilford Press.
- Hochman, B., Nahas, F. X., Oliveira Filho, R. S., & Ferreira, L. M. (2005). Desenhos de pesquisa. *Acta Cirurgica Brasileira*, 20(Supl. 2), 2-9. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>.
- Hou, C. E., Miller, B. L., & Kramer, J. H. (2005). Patterns of autobiographical memory loss in dementia. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 20, 809-815.
- Howieson, J., & Priddis, L. (2009). Keeping babies in mind in family dispute resolution. *Paper presented at the 29th Annual ANZAPPL Congress*, 26-29. Fremantle.
- Hutz, C. S., & Bardagir, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11(1), 65-73.

- Juchem, M. (2010). *O narcisismo na contemporaneidade*. Porto Alegre: Imprensa Livre.
- Jung, C. G. (1972). *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1982). *O eu e o inconsciente* (D. F. da Silva, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In R. Kaës, & H., Faimberg et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações (9-25)*. (Luiz Paulo Rouanet, trad). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kasser, T., Koestner, R., & Lekes, N. (2002). Early family experiences and adult values: a 26-year, prospective longitudinal study. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 826-835.
- Kellerhals, J., Montandon, C., Ritschard, G. & Sardi, M. (1992). Le style éducatif des parents et l'estime de soi des adolescents. *Revue française de sociologie*, 33(3), 313-333.
- Kelvin, R. G., Goodyer, I. M., Teasdale, J. D., & Brechin, D. (1999). Latent negative self-schema and high emotionality in well adolescents at risk for psychopathology. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, 40, 959-968.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*.
- Kernberg, O. (1995). Narcissism. In *Love Relations. Normality and Pathology*, 143-162. New York: Vail-Ballow Press.
- Kernberg, O. F. (1988). Object relations theory in clinical practice. In R. J. Langs (Ed.), *Classics in Psychoanalytic Technique* (453-460). Oxford, UK: Rowman & Littlefield.
- Kirkpatrick, L. A., & Davis, K. E. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(3), 502-512.
- Klein, M. (1952). Some Theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In *Writings of Melanie Klein 1946-1963* (60-93).
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In Aberastury, A., & Knobel, M., *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (24-62). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Knobloch, L. K., Solomon, D. H., & Cruz, M. G. (2001). The role of relationship development and attachment in the experience of romantic jealousy. *Personal Relationships*, 8, 205-224.
- Kobak, R. R. (1994). Adult attachment: a personality or a relationship construct. *Psychological Inquiry*, 5(1), 42-44. doi: 10.1207/s15327965pli0501_7.

- Kobak, R. R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development*, 59, 135-146. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1130395>.
- Kohut, H. (1988). *A restauração do self* (C. A. Pavanelli, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1977).
- Kretchmar, M. D., & Jacobvitz, D. (2002). Observing mother-child relationships across generations: boundary patterns, attachment, and the transmission of caregiving. *Family Process*, 41(3), 351-374. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-5300.2002.41306.x/pdf>
- Kuttler, A. F., & LaGreca, A. M. (2004). Linkages among adolescent girls' romantic relationships, best friendships, and peer networks. *Journal of Adolescence*, 27, 395-414.
- Lacan, J. (1987). *Os Escritos técnicos de Freud*. São Paulo: Jorge Zahar Editores.
- Lacan, J. (1992). *O seminário: a transferência*, 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbush, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child development*, 62(5), 1049-1065. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1131151>.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Lasch, C. (1988). *A Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Last, J. M. (1997). The clinical utilization of early childhood memories. *American Journal of Psychotherapy*, 51(3), 376-386.
- Laursen, B., & Jensen-Campbell, L. A. (1999). The nature and functions of social exchange in adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Felting (Eds.), *Contemporary perspectives on adolescent romantic relationships* (50-74). New York: Cambridge University Press. doi: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9781316182185.004>.
- Laursen, B., & Williams, V. (1997). Perceptions of Interdependence and Closeness in Family and Peer Relationships among Adolescents with and without a Romantic Partner. In Shulman, S., & Collins, W. A. (eds.), *Romantic relationships in adolescence: developmental perspectives* (3-20). San Francisco: Jossey-Bass.
- Lemaire, J. G. (2005). *Comment faire avec la passion*. Paris: Payot & Rivages.
- Levesque, R. J. R. (1993). The romantic experience of adolescents in satisfying love relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(3), 219-251.

- Lipovetsky, J. (2005). *A era do vazio*. São Paulo: Editora Manole.
- Lopez, F.G., Brennan, K.A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organization: toward an attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, 47(3), 283-300. doi: 10.1037/0022-0167.47.3.283.
- Losoya, S. H., Callor, S., Rowe, D., C., & Goldsmith, H. H. (1997). Origins of familial similarity in parenting: a study of twins and adoptive siblings. *Developmental Psychology*, 33(6), 1012-1023. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.33.6.1012>.
- Lundberg, M., Perris, C., Schlette, P., & Adolfsson, R. (2000). Intergenerational transmission of perceived parenting. *Personality and Individual Difference*, 28(5), 865-877. doi:[10.1016/S0191-8869\(99\)00144-0](http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00144-0).
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M., & Mussen, P. H. (eds.). *Handbook of child psychology: socialization, personality and social development*, 4 (1-103). New York: Wiley.
- Main, M., Kaplan, K., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. In I. Bretherton, & E. Waters (Orgs.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1-2), 60-104. Chicago: University of Chicago Press. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/3333827>.
- Malpique, C. (1993). Sexualidade e narcisismo ou a capacidade de amar. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 12, 25-33.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21. doi: 10.1037/0893-3200.15.1.3.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com a utilização do SPSS*. (3.^a ed. rev. e aum.) Lisboa: Edições Sílabo.
- Marques, A. M. B. (2010). *Esquemas mal-adaptativos precoces, ansiedade, depressão e psicopatologia em reclusas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto. Portugal.
- Martins, C. M. S., Tofoli, S. M. de C., Baes, C. V. W., & Juruena, M. (2011). Analyses of the occurrence of early life stress in adult psychiatric patients: a systematic review. *Psychology & Neuroscience*, 4(2), 219-227. doi: 10.3922/j.psns.2011.2.007.
- Mason, O., Platts, H., & Tyson, M. (2010). Early maladaptive schemas and adult attachment

- in a UK clinical population. *Psychology and psychotherapy: theory, research and practice*, 78(4), 549-564. doi: 10.1348/147608305X41371.
- Matos, A. C. (2013). O Homem, animal narcísico. In I. M. M. Mesquita (2013), *Disfarces de amor* (7-12). Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes* (Tese de Doutoramento em Psicologia), Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Portugal.
- Matos, P. M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica*, 41, 9-24.
- Medina, J. C. (1993). La familia como ámbito de socialización de los hijos. In M. Q. J. Cabanas (coord.). *Pedagogía familiar* (31-41). Madrid: Narcea.
- Meier, A., & Allen, G. (2008). Intimate relationship development during the transition to adulthood: Differences by social class. In J. T. Mortimer (Ed.), *Social class and transitions to adulthood. New Directions for Child and Adolescent Development*, 119 (25-39).
- Mello, M. F., Faria, A. A., Mello, A. F., Carpenter, L. L., Tyrka, A. R., & Price, L. H. (2009). Maus-tratos na infância e psicopatologia no adulto: caminhos para a disfunção do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 3.
- Mendes, M. A. (1999). Terapia do Esquema: um novo enfoque cognitivo. *Psiquê Ciência & Vida*, 32-39.
- Mesquita, I. M. M. (2008). Na senda do narcisismo: do amor do objeto ao objeto de amor, pensando Heinz Kohut. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28(1), 73-102.
- Mesquita, I. M. M. (2012). *Disfarces de Amor: Um Estudo sobre Relacionamentos Amorosos e Vulnerabilidade Narcísica* (Tese de Doutoramento em Psicologia Clínica), Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais. Évora. Portugal.
- Mesquita, I. M. M. (2013). *Disfarces de amor*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Meyer, L. (1987). *Família: dinâmica e terapia*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Mijolla, A. (2005). *International Dictionary of Psychoanalysis*. Thomson Gale, USA.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1999). The association between parental reports of attachment style and family dynamics and offspring's reports of adult attachment style. *Family Process*, 38, 243-257. Retirado de <http://www.cengage.com/>.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2004). Security-based self-representations in adulthood: contents and processes. In N. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.). *Adult attachment: theory, research, and clinical implications* (159-195). New York: Guilford Press.

- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). Attachment in adulthood: structure, dynamics, and change. *Clinical Social Work Journal*, 37(2), 179-180. doi: 10.1007/s10615-009-0193-5.
- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das representações. In N. Guedeney & A. Guedeney (Eds.), *Vinculação: conceitos e aplicações* (123-128). Lisboa: Climepsi.
- Miller, A. (1986). Depression and grandiosity as related forms of narcissistic disturbances. In Morrison, P. (Ed.). *Essential papers on narcissism* (323-347). New York and London: New York University Press.
- Miller, B. C., & Moore (1990). Adolescent sexual behavior, pregnancy, and parenting: research through the 1980s. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 1025-1044. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/pdf/353317.pdf?acceptTC=true>.
- Mollon, P. (2006). *The fragile self: the structure of narcissistic disturbance*. London: Whurr Ed.
- Moraes, R. J. (2002). *O inconsciente sem fronteiras*. Aparecida: Santuário. (Obra original publicada em 1995).
- Morehead, D. B. (2002). The repetition compulsion and object relations: an evolutionary hypothesis. *Psychoanalysis & Contemporary Thought*, 25(3), 247-279.
- Morgan, H. J., & Shaver, P. R. (1999). Attachment processes and commitment to romantic relationships. In J. M. Adams, & W. H. Jones (Eds.), *Handbook of interpersonal commitment and relationship stability* (109-124). New York: Plenum.
- Mosquera, D. (2008). Personalidades narcisistas y personalidades com rasgos narcisistas. *Persona*, 8(2), 7-18.
- Mota, C. P. (2011). Vicissitudes no processo de vinculação - risco, vulnerabilidade e resiliência: o divórcio e a esfera relacional do adolescente. *Série Didática de Ciências Sociais e Humanas*, 79. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Muris, P. (2006). Maladaptive schemas in non-clinical adolescents: relations to perceived parental rearing behaviours, big five personality factors, and psychopathological symptoms. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 13, 405-413.
- Murphy, K., & Myers, B. (1998). *Statistical power analysis: a simple and general model for traditional and modern hypothesis tests*. Mahwah, New Jersey: Erlbaum.
- Näcke, P. (1899). Kritisches zum Kapitel der normalen und pathologischen Sexualität. *Archives of Psychiatric Nursing*, 32(2), 356-386.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.

- Noom, J. M., Decovic, M., & Meeus, W. H. J. (1999). Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: Adoubleedged sword? *Journal of Adolescence*, 22, 771-783.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais, autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15, 1-11.
- Owens, G., Crowell, J., Pan, H., Treboux, D., O'Connor, E., & Waters, E. (1995). The prototype hypothesis and the origins of attachment working models: adult relationships with parents and romantic partners. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60(2-3), 216-233. doi: 10.1111/j.1540-5834.1995.tb00213.x.
- Padesky, C. A. (1994) Schema change processes in cognitive therapy. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 1(5), 267-278. doi: 10.1002/c5640010502.
- Paiva F. S., & Ronzani, T. M. (2009). Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14, 177-183.
- Papp, P. (1992). *O processo de mudança: uma abordagem prática à terapia sistêmica de família*. Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Passos, M. C. (2007). A constituição dos laços na família em tempos de individualismo. *Mental*, 5(9), 117-130.
- Pergher, G. K., & Stein, L. M. (2008). Recuperando memórias autobiográficas: avaliação da versão brasileira do teste de memória autobiográfica. *Psico*, 39(3), 299-307.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS (5ª ed., ver. e corrig.)*. Lisboa: Sílabo.
- Pietromonaco P. R., & Barrett, L. F. (1997). Working models of attachment and daily social interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(6), 1409-1423. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.73.6.1409>.
- Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept: what do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4(2), 155-175.
- Pincus, L., & Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artmed.
- Pinto-Gouveia, J., & Rijo, D. (2001). Terapia focada nos esquemas: questões acerca da sua

- validação empírica. *Revista Psicológica*, 15(2), 309-324.
- Pinto-Gouveia, J., & Robalo, M. (1998). Análise fatorial do questionário de esquemas de Young. *Comunicação apresentada no Encontro Latini Dies em Lisboa*.
- Pinto-Gouveia, J., Castilho, P., Galhardo, A., & Cunha, M. (2006). Early Maladaptive Schemas and Social Phobia. *Cognitive Therapy and Research*, 30(85), 571-584. doi: 10.1007/s10608-006-9027-8.
- Pinto-Gouveia, J., Rijo, D., Robalo, M., Salvador, M. C., Castilho, P., Ferreira, C., & Fonseca, L. (2005). *A versão portuguesa do Questionário de Esquemas de Young – versão randomizada (YSQ-RE2R): estudos de validação numa amostra da população normal*. Trabalho apresentado em XIII Congresso Nazionale AIAMC – IX Congresso Latini Dies, In XIII Congresso Nazionale AIAMC – IX Congresso Latini Dies abstract book, Milano. (Obra original publicada em 2003).
- Pinto-Gouveia, J., Robalo, M., Cunha, M., & Fonseca, L. (1997). A versão portuguesa do Questionário dos Esquemas de Young: características psicométricas e validade. *Comunicação apresentada no V Latini Dies (V congresso de Terapias Comportamentais e Cognitivas dos países de Líguas Latinas)*, Cascais, Portugal. (Obra original publicada em 1994).
- Platts, H., Mason, O., & Tyson, M. (2005). Early Maladaptive Schemas and Adult Attachment in a UK clinical population. *Psychology and Psychotherapy: theory, research and practice*, 78(4), 549-64.
- Puget, J. (1997). O casal: uma entidade psicanalítica. In Zimmermann, D. E. (Org.). *Como trabalhamos com grupos* (283-292). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rajmohan, V. & Mohandas, E. (2007). The limbic system. *Indian Journal of Psychiatry*, 49(2), 132-139. doi: [10.4103/0019-5545.33264](https://doi.org/10.4103/0019-5545.33264).
- Regulamento nº 258/2011 de 20 de abril da Ordem dos Psicólogos Portugueses. *Diário da República - 2ª Série, No 78* (2011). Retirado de https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/caodigo_deontolaogico.pdf
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 292-299.
- Relvas, A. (Ed.). (2004). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribas, A. F. P., Júnior, R. C. R., & Valente, A. A. (2006). Bem-estar emocional de mães e

- pais no exercício do papel parental: uma investigação empírica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(3), 28-38.
- Richter A., Gilbert, P., & McEwan K. (2009). Development of an early memories of warmth and safeness scale and its relationship to psychopathology. *Psychology and Psychotherapy*, 82(2), 171-184. doi: 10.1348/147608308X395213.
- Rijkeboer, M. M., van den Bergh, H., & van den Bout, J. (2005). Stability and discriminative power of the Young Schema-Questionnaire in a Dutch clinical versus non-clinical population. *Journal of Behaviour Therapy and Experimental Psychiatry*, 36(2), 129-144. doi:10.1016/j.jbtep.2004.08.005.
- Rijo, D. (2009). *Esquemas mal-adaptativos precoces: validação do conceito e dos métodos de avaliação* (Tese de Doutoramento em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Coimbra. Portugal. Retirado de https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18486/1/Daniel_Rijo_Tese_Doutoramento_2009.pdf
- Rindfuss, R. R. (1991). The young adult years: diversity, structural change, and fertility. *Demography*, 28(4), 493-512. doi: Retirado de <http://www.jstor.org/stable/pdf/2061419.pdf?acceptTC=true>
- Rios, I. (2008). O amor nos tempos de Narciso. *Comunicação Saúde Educação*, 25(12), 421-426. doi: 10.1590/S1414-32832008000200016.
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830. doi: <http://www.amsciepub.com/doi/abs/10.2466/pr0.1995.77.3.819>.
- Rosolato, G. (1976). Le narcissisme. *Novelle Revue de Psychanalyse*, 13, 7-36.
- Rothbard, J. C., & Shaver, P. R. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: clinical and developmental perspectives* (31-71). New York: Guildford Press. Retirado de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/23089874?uid=3738880&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21104699671171>.
- Rubin, D. C., Schrauf, R. W., & Greenberg D. L. (2003). *Belief and recollection of autobiographical memories*. *Memory & Cognition*, 31(6), 887-901.
- Rubin, K. H., Nelson, L. J., Hastings, P. D., and Asendorpf, J. (1999). The transaction between parents' perceptions of their children's shyness and their parenting styles. *International Journal of Behavioral Development*, 23, 937-957. Retirado de

<http://jbd.sagepub.com/content/23/4/937.full.pdf+html>.

- Sagi, A., van IJzendoorn, M. H., Scharf, M., Joels, S. T., Koren-Karie, E. N., Mayseless, O. (1997). Ecological constraints for intergenerational transmission of attachment. *International Journal of Behavioral Development, 20*(2), 287-299.
- Salkovskis, P. M. (2005). *Fronteiras da terapia cognitiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Salvaterra, M. F. A. S. (2007). *Vinculação e adoção*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Santana, R. G. (2011). *Estudo das relações entre a atitude de perdoar ofensas interpessoais e os esquemas iniciais desadaptativos* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. Brasil.
- Santos, W. C. (2008). *A fragilidade dos laços afetivos na pós-modernidade*. Brasília: D. F.
- Satir, V. (1967). *Conjoint family therapy*. Palo Alto: Science and Behavioral Books.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and sexual motives. *Personal Relationships, 11*(2), 179-195. doi: 10.1111/j.1475-6811.2004.00077.x.
- Scheff, T., Phillips, B., Kincaid, H. (2006). *Goffman Unbound!: a new paradigm for social science (the sociological imagination)*. Paradigma publishers: Boulder, C.O.
- Schore, A. (1994). *Affect regulation and the origins of the self: the neurobiology of emotional development*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Schwartz, R. C., & Johnson, S. M. (2000). Commentary: does couple and family therapy have emotional intelligence? *Family Process, 39*, 29-33.
- Scribel, M. C., Sana, M. R., & Benedetto, A. (2007). Os Esquemas na Estruturação do Vínculo conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 3*(2), 35-42.
- Sedikides, C., Campbell, W. K., Reeder, G. D., & Elliot, A. J. (2002) The self in relationships: whether, how, and when close others put the self "in its place". In S. Wolfgang, & H. Miles (eds.), *European Review of Social Psychology* (237-265). Oxford, UK, Wiley.
- Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development, 27*(6), 519-531.
- Shaver, P. R., Hazan C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: the integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The anatomy of love* (68-99). New Haven, CT: Yale University Press.
- Silver, D., & Cohn, D. (1992). Couple attachment interview (Unpublished manuscript),

University of California. Berkeley, California.

- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.971>.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Phillips, D. (1996). Conflict in close relationships: an attachment perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(5), 899-914. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.71.5.899>.
- Soares, I. M. C. (2007b). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. Psiquilibrios Edições.
- Spinhoven, P., Bockting, C. L., Kremers, I. P., Schene A. H., Mark J., & Williams G. (2007). The endorsement of dysfunctional attitudes is associated with an impaired retrieval of specific autobiographical memories in response to matching cues. *Memory*, 15(3), 324-338.
- Sroufe, A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Sroufe, L. A., Fox, N. E., & Pancake, V. R. (1983). Attachment and dependency in developmental perspective. *Child Development*, 54, 1615-1627. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1129825>.
- Steiner, J. (1991). O interjogo entre organizações patológicas e as posições esquizo-paranóide e depressiva. In Melanie Klein Hoje. *Desenvolvimentos da teoria e da técnica, vol 1: artigos predominantemente teóricos* (329-348). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre: ArtMed.
- Stolorow, R., & Lachmann, F. N. (1983). *Psicanálise das paradas do desenvolvimento: teoria e tratamento*. Rio de Janeiro: Imago.
- Strage, A. & Brandt, T. S. (1999). Authoritative parenting and college student's academic adjustment and success. *Journal of Educational Psychology*, 91, 146-156. doi: 10.1037/0022-0663.91.1.146.
- Sutin, A. R., & Gillath, O. (2009). Autobiographical memory phenomenology and content mediate attachment style and psychological distress. *Journal of Counseling Psychology*, 56(3), 351-365.
- Symington, N. (2006). *Narcissism: a new theory*. London: Karnac.
- Teixeira, M. A. P., & Lopes, F. M. M. (2005). Relações entre estilos parentais e valores

- humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62.
- Tofoli, S. M. de C., Baes, C. V. W., Martins, C. M. S., & Juruena, M. (2011). Early life stress, HPA axis, and depression. *Psychology & Neuroscience*, 4(2), 229-234. doi:10.3922/j.psns.2011.2.008.
- Trachtenberg, A. R. C. (2005). Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In A. R. C. Trachtenberg, et al. (Eds.), *Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações* (119-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trevarthen, C. (2003). Infant psychology is an evolving culture. *Human Development*, 46(4), 233-246.
- Trindade, M. T., Mossatti, R. L., & Mazzoni, C. G. (2009). Terapia do esquema: uma evolução na terapia cognitivo-comportamental. *Trabalho apresentado no XII Seminário Intermunicipal de Pesquisa de Guaíba*, 01-08.
- Umberson, D. (1992). Relationships between adult children and their parents: Psychological consequences for both generations. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 664-674.
- Valentini, F., & Alchieri, J. C. (2009). Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 2(2), 113-123.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representation, parental responsiveness and infant attachment: a meta-analysis on the predictive validity of the adult attachment interview. *Psychological Bulletin*, 117(3), 387-403.
- van IJzendoorn, M. H., & Sagi, A. (1999). Cross-cultural patterns of attachment: universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (713-734). New York: Guilford Press.
- van Vlierberghe, L. V., & Braet, C. (2007). Dysfunctional Schemas and Psychopathology in Referred Obese Adolescents. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 14, 342-351. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/cpp.546/pdf>.
- van Wel, F., Linssen, H., & Ruud, A. (2000). Changes in the parental bond and the wellbeing of adolescents and young adults. *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 307-318.
- Vieira, C. (2012). Fobia social: a mente que des(mente) abordagem aos esquemas mal-adaptativos precoces. *Psicologia.pt*, 1-12.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: a twenty-year longitudinal study. *Child Development*, 71(3), 684-689. (Obra original publicada em 1995).
- Weber, L. N. D. (2005). *Eduque com carinho*. Curitiba: Juruá.

- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 6(35), 407-414.
- Weiss, R. S. (1998). A taxonomy of relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 671-683. doi: 10.1177/0265407598155006.
- Werner, E. P. (2009). *Cuestionarios de estilo educativo percibido por niños (EMBU-C), adolescentes (EMBU-A) y progenitores (EMBU-P): propiedades psicométricas en nuestra clínica española* (Tese de Doutoramento em Psicobiologia), Universidade Autònoma de Barcelona. Barcelona. Espanha.
- Willi, J. (1985). *La pareja humana: relación y conflicto*. Madrid: Morata.
- Williams, H.L., Conway, M.A. & Cohen, G. (2008). Autobiographical Memory. In G. Cohen & M.A. Conway (Eds.), *Memory in the Real World* (3rd ed.) (21-90). London: Psychology Press.
- Wilson, A. E., & Ross, M. (2003). The identity function of autobiographical memory: time is on our side. *Memory*, 11(2), 137-149. doi: 10.1080/741938210.
- Winnicott, D. (1978). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (Davy Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1999). *Privação e delinquência* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1896).
- Wright, M., Crawford, E., & Del Castillo, D. (2009). Childhood emotional maltreatment and later psychological distress among college students: the mediating role of maladaptive schemas. *Child abuse & Neglect*, 33, 59-68. doi:10.1016/j.chiabu.2008.12.007.
- Yoosefi, N., Etemadi, O., Bahrami, F., Fatehizade, M. A. S., & Ahmadi, S. A. (2010). An investigation on early maladaptive schema in marital relationship as predictors of divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51, 269-292. doi: 10.1080/10502551003651951.
- Young, J. E. (1990). *Cognitive therapy for personality disorders: a schema-focused approach*. Sarasota, FL: Professional Resource Press.
- Young, J. E. (1999). *Cognitive therapy for personality disorders: a schema-focus approach* (3rd rev. ed.). Philadelphia: Professional Resource Exchange.
- Young, J. E. (2003). *Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada em esquemas* (3^a ed.). (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra

original publicada em 1999).

- Young, J. E., & Behary, W. T. (1998). Schema-focused therapy for personality disorders. In N. Tarrier, A. Wells, & G. Haddock (Eds.), *Treating complex cases: the cognitive behavioural therapy approach* (340-376). Chichester: Wiley.
- Young, J. E., & Brown, G. (1989). *Young Schema Questionnaire* (Pinto-Gouveia & Robalo, Trad.). Cognitive Therapy Center of New York.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema therapy: a practitioners guide*. New York, London: The Guilford Press.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.
- Youniss, J. (1980). *Parents and peers in social development* (456-460). Chicago, IL: University of Chicago Press. Retirado de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1085131?uid=3738880&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21104699671171>.
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88, 83-101.

Anexos

Anexo 1. Características do Domínio I (Desconexão e rejeição)

Quadro 2

Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio I.

EIDs	Características principais
Abandono / Instabilidade / Perda *	- Receio de ser desprotegido, abandonado e de perder o suporte emocional, uma vez que é considerado como uma pessoa instável, pouco confiável ou incapaz de manter vínculos emocionais, pois sente que será trocado por alguém melhor.
Desconfiança / Abuso *	- Convicção de vir a ser humilhado, injustiçado, magoado, traído, abusado e manipulado pelos outros que tirarão daí algum proveito. - Sensação de que o mal provindo dos demais é propositado ou resulta de uma negligência injustificada e radical.
Privação emocional *	- Expectativa de que os seus desejos de apoio emocional e vinculação não serão satisfeitos de forma adequada pelos outros significativos. - As privações existentes podem ser relativas: (1) ao investimento parental, no que toca à atenção, carinho, afeto ou companheirismo; (2) à empatia, por incompreensão, ausência de escuta, de partilha dos sentimentos por parte dos outros ou por não se expor; e (3) à proteção, pela inexistência de força, direção ou orientação facultada pelos outros.
Isolamento social / Alienação / Indesejabilidade social ^a *	- Sentimento de isolamento do mundo e de não fazer parte de qualquer grupo ou comunidade (com exceção da família nuclear). - Perceção de ser diferente de outras pessoas. - Sensação de ser indesejável e desinteressante para a sociedade.
Defeito / Vergonha / Imperfeição / Incapacidade para ser amado / Desencanto / Embaraço ^b	- Sensação de ser imperfeito, má pessoa, indesejado, nocivo, inferior ou insignificante em questões importantes. - Sentimento de que não é digno do amor dos sujeitos significativos e por isso, revelador de grande sensibilidade à crítica, à rejeição, à acusação, ao sentimento de inibição, às comparações e à insegurança na presença de outros. - Sensação de vergonha relativamente a imperfeições percebidas, que podem ser particulares (e.g., egocentrismo, ímpetos enraivecidos ou desejos sexuais intoleráveis) ou públicas (e.g., falha de habilidade social ou aparência pouco atraente).

Nota. Fontes: Adaptado de Marques (2010); Santana (2011); Young, et al. (2008).

* Segundo, Young et al. (2008), os quatro primeiros esquemas são os mais nocivos, conduzindo os adultos a relações autodestrutivas ou a evitarem em absoluto relações de proximidade.

^a Incorporada com o Isolamento Social/Alienação, na versão atual do QE (Rijo, 2009, p. 36)

^b Incorporada com o Defeito/Vergonha, na versão atual do QE (Picado, 2007, p. 210)

Anexo 2. Características do Domínio II (Autonomia e desempenho prejudicados)

Quadro 3

Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio II.

EIDs	Características principais
Dependência / Incompetência	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de ser inútil e crença de ser incapaz de lidar com as responsabilidades quotidianas, de forma competente e sem o auxílio substancial dos outros.
Vulnerabilidade ao dano/mal e à doença	<ul style="list-style-type: none"> - Pavor persistente sobre a possibilidade iminente de ocorrer algo catastrófico com o qual é incapaz de lidar. - Estes medos recaem numa ou mais catástrofes: (1) clínicas (e.g., SIDA, cancro, etc.); (2) emocionais (e.g., “loucura”, perda de controlo, etc.); e, (3) externas (e.g., catástrofes naturais, acidentes ou crimes, etc.).
Emaranhamento ou entrelaçamento / <i>Self</i> subdesenvolvido ou dependente	<ul style="list-style-type: none"> - Excessivo sentimento de proximidade, intimidade ou envolvimento emocional com uma ou mais pessoas significativas (habitualmente os pais), comprometendo assim, a sua identidade e autonomia pessoais e o seu desenvolvimento social. - Crença de que não consegue sobreviver ou ser feliz sem a ajuda constante de outros, sentindo-se oprimido ou fundido a eles. - A ausência de identidade atinge sensações de vazio, sufoco, desorientação e em casos graves, na dúvida sobre a própria existência.
Fracasso	<ul style="list-style-type: none"> - Crença de que fracassou, irá fracassar ou é significativamente inadequado perante as suas causas, os seus pares e em áreas de realização pessoal. - As crenças usualmente aliadas envolvem uma perceção de que é pouco inteligente, incompetente, sem talento e malsucedido.

Nota. Fontes: Adaptado de Marques (2010); Santana (2011); Young, *et al.* (2008).

Anexo 3. Características do Domínio III (Limites prejudicados ou indefinidos)

Quadro 4

Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio III.

EIDs	Características principais
Grandiosidade / Superioridade / Merecimento / Arrogo	<ul style="list-style-type: none"> - Convicção de se ser superior em relação aos outros, merecedor de direitos e privilégios especiais. - Negação ou dificuldade em se vincular às regras de reciprocidade que regulam as interações sociais, demonstrando falta de empatia ou de preocupação com as necessidades e os sentimentos alheios. - Procura de relações sociais distintas (sem necessidade de aprovação) que lhe permitam alcançar poder ou controlo. - Possibilidade de competição excessiva ou domínio sobre os outros.
Autocontrolo e autodisciplina insuficientes / Limites insuficientes ^a / Défice de autocontrolo	<ul style="list-style-type: none"> - Predominante incapacidade ou recusa de autocontrolo e de tolerância à frustração na procura dos seus objetivos. - Repressão de emoções e impulsos por dificuldade de os regular. - Possibilidade para fugir do desconforto escapando de confrontações, sofrimentos, conflitos, obrigações ou esforços que possam comprometer a sua satisfação pessoal.

Nota. Fontes: Adaptado de Marques (2010); Santana (2011); Young, *et al.* (2008).

^a Incorporada com o Autocontrolo e autodisciplina insuficientes, na versão atual do QE (Rijo, 2009, p. 54)

Anexo 4. Características do Domínio IV (Direcionamento ou orientação para o outro)

Quadro 5

Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio IV.

EIDs	Características principais
Subjugação / Falta de individualização / Sujeição	<ul style="list-style-type: none"> - Submissão excessiva e coagida ao controlo de outros, de forma a evitar a raiva, a retaliação ou o abandono. - Existe a subjugação de necessidades (e.g., supressão de desejos, necessidades, preferências e decisões) e a das emoções (e.g., anulação de expressões ou respostas emocionais, nomeadamente de raiva).
Autossacrifício	<ul style="list-style-type: none"> - Foco exacerbado no cumprimento voluntário das necessidades dos outros, provocado por uma grande sensibilidade à dor alheia, sacrificando por isso, a sua própria satisfação e bem-estar. - As razões basilares destas ações são: o evitamento de sentimentos de culpa decorrentes egoísmo, o impedimento da dor alheia, o medo de perder alguém que lhe parece indispensável. - Tenta manter a ligação emocional de forma a ver a sua autoestima aumentada.
Procura de aprovação / Reconhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupação exagerada com o <i>status</i> social, a aparência, dinheiro ou sucesso, para obter admiração, atenção, aprovação, reconhecimento, atenção ou enquadramento pelos outros, sacrificando o seu desenvolvimento pessoal seguro (sem pretensão de poder ou controlo). - Autoestima dependente da reação dos outros e não de si próprio. - Possibilidade de hipersensibilidade à rejeição.

Nota. Fontes: Adaptado de Marques (2010); Santana (2011); Young, *et al.* (2008).

Anexo 5. Características do Domínio V (Supervigilância e inibição)

Quadro 6

Caraterísticas principais dos EIDs do Domínio V.

EIDs	Características principais
<p>Negatividade / Pessimismo / Sanção / Vulnerabilidade ao erro / Culpa ^a</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Foco persistente e generalizado nos aspetos negativos da vida, minimizando ou negligenciando os aspetos positivos ou otimistas (e.g., a perda, culpa, ressentimento, traição, conflito, decepção, erros, problemas, etc.). - Convicção de que algo é mau ou dará errado mesmo em circunstâncias favorecidas. - Medo excessivo de cometer erros que levem a situações prejudiciais, fracasso financeiro e humilhação. - Em consequência da ressalva dos aspetos negativos, os comportamentos de vigilância, a preocupação constante, as reclamações ou contestações recorrentes e as indecisões, tornam-se condutas comuns.
<p>Inibição emocional / Medo de perder o controlo ^b</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Restrição excessiva das ações e emoções espontâneas, da partilha de sentimentos e do estabelecimento de comunicação, de modo a evitar, o descontrolo dos seus impulsos, a desaprovação ou crítica dos outros e os sentimentos de vergonha. - As áreas mais comuns incidem na: (1) inibição de impulsos positivos (alegria, excitação sexual, afeto); (2) inibição da agressão e da raiva; (3) dificuldade em se mostrar vulnerável ou demonstrar sentimentos e necessidades; e (4) destaque de racionalidade.
<p>Padrões elevados de realização, rígidos ou inflexíveis / Modelos de falta de compaixão / Crítica exagerada ou hipercriticismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Crença de que é necessário esforçar-se para atingir elevados padrões de desempenho e comportamento, de forma a evitar críticas, desaprovação ou vergonha. - Adoção de uma conduta crítica exagerada de si e dos outros, sentindo-se constantemente sob pressão, prejudicando relações satisfatórias, o seu prazer, descontração, autoestima e saúde. - Os padrões rígidos expressam-se através: (1) do perfeccionismo, subestimando o seu desempenho relativamente à norma e é excessivamente detalhista; (2) de regras rígidas e "obrigatórias", em várias áreas da vida (e.g., princípios ético-culturais, morais e religiosos irrealistas); e (3) da preocupação com o tempo e a eficiência, nomeadamente na quantidade de trabalho passível de realizar.
<p>Punitividade / Caráter punitivo / Autopunição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Convicção de que as pessoas devem ser severamente castigadas pelos seus erros. - Sentimentos de raiva, impaciência e intolerância com as pessoas que desconsideram as suas expectativas ou padrões. - Dificuldade em perdoar os seus erros e os alheios, por serem relutantes em considerar os atenuantes das imperfeições humanas ou por se fazerem solidários a sentimentos.

Nota. Fontes: Adaptado de Marques (2010); Santana (2011); Young, *et al.* (2008).

^a Incorporado com a Negatividade/Pessimismo, na versão atual do QE (Rijo, 2009, p. 26)

^b Incorporado com a Inibição Emocional, na versão atual do QE (Rijo, 2009, p. 26)

Anexo 6. EIDs e respostas mal-adaptativas no relacionamento amoroso

Quadro 7

Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), seu significado e, tipos de respostas mal-adaptativas nos relacionamentos amorosos.

EIDs	Significado	Respostas mal-adaptativas		
		Manutenção ou resignação	Evitação ou repressão	Compensação ou formação reativa
Abandono / Instabilidade	Falta de confiança nas pessoas disponíveis para apoio e união	Escolhe parceiros não confiáveis e não persistentes no relacionamento	Evita relações íntimas por receio do abandono	“Cola-se” e “asfixia” o parceiro
Desconfiança / Abuso	Convicção de ser humilhado, traído ou abusado pelos outros	Prefere pares abusivos e permite abuso	Não confia no par, não se entregando emocionalmente	“Usa e abusa” do par
Privação emocional	Expetativa de não ter as suas necessidades emocionais atendidas	Seleciona companheiros incapazes de satisfazer as suas necessidades emocionais	Evita relações completas e duradouras	Emocionalmente exigente, restringindo a vida relacional do parceiro
Defectividade / Vergonha	Sensação de ser falho, defectivo, imperfeito e indigno de amor	Elege parceiros exageradamente censores ou desqualificadores	Isola-se evitando a expressão genuína de pensamentos e sentimentos	Entende-se perfeito e crítica o parceiro
Isolamento social / Alienação	Sentimento de não pertença e de isolamento do mundo	Foca-se mais nas diferenças do que nas semelhanças do parceiro	Evita a proximidade afetiva	Faz de tudo para se ajustar ao parceiro (camaleão)
Dependência / Incompetência	Sentimento de inutilidade e incapacidade para lidar com responsabilidades quotidianas	Não age nem toma decisões sem consultar o parceiro nem decide	Evita situações nas e sobre as quais tenha de decidir algo	Decide algo que envolva o parceiro sem o consultar previamente
Vulnerabilidade ao dano/mal e à doença	Pavor de algo eminente e catastrófico acontecer	Receia conflitos na relação	Não aborda matérias polémicas com o parceiro	Fantasia a relação como inabalável
Emaranhamento / Self dependente	Excessivo envolvimento com a família de origem e ausência de identidade e autonomia pessoal	Não assume a sua função na vida a dois	Envolve-se pouco na relação	Demonstra uma autonomia aparente

Nota. Fonte: Adaptado de Young et al. (2008).

(continua)

Quadro 7 (cont.)

Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), seu significado e, tipos de respostas mal-adaptativas.

EIDs	Significado	Respostas mal-adaptativas		
		Manutenção ou resignação	Evitação ou repressão	Supercompensação ou formação reativa
Fracasso	Crença de falha perante as suas causas ou áreas de realização pessoal	Opta por parceiros rigorosos ou desqualificadores	Evita situações conflituosas	Rejeita a existência de problemas ou dificuldades na relação
Grandiosidade / Superioridade	Crença de ser superior e merecedor de privilégios ou direitos especiais	Assombra e constrange o par com as suas próprias realizações	Evita situações que o impeçam de ser superior ao par	Exageradamente galante para impressionar o par
Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes	Dificuldade em controlar as emoções e impulsos e baixa tolerância à frustração	Impulsivo e hostil no relacionamento	Evita eventos de confronto com o par por recear descontrolar-se	Autodomínio excessivo de impulsos e emoções
Subjugação	Submissão exagerada ao controlo e desejos dos outros para evitar a fúria, a represália ou o abandono	Devotação excessiva ao par descurando-se de si mesmo	Evita discordâncias com o par	Revolta-se contra o par e impõe os seus desejos
Autossacrifício	Foco exagerado no atendimento voluntário das necessidades dos outros	Entrega-se às necessidades e desejos do par por altruísmo	Evita situações em que os seus desejos sejam precedentes	Coloca-se no centro da relação contando com o autossacrifício do par
Procura de Aprovação	Autoestima dependente da reação dos outros e não de si próprio e, hipersensibilidade à rejeição	Entrega-se ao par de forma a impressioná-lo	Esquiva-se de parceiros cuja aprovação é cobiçada	Mantém-se em segundo plano na relação, esforçando-se para que o parceiro o desaprove
Negatividade / Pessimismo	Foco persistente e generalizado nos aspetos negativos da vida (e.g., perda, culpa, rancor, traição, conflito, etc)	Elege parceiros igualmente negativistas e preocupados	Prefere pares alegres e positivistas que lhe promovam o oposto dos seus sentimentos	Contraria exageradamente posturas negativas ou realidades desagradáveis que o par tenha ou cause
Inibição Emocional	Restrição excessiva de ações e emoções espontâneas e, da partilha de sentimentos comunicação	Prefere relacionamentos calmos e sem grandes emoções	Evita pares muito sentimentalistas ou conflituosos	Tenta de forma desajeitada e pouco espontânea, expressar-se como muito alegre por e com o outro

Nota. Fonte: Adaptado de Young et al. (2008).

(continua)

Quadro 7 (cont.)

Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), seu significado e, tipos de respostas mal-adaptativas.

EIDs	Significado	Respostas mal-adaptativas		
		Manutenção ou resignação	Evitação ou repressão	Supercompensação ou formação reativa
Padrões Rígidos	Adoção de uma conduta crítica exagerada de si e dos outros, sentindo-se constantemente sob pressão	Opta por relacionamentos que consegue dominar pelo perfeccionismo e, regras rígidas	Impede ou posterga situações ou tarefas nas quais possa ser julgado pelo par	Não se importa minimamente com o outro nem com regras, agindo de forma apressada e descuidade
Punitividade	Sentimentos de raiva, impaciência e intolerância com as pessoas que desconsideram as suas expectativas ou padrões	Resigna-se à vitimização perante os seus erros e, escolhe relacionamentos intolerantes aos punitivos, perfeccionistas e intolerantes aos erros	Evita o par de forma a evitar que este o castigue ou corrija	Exagera na tolerância, é muito empático e, desculpa excessivamente os erros do parceiro

Nota. Fonte: Adaptado de Young et al. (2008).

Anexo 7. Tipos de EPs

Quadro 8

Tipos e características dos Estilos Parentais de Baumrind (1966).

Tipo de Estilo Parental	Caraterísticas do Estilo Parental
<p style="text-align: center;">Autoritário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abrange pouco cuidado e comunicação, mas altos níveis de controlo e exigências de maturidade, estabelecendo e fazendo cumprir regras impostas sem qualquer participação da criança e do adolescente; - Caracteriza-se por pais rígidos, impositivos, hostis e autocráticos, que aplicam muitos limites e escasso afeto, procurando manter a ordem, a autoridade e o controlo familiares através de uma obediência (encarada como uma virtude) alcançada pela punição (verbal ou física); - Estes cuidadores não estimulam e nem valorizam os interesses, vontades e autonomia dos filhos, rejeitam qualquer questionamento ou opinião dos mesmos, não promovem qualquer comunicação, esperando que as regras sejam seguidas sem explicações adicionais e são muito pouco responsivos e por isso centrados em si próprios.
<p style="text-align: center;">Permissivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Engloba muito cuidado, mas poucas exigências de maturidade, controlo e comunicação; - Caracteriza-se por pais pouco limitadores mas muito afetuosos, que por não se verem como responsáveis pelo ensino e pela alteração de comportamentos dos seus filhos (sendo um recurso e não um modelo), permitem que estes expressem livremente as suas necessidades e aprendam por si próprios; - Estes cuidadores são excessivamente tolerantes e tendem a satisfazer qualquer demanda que a criança apresente, para além de não lhe estimularem o desenvolvimento da maturidade e da responsabilidade. - No estilo permissivo-negligente, os pais apresentam baixa responsividade e exigência, não se envolvendo nas suas funções de parentalidade (sendo ausentes) e desresponsabilizando-se gradualmente ao longo da vida da criança, satisfazendo apenas as necessidades básicas desta; formam famílias intolerantes, facilmente conflituosas e instáveis com separações e conciliações frequentes, intolerantes; - No permissivo-indulgente, os pais são muito responsivos, carinhosos e disponibilizados para responder às necessidades e vontades das crianças, não exigindo normas ou obrigações, nem agindo como modelos de comportamento; moldam famílias centradas nos filhos e assentes num grande apoio emocional oposto à diminuída estrutura positiva.

Nota. Fontes: Adaptado de Baumrind (1966, 1971, 1972, 1996, 1997); Bee (1996); Ceconello, Antoni, & Koller (2003); Costa, Teixeira, & Gomes (2000); Darling, & Steinberg (1993); Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg, & Ritter (1997); Maccoby, & Martin (1983); Oliveira et al. (2002); Weber, Brandenburg, & Viezzer (2003); e Weber, Selig, Bernardi, & Salvador (2006).

(continua)

Quadro 8 (cont.)

Tipos e características dos Estilos Parentais de Baumrind (1966).

Tipo de Estilo Parental	Caraterísticas do Estilo Parental
Autoritativo	<ul style="list-style-type: none">- Inclui elevados níveis das quatro dimensões (cuidado, controlo, comunicação e exigências de maturidade);- Caracteriza-se por pais afetuosos e disponíveis para atender as necessidades dos filhos, através de condutas racionais e intermédias entre as permissivas e autoritárias, despertando prosódias emocionais e comunicativas, permitindo amistosamente que os filhos participem das decisões e, estimulando argumentações, autonomia e disciplina através de uma aceitação recíproca de respeito, direitos, particularidades e compromissos assumidos, resultando numa imposição da disciplina de forma indutiva e participativa, que por sua vez evita o uso de métodos punitivos aquando da violação das regras;- Estes cuidadores instituem regras e padrões de comportamento, reforçando-os constantemente, supervisionam os comportamentos dos filhos, corrigindo os negativos e incentivando os positivos, esperam e reforçam a responsabilidade e a maturidade.- Estes pais mostram elevada responsividade e exigência, no sentido de entenderem as atitudes, opiniões, decisões e comportamentos dos filhos, participando centralmente na relação, com o objetivo de alcançar uma socialização e desenvolvimento saudáveis dos filhos.

Nota. Fontes: Adaptado de Baumrind (1966, 1971, 1972, 1996, 1997); Bee (1996); Ceconello, Antoni, & Koller (2003); Costa, Teixeira, & Gomes (2000); Darling, & Steinberg (1993); Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg, & Ritter (1997); Maccoby, & Martin (1983); Oliveira et al. (2002); Weber, Brandenburg, & Viezzer (2003); e Weber, Selig, Bernardi, & Salvador (2006).

Anexo 8. Consequências dos EPs nos filhos

Quadro 9

Consequências do tipo de Estilos Parentais nas crianças e/ou adolescentes.

Tipo de Estilo Parental	Consequências nas crianças e/ou adolescentes
Autoritário	<ul style="list-style-type: none"> - Agressividade e impulsividade - Altos níveis de depressão que podem perdurar pela vida futura - Baixa autoestima, autoconfiança, autonomia e criatividade - Escassa competência social - Hostis e agressivos perante figuras de autoridade quando sujeitos a coerção parental forte - Humor instável e pouco amigável - Menos sentimentos de alegria e espontaneidade - Moderada performance escolar/académica - Moral heterónima (com evitamento de castigos) - Possibilidade de desenvolver ansiedade - Usualmente sossegados e pacíficos
Permissivo-negligente	<ul style="list-style-type: none"> - Autoconceito negativista - Autoconfiança e autorresponsabilidade diminuídas - Autocontrolo e hétero-controlo empobrecido - Autoestima e autoeficácia reduzidas - Baixas habilidades sociais - Baixo rendimento escolar/académico - Estilo explicativo pessimista - Desenvolvimento de comportamentos antissociais (uso de drogas e álcool, contágios sexuais, furtos, agressões, ofensas, mentiras, etc.) - Desrespeito por regras e pelos outros - Identidade prostrada - Instabilidade emocional - Parca motivação - Pior performance em todas as áreas - Possibilidade de um desenvolvimento atrasado - Probabilidade maior de depressão e <i>stress</i> - Sentimentos de insegurança - Tendência para problemas afetivos
Permissivo-indulgente	<ul style="list-style-type: none"> - Alto risco de envolvimento com drogas no futuro, por ausência de regras e limites conhecidas - Baixo controlo da impulsividade e agressividade - Baixos níveis de depressão - Competência social reduzida - Consideração apenas por si próprios - Escassa capacidade de esforço - Extremamente mimados e sem limites - Farta alegria e vitalidade - Imaturidade - Maior propensão para se envolverem em problemas comportamentais - Motivação diminuída - Pior desempenho escolar/académico - Possibilidade de possuírem boa autoestima e boas habilidades sociais - Postura acriançada até à adultez

Nota. Fontes: Adaptado de Baumrind (1966); Ceconello, Antoni, & Koller (2003); Medina (1993); Darling & Steinberg (1993); Hutz & Bardagir (2006); Kasser, Koestner, & Lekes (2002); Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch (1991); Maccoby & Martin (1983); Paiva & Ronzani (2009); Domínguez & Juste (2002); Reichert & Wagner (2007); Ribas, Júnior, & Valente (2006); Teixeira & Lopes (2005); e, Weber, Brandenburg, & Viezzer (2003).

(continua)

Quadro 9 (cont.)

Consequências do tipo de Estilos Parentais nas crianças e/ou adolescentes.

Tipo de Estilo Parental	Consequências nas crianças e/ou adolescentes
Autoritativo ou democrático	<ul style="list-style-type: none">- Autoconceito realista- Autocontrole- Elevada alegria e espontaneidade- Elevada autorrealização- Motivação- Iniciativa- Maior competência em todos os níveis (alta autoestima, competências sociais, estilo de atribuição otimista, bom desempenho acadêmico e capacidade de resiliência elevada)- Moral autónoma- Presença de altruísmo e solidariedade (dentro e fora da família)- Responsabilidade e fidelidade a compromissos pessoais- Tendência à diminuição (em intensidade e frequência) de conflitos entre pais e filhos

Nota. Fontes: Adaptado de Baumrind (1966); Ceconello, Antoni, & Koller (2003); Medina (1993); Darling & Steinberg (1993); Hutz & Bardagir (2006); Kasser, Koestner, & Lekes (2002); Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch (1991); Maccoby & Martin (1983); Paiva & Ronzani (2009); Domínguez & Juste (2002); Reichert & Wagner (2007); Ribas, Júnior, & Valente (2006); Teixeira & Lopes (2005); e, Weber, Brandenburg, & Viezzer (2003).

Anexo 9. Questionário sociodemográfico (versão em papel)



Curso de Mestrado em Psicologia Especialidade Psicologia Clínica e da Saúde

Sexo: F M

Idade:

Escolaridade:

Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	Secundário	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>	Licenciatura	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>	Doutoramento	<input type="checkbox"/>

Profissão:

Neste momento tem uma relação amorosa?

Não Sim Heterossexual Homossexual

Estado Civil:

Casado/a União de Facto Divorciado/a
Namoro Outro

Em geral, qual o grau de satisfação com a sua relação amorosa?

Muito Insatisfeito Insatisfeito Relativamente Satisfeito
Satisfeito Muito Satisfeito

Quantas relações amorosas já teve?

Duração em média dos seus relacionamentos?

Dias Semanas Meses Anos

Anexo 10. Questionário sociodemográfico (versão *online*)

Curso de Mestrado em Psicologia
Especialidade Psicologia Clínica e da Saúde

Sexo:
 Feminino Masculino

Idade:

Escolaridade:
 Ensino Básico Secundário Bacharelato Licenciatura
 Mestrado Doutoramento

Profissão:

Neste momento tem uma relação amorosa?
 Não Sim Heterossexual Homossexual

Estado Civil:
 Casado/a
 União de facto
 Divorciado/a
 Namoro
 Outro

Em geral, qual o grau de satisfação com a sua relação amorosa?
 Muito Insatisfeito
 Insatisfeito
 Relativamente Satisfeito
 Satisfeito
 Muito Satisfeito

Quantas relações amorosas já teve?

Duração em média dos seus relacionamentos:
Dias Semanas Meses Anos

Vamos agora para os questionários.

Anexo 11. Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) (versão em papel)

INVENTÁRIO DE TIPOS DE RELACIONAMENTO AMOROSO (ITRA)

(Mesquita, 2011)

Por favor, leia atentamente as instruções:

O seguinte inventário foi construído para uma investigação que tem como objectivo principal conhecer diferentes tipos de relacionamento amoroso.

Leia atentamente cada afirmação e responda com sinceridade assinalando na escala o valor que melhor o caracteriza (com um círculo), tendo sempre em mente o seu comportamento num relacionamento amoroso.

Caso não tenha atualmente nenhum relacionamento amoroso, pense no último que teve, caso nunca tenha tido, imagine como será o seu comportamento.

Por favor confira se respondeu a todos os itens.

1. O(a) meu (minha) companheiro(a) não é o principal da minha vida.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

2. Aflige-me a ideia de que o(a) meu (minha) companheiro(a) não queira estar mais comigo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

3. As minhas relações amorosas não podem ser nem muito próximas nem muito distantes.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

4. Penso sempre que as relações amorosas raramente são boas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

5. Sei que até o(a) meu (minha) companheiro(a) tem inveja de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

6. Chamo sempre a atenção dos erros do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

7. Desiludo-me frequentemente com as relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

8. Acho difícil o(a) meu (minha) companheiro(a) encontrar-me defeitos.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

9. É frequente eu saltar de uma relação amorosa para outra.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

10. É importante para mim que o(a) meu (minha) companheiro(a) pense em mim em primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

11. É-me indiferente quando o(a) meu (minha) companheiro(a) não está disponível.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

12. Sinto-me muito melhor sem ninguém.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

13. Estou sempre disposto(a) a sacrificar o que eu quero em benefício do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

14. Eu e o(a) meu (minha) companheiro(a) somos como um só.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

15. Eu e o(a) meu (minha) companheiro(a) somos iguais na maioria dos aspetos.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

16. Eu gostava de ser como o(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

17. Existem aspetos da minha vida muito mais importantes do que a minha relação amorosa.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

18. Gosto de desfrutar "jogos de sedução" com várias pessoas ao mesmo tempo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

19. Gosto de levar o(a) meu (minha) companheiro(a) a satisfazer os meus desejos em primeiro lugar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

20. Na minha relação amorosa gosto de sentir que domino.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

21. Na minha relação, sou sempre eu que invisto mais.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

22. Na minha vida, as relações amorosas estão em último plano.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

23. Não gosto de ter relações nem muito sérias nem muito intensas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

24. Não gosto que o(a) meu (minha) companheiro(a) tenha qualidades superiores às minhas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

25. Não necessito de partilhar a minha vida com o(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

26. Não quero que o(a) meu (minha) companheiro(a) tenha muitas certezas sobre os meus sentimentos em relação a ele(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

27. Não sei o que faço da minha vida se a relação terminar.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

28. Nos meus relacionamentos amorosos considero-me sempre superior, pessoal e profissionalmente, ao(à) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

29. O meu desejo de proximidade afasta o(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

30. O que eu sou depende muito do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

31. O(a) meu (minha) companheiro(a) tem de estar disponível quando eu quero.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

32. Para mim, numa relação, é mais importante ser admirado pelo(a) companheiro(a) do que admirá-lo(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

33. Para nos entendermos o(a) meu (minha) companheiro(a) tem de se comportar como eu gosto.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

34. Preocupo-me muito com os sentimentos do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

35. Quando estamos em grupo, tenho de sobressair mais do que o(a) meu(minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

36. Quando não estou envolvido(a) amorosamente com ninguém, sinto-me mais eu próprio.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

37. Quando não preciso do(a) meu (minha) companheiro(a) para resolver problemas meus, sinto-me mais independente.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

38. Quando o(a) meu (minha) companheiro(a) começa a depender muito de mim, eu afasto-me.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

39. Quando tenho uma relação amorosa sinto-me mais confuso(a) acerca das minhas ideias e valores.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

40. Receio que se eu não for como o(a) meu (minha) companheiro(a) deseja, ele(a) deixe de gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

41. Recorro sempre ao meu (minha) companheiro(a) para resolver os meus problemas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

42. Se a minha relação amorosa terminar, envolvo-me rapidamente com outra pessoa.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

43. Sei que quando as minhas relações amorosas terminam é sempre por culpa minha.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

44. Sinto-me mais ansioso quando o(a) meu (minha) companheiro(a) quer estar muito próximo.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

45. Sinto-me mais importante quando o(a) meu (minha) companheiro(a) tem uma boa posição social.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

46. Sinto-me muito mais abatido(a) e triste quando não tenho um companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

47. Sinto-me vaidoso com o meu desempenho sexual.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

48. Sou eu quem termina as minhas relações amorosas.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

49. Sou superior ao(à) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

50. Tenho muito mais força para conseguir o que quero quando tenho o(a) meu (minha) companheiro(a) por perto.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

51. Tenho muito receio de perder o amor do(a) meu (minha) companheiro(a).

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

52. Tenho receio que se me der a conhecer o suficiente, o(a) meu (minha) companheiro(a) possa não gostar de mim.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

53. Ter um relacionamento amoroso não altera nada na minha vida.

Pouco típico no meu comportamento	1	2	3	4	5	Muito típico no meu comportamento
-----------------------------------	---	---	---	---	---	-----------------------------------

Obrigada pela colaboração!

Anexo 12. Inventário de Tipos de Relacionamento Amoroso (ITRA) (versão online)

http://app2.evalandgo.com/edit/print_content.php

Instruções

Por favor, leia atentamente cada afirmação e responda com sinceridade assinalando na escala o valor que melhor o caracteriza, tendo sempre em mente o seu comportamento num relacionamento amoroso.

Caso não tenha atualmente nenhum relacionamento amoroso, pense no último que teve, caso nunca tenha tido, imagine como será o seu comportamento.

1. O(a) meu(minha) companheiro(a) não é o principal da minha vida.

1 2 3 4 5

2. Aflige-me a ideia de que o(a) meu(minha) companheiro(a) não queira estar mais comigo.

1 2 3 4 5

3. As minhas relações amorosas não podem ser nem muito próximas nem muito distantes.

1 2 3 4 5

4. Penso sempre que as relações amorosas raramente são boas.

1 2 3 4 5

5. Sei que até o(a) meu(minha) companheiro(a) tem inveja de mim.

1 2 3 4 5

6. Chamo sempre a atenção dos erros do(a) meu(minha) companheiro(a).

1 2 3 4 5

7. Desiludo-me frequentemente com as relações amorosas.

- 1 2 3 4 5
8. Acho difícil o(a) meu(minha) companheiro(a) encontrar-me defeitos.
- 1 2 3 4 5
9. É frequente eu saltar de uma relação amorosa para outra.
- 1 2 3 4 5
10. É importante para mim que o(a) meu(minha) companheiro(a) pense em mim em primeiro lugar.
- 1 2 3 4 5
11. É-me indiferente quando o(a) meu (minha) companheiro(a) não está disponível.
- 1 2 3 4 5
12. Sinto-me muito melhor sem ninguém.
- 1 2 3 4 5
13. Estou sempre disposto(a) a sacrificar o que eu quero em benefício do(a) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
14. Eu e o(a) meu (minha) companheiro(a) somos como um só.
- 1 2 3 4 5
15. Eu e o(a) meu (minha) companheiro(a) somos iguais na maioria dos aspectos.
- 1 2 3 4 5

16. Eu gostava de ser como o(a) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
-
17. Existem aspectos da minha vida muito mais importantes do que a minha relação amorosa.
- 1 2 3 4 5
-
18. Gosto de desfrutar “jogos de sedução” com várias pessoas ao mesmo tempo.
- 1 2 3 4 5
-
19. Gosto de levar o(a) meu (minha) companheiro(a) a satisfazer os meus desejos em primeiro lugar.
- 1 2 3 4 5
-
20. Na minha relação amorosa gosto de sentir que domino.
- 1 2 3 4 5
-
21. Na minha relação, sou sempre eu que invisto mais.
- 1 2 3 4 5
-
22. Na minha vida, as relações amorosas estão em último plano.
- 1 2 3 4 5
-
23. Não gosto de ter relações nem muito sérias nem muito intensas.
- 1 2 3 4 5
-
24. Não gosto que o(a) meu (minha) companheiro(a) tenha qualidades superiores às minhas.
- 1 2 3 4 5
-

25. Não necessito de partilhar a minha vida com o(a) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
-
26. Não quero que o(a) meu (minha) companheiro(a) tenha muitas certezas sobre os meus sentimentos em relação a ele/a.
- 1 2 3 4 5
-
27. Não sei o que faço da minha vida se a relação terminar.
- 1 2 3 4 5
-
28. Nos meus relacionamentos amorosos considero-me sempre superior, pessoal e profissionalmente, ao(à) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
-
29. O meu desejo de proximidade afasta o(a) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
-
30. O que eu sou depende muito do(a) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
-
31. O(a) meu (minha) companheiro(a) tem de estar disponível quando eu quero.
- 1 2 3 4 5
-
32. Para mim, numa relação, é mais importante ser admirado pelo(a) companheiro(a) do que admirá-lo(a).
- 1 2 3 4 5
-
33. Para nos entendermos o(a) meu (minha) companheiro(a) tem de se comportar como eu gosto.

- 1 2 3 4 5
34. Preocupo-me muito com os sentimentos do(a) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
35. Quando estamos em grupo, tenho de sobressair mais do que o(a) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
36. Quando não estou envolvido(a) amorosamente com ninguém, sinto-me mais eu próprio.
- 1 2 3 4 5
37. Quando não preciso do(a) meu (minha) companheiro(a) para resolver problemas meus, sinto-me mais independente.
- 1 2 3 4 5
38. Quando o(a) meu (minha) companheiro(a) começa a depender muito de mim, eu afasto-me.
- 1 2 3 4 5
39. Quando tenho uma relação amorosa sinto-me mais confuso(a) acerca das minhas ideias e valores.
- 1 2 3 4 5
40. Receio que se eu não for como o(a) meu (minha) companheiro(a) deseja, ele/a deixe de gostar de mim.
- 1 2 3 4 5
41. Recorro sempre ao meu (minha) companheiro(a) para resolver os meus problemas.

- 1 2 3 4 5
42. Se a minha relação amorosa terminar, envolvo-me rapidamente com outra pessoa.
- 1 2 3 4 5
43. Sei que quando as minhas relações amorosas terminam é sempre por culpa minha.
- 1 2 3 4 5
44. Sinto-me mais ansioso quando o(a) meu (minha) companheiro(a) quer estar muito próximo.
- 1 2 3 4 5
45. Sinto-me mais importante quando o(a) meu (minha) companheiro(a) tem uma boa posição social.
- 1 2 3 4 5
46. Sinto-me muito mais abatido(a) e triste quando não tenho um companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
47. Sinto-me vaidoso com o meu desempenho sexual.
- 1 2 3 4 5
48. Sou eu quem termina as minhas relações amorosas.
- 1 2 3 4 5
49. Sou superior ao(à) meu (minha) companheiro(a).
- 1 2 3 4 5
50. Tenho muito mais força para conseguir o que quero quando tenho o(a) meu (minha)

companheiro(a) por perto.

- 1 2 3 4 5

51. Tenho muito receio de perder o amor do(a) meu (minha) companheiro(a).

- 1 2 3 4 5

52. Tenho receio que se me der a conhecer o suficiente, o(a) meu (minha) companheiro(a) possa não gostar de mim.

- 1 2 3 4 5

53. Ter um relacionamento amoroso não altera nada na minha vida.

- 1 2 3 4 5

Obrigada por ter respondido a este questionário, peço-lhe que continue a responder ao próximo.

Anexo 13. Questionário de Esquemas (QE) (versão em papel)

QUESTIONÁRIO DE ESQUEMAS

(J. Young e G. Brown, 1989)

(Tradução e Adaptação José Pinto Gouveia e Margarida Robalo, 1997)

INSTRUÇÕES

Estão indicadas a seguir algumas sentenças que podem ou não ajudar a pessoa na descrição de si mesma. Leia por favor cada uma delas e decida até que ponto se lhe ajusta e serve para o(a) descrever. Quando tiver dificuldade responda com base na emoção que sente e não no que racionalmente acredita ser ou não verdadeiro.

Se desejar pode reescrever a sentença por palavras suas de forma a ficar mais verdadeiro para o seu caso. Escolha de seguida, de 1 a 6 na escala de resposta, o grau que melhor descrever ao longo da sua vida a sua forma mais habitual de ser e coloque o número no espaço indicado pelo traço.

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

EXEMPLO

Preocupo-me que as pessoas de quem eu gosto, não gostem de mim. _____5_____

PRESTE ATENÇÃO POR FAVOR

Ao decidir se uma sentença é característica da sua maneira habitual de encarar as coisas, lembre-se como você é a maior das vezes, isto é, a sua maneira de ser habitual e não o seu estado de espírito de momento. Porque as pessoas são diferentes não há respostas certas ou erradas. Procure responder de uma forma verdadeira, rápida e espontânea a cada questão.

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

A. I.

1. Não consigo fazer a minha vida sem ajuda dos outros. _____
2. Preciso da ajuda das outras pessoas. _____
3. Sinto que não consigo resolver os meus problemas sozinho. _____
4. Acredito que os outros sabem melhor que eu tomar conta de mim. _____
5. Preciso da orientação de outra pessoa sempre que tenho de lidar com uma situação nova. _____
6. Vejo-me como uma pessoa dependente. _____

A. II.

7. Não interfiro na maneira de ser das outras pessoas. _____
8. Sinto que se fizer o que quero vou arranjar sarilhos. _____
9. Sinto que não tenho outro remédio senão fazer a vontade dos outros. _____
10. Ponho os interesses dos outros antes dos meus. _____
11. Nas minhas relações com os outros deixo que estes me dominem. _____
12. É-me difícil ser eu mesmo quando estou com os outros. _____
13. Na verdade não sei o que quero. _____
14. Não posso mostrar-me zangado porque os outros não vão aceitar isso ou vão rejeitar-me. _____
15. Sinto que as decisões importantes da minha vida não foram na realidade tomadas por mim. _____
16. Pensar que posso deixar mal as pessoas ou que as posso desapontar faz-me sentir culpado. _____
17. Dou mais aos outros do que recebo. _____
18. Preocupo-me em agradar aos outros. _____
19. Por vezes sinto crescer em mim raiva e ressentimento que não exprimo. _____
20. Tenho imenso trabalho em conseguir que os meus sentimentos sejam tomados em consideração e os meus direitos sejam respeitados. _____

A. III.

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

21. Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer. _____
22. Sinto que uma desgraça (natural, criminoso, financeira ou de saúde) pode atingir-me em qualquer momento. _____
23. Tenho medo de me tornar um vadio ou um marginal. _____
24. Tenho medo de ser atacado. _____
25. Tenho muito cuidado com o dinheiro porque de outra maneira posso acabar na miséria. _____
26. Tenho os maiores cuidados para evitar adoecer ou magoar-me. _____
27. Preocupo-me em perder todo o dinheiro que tenho e ficar na miséria. _____
28. Estou preocupado com a ideia de ter uma doença grave apesar de o médico me ter dito que não tinha nada de grave. _____
29. Sou uma pessoa medrosa. _____
30. Prefiro jogar pelo seguro ou fazer as coisas da maneira habitual do que correr o risco do inesperado. _____
31. Penso muito nas coisas más que acontecem no mundo: crime, poluição, violência, ... _____

A. IV.

32. Tenho medo de perder o controlo sobre as minhas ações _____
33. Sinto com frequência que posso enlouquecer _____
34. Sinto com frequência que vou ter um ataque de ansiedade. _____
35. Preocupa-me poder corar ou suar em frente de outras pessoas. _____
36. Sinto-me muitas vezes à beira de gritar descontroladamente. _____
37. Preocupa-me não ser capaz de resistir aos meus impulsos sexuais. _____
38. Preocupa-me poder magoar fisicamente ou emocionalmente alguém no caso de não conseguir dominar a minha raiva (cólera). _____
39. Sinto que tenho de controlar as minhas ações e impulsos porque senão alguma coisa de mal pode acontecer. _____

L. V.

40. Não tenho ninguém que satisfaça as minhas necessidades. _____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

41. Não consigo amor e atenção suficientes. _____
42. Não tenho ninguém em quem confiar para um conselho ou apoio emocional. _____
43. Não tenho ninguém que trate de mim, que partilhe comigo sua vida, ou que se preocupe verdadeiramente com tudo o que me acontece. _____
44. Não tenho ninguém que queira aproximar-se de mim, nem que queira passar muito tempo comigo. _____
45. Podia desaparecer da face da terra que ninguém dava pela minha falta. _____
46. As minhas relações são muito superficiais. _____
47. Sinto que não sou uma pessoa especial para ninguém. _____
48. Na realidade ninguém me ouve, ninguém me compreende ou está interessado nos meus verdadeiros sentimentos e necessidades. _____

L. VI.

49. Estou destinado a ficar só o resto da minha vida. _____
50. Preocupo-me que alguém que amo possa morrer em breve, mesmo quando há poucas razões que o justifiquem. _____
51. Sinto que me agarro às pessoas que estão perto de mim. _____
52. Preocupo-me que as pessoas que estão perto de mim me deixem ou me abandonem. _____
53. Sinto que me falta uma base estável de apoio emocional. _____
54. Acho que as minhas relações importantes não vão durar e estou sempre à espera que acabem. _____

L. VII.

55. Sinto que a maior parte das pessoas está sempre disposta a magoar-me e a tirar partido de mim. _____
56. Tenho de me proteger dos ataques e das desconsiderações das outras pessoas. _____
57. A melhor maneira de evitar ser magoado é atacar primeiro. _____
58. Sinto que tenho de me vingar da maneira como as pessoas me trataram. _____
59. Sinto que tenho que me defender sempre que estou na presença de outras pessoas. _____
60. Quando alguém é simpático penso logo que quer alguma coisa de mim. _____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

61. Há sempre alguém que mais tarde ou mais cedo acaba por me trair. _____

62. A maioria das pessoas só pensa nelas. _____

63. Tenho muita dificuldade em confiar nos outros. _____

64. Sou muito desconfiado acerca das razões das outras pessoas. _____

L. VIII.

65. Sinto-me um desajustado. _____

66. Sou fundamentalmente diferente dos outros. _____

67. Sinto que estou a mais; sou um solitário. _____

68. Sinto-me separado dos outros. _____

69. Sinto-me isolado e só. _____

V. IX.

70. Nenhum homem/mulher de quem eu goste poderá gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos. _____

71. Ninguém de quem eu goste gostaria de ficar comigo depois de me conhecer. _____

72. Sou fundamentalmente uma pessoa cheia de imperfeições e de defeitos. _____

73. Por mais que tente não consigo que nenhum homem/mulher, importante para mim, me respeite ou sinta que tenho algum valor. _____

74. Não mereço nem o amor, nem a atenção nem o respeito dos outros. _____

V. X.

75. Não sou sexualmente atraente. _____

76. Sou muito gordo/a. _____

77. Sou feio/a. _____

78. Não consigo manter uma conversa interessante. _____

79. Não sou uma pessoa interessante e em sociedade as pessoas acham-me aborrecido/a. _____

80. As pessoas a quem dou valor não gostariam da minha companhia por causa do meu estatuto social (rendimento, educação, carreira, etc.). _____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

81. Nunca sei o que é que hei-de dizer em sociedade. _____

82. As pessoas não gostam de me incluir nos seus grupos. _____

V. XI.

83. Nunca faço as coisas tão bem como os outros. _____

84. Sou incompetente. _____

85. A maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu. _____

86. Estrago tudo o que tento fazer. _____

87. Sou um incapaz. _____

88. Sou um fracassado. _____

89. Sempre que confio no meu critério tomo a decisão errada. _____

90. Não tenho senso comum (bom senso, senso nenhum)... _____

91. Não tenho confiança nas minhas decisões. _____

V. XII.

92. No fundo sou uma pessoa má. _____

93. Mereço ser castigado. _____

94. Não mereço ser feliz. _____

95. Quando cometo um erro mereço ser severamente criticado e punido. _____

96. Não devo desculpar-me pelos meus erros ou fugir das minhas responsabilidades. _____

97. Sinto-me muito culpado dos erros que cometi. _____

98. Por mais que tente, em determinados aspetos sou incapaz de viver de acordo com os meus princípios religiosos ou morais. _____

99. Muitas vezes sinto-me culpado sem saber porquê. _____

V. XIII.

100. Sinto-me envergonhado pelos meus defeitos. _____

101. Sou tão inferior que não posso mostrar as minhas falhas aos outros. _____

102. Sinto que não conseguiria enfrentar os outros se eles descobrissem os

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

- meus defeitos. _____
103. Sinto-me muitas vezes embaraçado quando estou com outras pessoas porque não me sinto à altura delas. _____
104. Tenho demasiada consciência de mim sempre que estou com os outros. _____

V. XIV.

105. Tenho de ser o melhor em quase tudo o que faço, não aceito ficar em segundo lugar. _____
106. Luto por manter quase tudo numa ordem perfeita. _____
107. Tenho de parecer o melhor possível na maior parte do tempo. _____
108. Tenho de fazer o melhor, não chega ser suficientemente bom. _____
109. **Tenho** tanta coisa para fazer que quase não tenho tempo para descansar _____
110. Quase nada do que faço é suficientemente bom; posso sempre fazer melhor. _____
111. Tenho de estar à altura das minhas responsabilidades. _____
112. Sinto sobre mim uma pressão constante para realizar coisas e alcançar objetivos. _____
113. O meu relacionamento com as pessoas ressentem-se com o facto de exigir demais de mim mesmo. _____
114. Prejudico a minha saúde por andar sempre numa tensão enorme para fazer as coisas bem-feitas. _____
115. Sacrifico com frequência o prazer e a felicidade para atingir os meus níveis de exigência. _____

V. XV.

116. Tenho muita dificuldade em aceitar um não por resposta quando quero alguma coisa dos outros. _____
117. Fico com frequência zangado ou irritado se não consigo o que quero. _____
118. Sou uma pessoa especial e não devia ser obrigado a aceitar muitas das restrições que são impostas aos outros. _____
119. Detesto ser constrangido ou impedido de fazer o que quero. _____
120. Tenho muita dificuldade em aceitar aspetos da minha vida que não são como eu quero que sejam, se bem que objetivamente a minha vida seja boa. _____

ESCALA DE RESPOSTA

1. Não descreve de maneira nenhuma a minha maneira de ser.
2. Acontece algumas vezes mas é pouco característico da minha maneira de ser.
3. Acontece neste momento mas não costumava acontecer no passado.
4. Descreve de um modo bastante característico e frequente a minha maneira de ser.
5. Descreve de um modo muito característico a minha maneira de ser, verdadeiro a maior parte do tempo.
6. Descreve de um modo muitíssimo característico a minha maneira de ser, acontece constantemente.

121. Tenho muita dificuldade em conseguir parar de beber, ou de fumar, ou de comer demasiado. _____

122. Acho que não sou capaz de me sujeitar à rotina ou de fazer tarefas aborrecidas. _____

123. Muitas vezes permito-me agir por impulso e exprimir emoções que originam problemas ou magoam as outras pessoas. _____

Obrigada pela colaboração!

Anexo 14. Questionário de Esquemas (QE) (versão *online*)

http://app2.evalandgo.com/edit/print_content.php

1. Não consigo fazer a minha vida sem ajuda dos outros.
2. Preciso da ajuda das outras pessoas.
3. Sinto que não consigo resolver os meus problemas sozinho.
4. Acredito que os outros sabem melhor que eu tomar conta de mim.
5. Preciso da orientação de outra pessoa sempre que tenho de lidar com uma situação nova.
6. Vejo-me como uma pessoa dependente.
7. Não interfiro na maneira de ser das outras pessoas.
8. Sinto que se fizer o que quero vou arranjar sarilhos
9. Sinto que não tenho outro remédio senão fazer a vontade dos outros.
10. Ponho os interesses dos outros antes dos meus.
11. Nas minhas relações com os outros deixo que estes me dominem.
12. É-me difícil ser eu mesmo quando estou com os outros

-
13. Na verdade não sei o que quero.
-
14. Não posso mostrar-me zangado porque os outros não vão aceitar isso ou vão rejeitar-me.
-
15. Sinto que as decisões importantes da minha vida não foram na realidade tomadas por mim.
-
16. Pensar que posso deixar mal as pessoas ou que as posso desapontar faz-me sentir culpado.
-
17. Dou mais aos outros do que recebo.
-
18. Preocupo-me em agradar aos outros.
-
19. Por vezes sinto crescer em mim raiva e ressentimento que não exprimo.
-
20. Tenho imenso trabalho em conseguir que os meus sentimentos sejam tomados em consideração e os meus direitos sejam respeitados.
-
21. Não consigo deixar de sentir que alguma coisa de mal está para acontecer.
-
22. Sinto que uma desgraça (natural, criminosa, financeira ou de saúde) pode atingir-me em qualquer momento.
-
23. Tenho medo de me tornar um vadio ou um marginal.

-
24. Tenho medo de ser atacado.
-
25. Tenho muito cuidado com o dinheiro porque de outra maneira posso acabar na miséria.
-
26. Tenho os maiores cuidados para evitar adoecer ou magoar-me.
-
27. Preocupo-me em perder todo o dinheiro que tenho e ficar na miséria.
-
28. Estou preocupado com a ideia de ter uma doença grave apesar de o médico me ter dito que não tinha nada de grave.
-
29. Sou uma pessoa medrosa.
-
30. Prefiro jogar pelo seguro ou fazer as coisas da maneira habitual do que correr o risco do inesperado.
-
31. Penso muito nas coisas más que acontecem no mundo: crime, poluição, violência, ...
-
32. Tenho medo de perder o controlo sobre as minhas ações.
-
33. Sinto com frequência que posso enlouquecer.
-
34. Sinto com frequência que vou ter um ataque de ansiedade.

-
35. Preocupa-me poder corar ou suar em frente de outras pessoas.
-
36. Sinto-me muitas vezes à beira de gritar descontroladamente.
-
37. Preocupa-me não ser capaz de resistir aos meus impulsos sexuais.
-
38. Preocupa-me poder magoar fisicamente ou emocionalmente alguém no caso de não conseguir dominar a minha raiva (cólera).
-
39. Sinto que tenho de controlar as minhas ações e impulsos porque senão alguma coisa de mal pode acontecer.
-
40. Não tenho ninguém que satisfaça as minhas necessidades.
-
41. Não consigo amor e atenção suficientes.
-
42. Não tenho ninguém em quem confiar para um conselho ou apoio emocional.
-
43. Não tenho ninguém que trate de mim, que partilhe comigo sua vida, ou que se preocupe verdadeiramente com tudo o que me acontece.
-
44. Não tenho ninguém que queira aproximar-se de mim, nem que queira passar muito tempo comigo.
-

45. Podia desaparecer da face da terra que ninguém dava pela minha falta.
46. As minhas relações são muito superficiais.
47. Sinto que não sou uma pessoa especial para ninguém.
48. Na realidade ninguém me ouve, ninguém me compreende ou está interessado nos meus verdadeiros sentimentos e necessidades.
49. Estou destinado a ficar só o resto da minha vida.
50. Preocupo-me que alguém que amo possa morrer em breve, mesmo quando há poucas razões que o justifiquem.
51. Sinto que me agarro às pessoas que estão perto de mim.
52. Preocupo-me que as pessoas que estão perto de mim me deixem ou me abandonem.
53. Sinto que me falta uma base estável de apoio emocional.
54. Acho que as minhas relações importantes não vão durar e estou sempre à espera que acabem.
55. Sinto que a maior parte das pessoas está sempre disposta a magoar-me e a tirar partido de mim.

-
56. Tenho de me proteger dos ataques e das desconsiderações das outras pessoas.
-
57. A melhor maneira de evitar ser magoado é atacar primeiro.
-
58. Sinto que tenho de me vingar da maneira como as pessoas me trataram.
-
59. Sinto que tenho que me defender sempre que estou na presença de outras pessoas.
-
60. Quando alguém é simpático penso logo que quer alguma coisa de mim.
-
61. Há sempre alguém que mais tarde ou mais cedo acaba por me trair.
-
62. A maioria das pessoas só pensa nelas.
-
63. Tenho muita dificuldade em confiar nos outros.
-
64. Sou muito desconfiado acerca das razões das outras pessoas
-
65. Sinto-me um desajustado.
-
66. Sou fundamentalmente diferente dos outros.
-

67. Sinto que estou a mais; sou um solitário.

68. Sinto-me separado dos outros.

69. Sinto-me isolado e só.

70. Nenhum homem/mulher de quem eu goste poderá gostar de mim depois de conhecer os meus defeitos.

71. Ninguém de quem eu goste gostaria de ficar comigo depois de me conhecer.

72. Sou fundamentalmente uma pessoa cheia de imperfeições e de defeitos.

73. Por mais que tente não consigo que nenhum homem/mulher, importante para mim, me respeite ou sinta que tenho algum valor.

74. Não mereço nem o amor, nem a atenção nem o respeito dos outros.

75. Não sou sexualmente atraente

76. Sou muito gordo/a.

77. Sou feio/a.

78. Não consigo manter uma conversa interessante.
79. Não sou uma pessoa interessante e em sociedade as pessoas acham-me aborrecido/a.
80. As pessoas a quem dou valor não gostariam da minha companhia por causa do meu estatuto social (rendimento, educação, carreira, etc.).
81. Nunca sei o que é que hei-de dizer em sociedade.
82. As pessoas não gostam de me incluir nos seus grupos.
83. Nunca faço as coisas tão bem como os outros.
84. Sou incompetente.
85. A maioria das pessoas tem mais capacidades do que eu.
86. Estrago tudo o que tento fazer.
87. Sou um incapaz.
88. Sou um fracassado.
89. Sempre que confio no meu critério tomo a decisão errada.

-
90. Não tenho senso comum (bom senso, senso nenhum)...
-
91. Não tenho confiança nas minhas decisões.
-
92. No fundo sou uma pessoa má.
-
93. Mereço ser castigado.
-
94. Não mereço ser feliz.
-
95. Quando cometo um erro mereço ser severamente criticado e punido.
-
96. Não devo desculpar-me pelos meus erros ou fugir das minhas responsabilidades.
-
97. Sinto-me muito culpado dos erros que cometi.
-
98. Por mais que tente, em determinados aspectos sou incapaz de viver de acordo com os meus princípios religiosos ou morais.
-
99. Muitas vezes sinto-me culpado sem saber porquê.
-
100.
Sinto-me envergonhado pelos meus defeitos.

101.

Sou tão inferior que não posso mostrar as minhas falhas aos outros.

102.

Sinto que não conseguiria enfrentar os outros se eles descobrissem os meus defeitos.

103.

Sinto-me muitas vezes embaraçado quando estou com outras pessoas porque não me sinto à altura delas.

104.

Tenho demasiada consciência de mim sempre que estou com os outros.

105.

Tenho de ser o melhor em quase tudo o que faço, não aceito ficar em segundo lugar.

106.

Luto por manter quase tudo numa ordem perfeita.

107.

Tenho de parecer o melhor possível na maior parte do tempo.

108.

Tenho de fazer o melhor, não chega ser suficientemente bom.

109.

Tenho tanta coisa para fazer que quase não tenho tempo para descansar.

110.

Quase nada do que faço é suficientemente bom; posso sempre fazer melhor.

111.

Tenho de estar à altura das minhas responsabilidades.

112.

Sinto sobre mim uma pressão constante para realizar coisas e alcançar objectivos.

113.

O meu relacionamento com as pessoas ressentem-se com o facto de exigir demais de mim mesmo.

114.

Prejudico a minha saúde por andar sempre numa tensão enorme para fazer as coisas bem-feitas.

115.

Sacrifico com frequência o prazer e a felicidade para atingir os meus níveis de exigência.

116.

Tenho muita dificuldade em aceitar um não por resposta quando quero alguma coisa dos outros.

117.

Fico com frequência zangado ou irritado se não consigo o que quero.

118.

Sou uma pessoa especial e não devia ser obrigado a aceitar muitas das restrições que são impostas aos outros.

119.

Detesto ser constrangido ou impedido de fazer o que quero.

120.

Tenho muita dificuldade em aceitar aspectos da minha vida que não são como eu quero que sejam, se bem que objectivamente a minha vida seja boa.

121.

Tenho muita dificuldade em conseguir parar de beber, ou de fumar, ou de comer demasiado.

122.

Acho que não sou capaz de me sujeitar à rotina ou de fazer tarefas aborrecidas.

123.

Muitas vezes permito-me agir por impulso e exprimir emoções que originam problemas ou magoam as outras pessoas.

Anexo 15. Questionário de Esquemas Parentais (QEP) (versão em papel)

QUESTIONÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS

Desenvolvido por Jeffrey Young
(Traduzido e adaptado por M. C. Salvador, D. Rijo e J. Pinto Gouveia)

INSTRUÇÕES

Estão indicadas a seguir algumas afirmações que, pode utilizar para descrever os seus pais. Por favor, leia cada uma das afirmações e decida até que ponto ela os descreve. Escolha, de entre as seis respostas possíveis, aquela que melhor descreve a sua mãe e o seu pai, quando você era criança, colocando o respetivo número no espaço em branco. Caso um dos seus pais tenha sido substituído por outra pessoa, responda tendo em conta essa pessoa. Se não teve pai ou mãe, deixe a coluna correspondente em branco.

ESCALA DE RESPOSTA

- 1 = Completamente falso / Não tem absolutamente nada a ver com o que acontecia comigo.
2 = Falso na maioria das vezes / Não tem quase nada a ver com o que acontecia comigo.
3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso / Tem ligeiramente a ver com o que acontecia comigo
4 = Moderadamente verdadeiro / Tem moderadamente a ver com o que acontecia comigo.
5 = Verdadeiro a maioria das vezes / Tem muito a ver com o que acontecia comigo.
6 = Descreve-a(o) perfeitamente / Tem tudo a ver com o que acontecia comigo.

MÃE	PAI	DESCRIÇÃO
_____	_____	1. Gostava de mim e tratava-me como uma pessoa especial.
_____	_____	2. Prestava-me atenção, passando bastante tempo comigo.
_____	_____	3. Dava-me conselhos e orientações úteis.
_____	_____	4. Ouvia-me, compreendia-me e partilhava sentimentos comigo.
_____	_____	5. Era calorosa(o) e fisicamente afetuosa(o). *pe
_____	_____	6. Morreu ou abandonou a casa permanentemente quando eu era criança.
_____	_____	7. Tinha mau humor, era imprevisível ou era alcoólica(o).
_____	_____	8. Preferia os meus irmãos a mim.
_____	_____	9. Isolava-se ou deixava-me sozinho por longos períodos de tempo.*ab
_____	_____	10. Mentia-me, enganava-me ou traía-me.
_____	_____	11. Abusava física, emocional ou sexualmente de mim.
_____	_____	12. Usava-me para satisfazer as suas necessidades emocionais.
_____	_____	13. Parecia ter prazer em magoar os outros. *da

ESCALA DE RESPOSTA

1 = Completamente falso / Não tem absolutamente nada a ver com o que acontecia comigo.

2 = Falso na maioria das vezes / Não tem quase nada a ver com o que acontecia comigo.

3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso / Tem ligeiramente a ver com o que acontecia comigo

4 = Moderadamente verdadeiro / Tem moderadamente a ver com o que acontecia comigo.

5 = Verdadeiro a maioria das vezes / Tem muito a ver com o que acontecia comigo.

6 = Descreve-a(o) perfeitamente / Tem tudo a ver com o que acontecia comigo.

MÃE PAI

DESCRIÇÃO

- | | | | |
|-------|-------|---|------------|
| _____ | _____ | 14. Preocupava-se excessivamente com o facto de eu me poder magoar. | |
| _____ | _____ | 15. Preocupava-se excessivamente com o facto de eu poder ficar doente. | |
| _____ | _____ | 16. Era uma pessoa medrosa ou fóbica. | |
| _____ | _____ | 17. Sobreprotegia-me. | *vu |
| _____ | _____ | 18. Fazia-me sentir que eu não podia confiar nas minhas decisões nem opiniões. | |
| _____ | _____ | 19. Fazia as coisas por mim em vez de me deixar tentar fazê-las sozinho. | |
| _____ | _____ | 20. Tratava-me como se eu fosse mais novo do que realmente era. | *di |
| _____ | _____ | 21. Criticava-me bastante. | |
| _____ | _____ | 22. Não me fazia sentir amado ou fazia-me sentir rejeitado. | |
| _____ | _____ | 23. Tratava-me como se houvesse algo de errado comigo. | |
| _____ | _____ | 24. Fazia-me ter vergonha de mim próprio em aspetos importantes. | *dv |
| _____ | _____ | 25. Nunca me ensinou a ter a disciplina suficiente para ser bem-sucedido na escola. | |
| _____ | _____ | 26. Tratava-me como se eu fosse estúpido ou não tivesse jeito para nada. | |
| _____ | _____ | 27. No fundo, não queria que eu fosse bem-sucedido. | |
| _____ | _____ | 28. Esperava que eu fosse um fracasso na vida. | *fr |
| _____ | _____ | 29. Tratava-me como se as minhas opiniões ou desejos não contassem. | |
| _____ | _____ | 30. Fazia o que queria, independentemente das minhas necessidades. | |
| _____ | _____ | 31. Controlava tanto a minha vida que eu tinha pouca liberdade de escolha. | |
| _____ | _____ | 32. Tudo tinha que ser como ela(e) queria. | *sb |
| _____ | _____ | 33. Sacrificava as suas necessidades para o bem da família. | |
| _____ | _____ | 34. Era incapaz de lidar com a maior parte das responsabilidades diárias, de maneira que eu tinha que fazer mais que a minha parte. | |
| _____ | _____ | 35. Era bastante infeliz e apoiava-se em mim para a(o) confortar e compreender. | |
| _____ | _____ | 36. Fazia-me sentir que eu era forte e que devia cuidar dos outros. | *as |

ESCALA DE RESPOSTA

1 = Completamente falso / Não tem absolutamente nada a ver com o que acontecia comigo.
2 = Falso na maioria das vezes / Não tem quase nada a ver com o que acontecia comigo.
3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso / Tem ligeiramente a ver com o que acontecia comigo
4 = Moderadamente verdadeiro / Tem moderadamente a ver com o que acontecia comigo.
5 = Verdadeiro a maioria das vezes / Tem muito a ver com o que acontecia comigo.
6 = Descreve-a(o) perfeitamente / Tem tudo a ver com o que acontecia comigo.

MÃE PAI

DESCRIÇÃO

- _____ _____ 37. Tinha expectativas muito elevadas em relação a si própria(o).
- _____ _____ 38. Esperava que eu fizesse sempre o meu melhor.
- _____ _____ 39. Era perfeccionista em muitas áreas; as coisas tinham que ser daquela maneira e não doutra.
- _____ _____ 40. Fazia-me sentir que quase nada do que eu fazia era suficientemente bom.
- _____ _____ 41. Tinha regras rígidas e estritas acerca do que era correto e do que era errado.
- _____ _____ 42. Ficava impaciente se as coisas não fossem feitas da forma adequada ou suficientemente rápida.
- _____ _____ 44. Estragou-me com mimos ou era demasiado indulgente em muitos aspetos.
- _____ _____ 45. Fazia-me sentir que eu era especial, melhor que a maioria das outras pessoas.
- _____ _____ 46. Era exigente; esperava que as coisas corressem à sua maneira.
- _____ _____ 47. Não me ensinou que eu tinha responsabilidades para com os outros. ***gr**
- _____ _____ 48. Forneceu-me muito pouca disciplina ou limites.
- _____ _____ 49. Estabeleceu-me poucas regras ou responsabilidades.
- _____ _____ 50. Permitia-me ficar muito zangado ou perder o controlo.
- _____ _____ 51. Era uma pessoa indisciplinada. ***ai**
- _____ _____ 52. Éramos tão chegados que nos compreendíamos um ao outro de uma maneira quase perfeita.
- _____ _____ 53. Eu sentia que não tinha uma individualidade suficiente, não me sentindo eu próprio separado dela(e).
- _____ _____ 54. Ao longo do meu crescimento, tinha a sensação que não tinha o meu próprio sentido de orientação de tal forma estava ligado a ela(e).
- _____ _____ 55. Eu sentia que nos magoariamos um ao outro se algum de nós nos afastasse do outro. ***o**

ESCALA DE RESPOSTA

1 = Completamente falso / Não tem absolutamente nada a ver com o que acontecia comigo.

2 = Falso na maioria das vezes / Não tem quase nada a ver com o que acontecia comigo.

3 = Ligeiramente mais verdadeiro do que falso / Tem ligeiramente a ver com o que acontecia comigo

4 = Moderadamente verdadeiro / Tem moderadamente a ver com o que acontecia comigo.

5 = Verdadeiro a maioria das vezes / Tem muito a ver com o que acontecia comigo.

6 = Descreve-a(o) perfeitamente / Tem tudo a ver com o que acontecia comigo.

MÃE PAI

DESCRIÇÃO

- | | | | |
|-------|-------|--|--------------|
| _____ | _____ | 56. Preocupava-me muito com os problemas financeiros da família. | |
| _____ | _____ | 57. Fazia-me sentir que se eu cometesse um erro, mesmo que pequeno, algo de mal poderia acontecer. | |
| _____ | _____ | 58. Tinha uma perspetiva pessimista; esperava frequentemente o pior resultado. | |
| _____ | _____ | 59. Focava-se nos aspetos negativos da vida ou nas coisas que estavam a correr mal. | *n/ve |
| _____ | _____ | 60. Tinha que ter tudo sob controlo. | |
| _____ | _____ | 61. Sentia-se desconfortável ao exprimir afeto ou vulnerabilidade. | |
| _____ | _____ | 62. Era estruturada(o) e organizada(o); preferia o que era habitual à mudança. | |
| _____ | _____ | 63. Raramente expressava raiva. | |
| _____ | _____ | 64. Era reservada(o); raramente discutia os seus sentimentos. | |
| _____ | _____ | 65. Zangar-se-ia ou seria bastante crítica(o) se eu fizesse algo errado. | |
| _____ | _____ | 66. Punir-me-ia se eu fizesse algo errado. | |
| _____ | _____ | 67. Chamar-me-ia nomes (como por exemplo "estúpido" ou "idiota") se eu cometesse algum erro. | |
| _____ | _____ | 68. Culpava as pessoas quando as coisas corriam mal. | *pu |
| _____ | _____ | 69. Preocupava-se com as aparências e o estatuto social. | |
| _____ | _____ | 70. Dava muita importância ao sucesso e à competição. | |
| _____ | _____ | 71. Preocupava-se com o que os outros pensariam dela(e) por causa do meu comportamento. | |
| _____ | _____ | 72. Parecia dar-me mais atenção quando eu sobressaía. | *par |

Obrigada pela colaboração!

Anexo 16. Questionário de Estilos Parentais (QEP) (versão *online*)

http://app2.evalandgo.com/edit/print_content.php

Instruções

Por favor, preencha este formulário, onde estão indicadas algumas afirmações que, pode utilizar para descrever os seus pais.

Leia cada uma das afirmações e decida até que ponto ela os descreve.

Escolha, de entre as seis respostas possíveis, aquela que melhor descreve a sua mãe e o seu pai, quando você era criança, colocando o respectivo número no espaço em branco.

Caso um dos seus pais tenha sido substituído por outra pessoa, responda tendo em conta essa pessoa. Se não teve pai ou mãe, deixe a coluna correspondente em branco.

1. Gostava de mim e tratava-me como uma pessoa especial.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

2. Prestava-me atenção, passando bastante tempo comigo.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

3. Dava-me conselhos e orientações úteis.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

4. Ouvia-me, compreendia-me e partilhava sentimentos comigo.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					

Pai	<input type="radio"/>					
5. Era calorosa(o) e fisicamente afectuosa(o).						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
6. Morreu ou abandonou a casa permanentemente quando eu era criança.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
7. Morreu ou abandonou a casa permanentemente quando eu era criança.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
8. Preferia os meus irmãos a mim.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
9. Isolava-se ou deixava-me sozinho por longos períodos de tempo.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
10. Mentia-me, enganava-me ou traía-me.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
11. Abusava física, emocional ou sexualmente de mim.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

12. Usava-me para satisfazer as suas necessidades emocionais.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

13. Parecia ter prazer em magoar os outros.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

14. Preocupava-se excessivamente com o facto de eu me poder magoar.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

15. Preocupava-se excessivamente com o facto de eu poder ficar doente

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

16. Era uma pessoa medrosa ou fóbica.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

17. Sobreprotegia-me.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

18. Fazia-me sentir que eu não podia confiar nas minhas decisões nem opiniões.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

19. Fazia as coisas por mim em vez de me deixar tentar fazê-las sozinho.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

20. Tratava-me como se eu fosse mais novo do que realmente era.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

21. Criticava-me bastante.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

22. Não me fazia sentir amado ou fazia-me sentir rejeitado.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

23. Tratava-me como se houvesse algo de errado comigo.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

24. Fazia-me ter vergonha de mim próprio em aspectos importantes.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

25. Nunca me ensinou a ter a disciplina suficiente para ser bem-sucedido na escola.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

26. Tratava-me como se eu fosse estúpido ou não tivesse jeito para nada.

	1	2	3	4	5	6
	<input type="radio"/>					

Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
27. No fundo, não queria que eu fosse bem-sucedido.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
28. Esperava que eu fosse um fracasso na vida.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
29. Tratava-me como se as minhas opiniões ou desejos não contassem.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
30. Fazia o que queria, independentemente das minhas necessidades.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
31. Controlava tanto a minha vida que eu tinha pouca liberdade de escolha.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
32. Tudo tinha que ser como ela(e) queria.						
	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					
33. Sacrificava as suas necessidades para o bem da família.						

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

34. Era incapaz de lidar com a maior parte das responsabilidades diárias, de maneira que eu tinha que fazer mais que a minha parte.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

35. Era bastante infeliz e apoiava-se em mim para a(o) confortar e compreender.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

36. Fazia-me sentir que eu era forte e que devia cuidar dos outros.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

37. Tinha expectativas muito elevadas em relação a si própria(o).

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

38. Esperava que eu fizesse sempre o meu melhor.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

39. Era perfeccionista em muitas áreas; as coisas tinham que ser daquela maneira e não doutra.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

40. Fazia-me sentir que quase nada do que eu fazia era suficientemente bom.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

41. Tinha regras rígidas e estritas acerca do que era correto e do que era errado.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

42. Ficava impaciente se as coisas não fossem feitas da forma adequada ou suficientemente rápida.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

43. Dava mais importância ao fazer as coisas bem do que ao divertir-se ou relaxar.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

44. Estragou-me com mimos ou era demasiado indulgente em muitos aspectos.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

45. Fazia-me sentir que eu era especial, melhor que a maioria das outras pessoas.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

46. Era exigente; esperava que as coisas corressem à sua maneira.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

47. Não me ensinou que eu tinha responsabilidades para com os outros.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

48. Forneceu-me muito pouca disciplina ou limites.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

49. Estabeleceu-me poucas regras ou responsabilidades.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

50. Permitia-me ficar muito zangado ou perder o controlo.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

51. Era uma pessoa indisciplinada.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

52. Éramos tão chegados que nos compreendíamos um ao outro de uma maneira quase perfeita.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

53. Eu sentia que não tinha uma individualidade suficiente, não me sentindo eu próprio separado dela(e).

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

54. Ao longo do meu crescimento, tinha a sensação que não tinha o meu próprio sentido de orientação de tal forma estava ligado a ela(e).

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

55. Eu sentia que nos magoaríamos um ao outro se algum de nós nos afastasse do outro.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

56. Preocupava-me muito com os problemas financeiros da família.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

57. Fazia-me sentir que se eu cometesse um erro, mesmo que pequeno, algo de mal poderia acontecer.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

58. Tinha uma perspectiva pessimista; esperava frequentemente o pior resultado.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

59. Focava-se nos aspetos negativos da vida ou nas coisas que estavam a correr mal.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

60. Tinha que ter tudo sob controlo.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

61. Sentia-se desconfortável ao exprimir afecto ou vulnerabilidade.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

62. Era estruturada(o) e organizada(o); preferia o que era habitual à mudança.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

63. Raramente expressava raiva.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

64. Era reservada(o); raramente discutia os seus sentimentos.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

65. Zangar-se-ia ou seria bastante crítica(o) se eu fizesse algo errado.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

66. Punir-me-ia se eu fizesse algo errado.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

67. Chamar-me-ia nomes (como por exemplo "estúpido" ou "idiota") se eu cometesse algum erro.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

68. Culpava as pessoas quando as coisas corriam mal.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

69. Preocupava-se com as aparências e o estatuto social.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

70. Dava muita importância ao sucesso e à competição.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

71. Preocupava-se com o que os outros pensariam dela(e) por causa do meu comportamento.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

72. Parecia dar-me mais atenção quando eu sobressaía.

	1	2	3	4	5	6
Mãe	<input type="radio"/>					
Pai	<input type="radio"/>					

Muito obrigada por ter respondido a estes questionários.

A sua colaboração e a sua opinião foram fundamentais para a realização desta investigação.

Anexo 17. Descrição das subescalas do ITRA

Tabela 12

Tipos de relacionamento amoroso de reparação narcísica que lhe correspondem e total de itens por tipo de relacionamento no ITRA.

Tipo de Relacionam. de Reparação Narcísica	Itens correspondentes	Total itens por tipo de relacionamento
Submisso-Idealizador	2, 10, 13,14, 15, 16, 21, 27, 29, 30, 34, 40, 41, 43, 45, 46, 50, 51 e 52	19
Eufórico-Idealizante	1, 3, 6, 7, 9, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 31, 32, 33, 35, 37, 42, 44 e 47	19
Evitante-Desnarcisante	4, 5, 8, 11, 12, 17, 22, 25, 28, 36, 38, 39, 48, 49 e 53	15

Nota. Fonte: Adaptado de Mesquita (2012).

Anexo 18. Descrição das subescalas do QE

Tabela 13

Domínios dos EIDs, EIDs, siglas e itens correspondentes a cada EID e total de itens de cada esquema no QE.

Domínio	EID	Sigla	Itens correspond.	Total itens por EID	
Autonomia Diminuída	A. I.	Dependência / Incompetência	di	1 a 6	6
	A. II.	Subjugação / Falta de individuação	sb	7 a 20	14
	A. III.	Vulnerabilidade ao mal e à doença	vu	21 a 31	11
	A. IV.	Medo de perder o controlo	o	32 a 39	8
Associação	L. V.	Privação emocional	pe	40 a 48	9
	L. VI.	Abandono / Perda	ab	49 a 54	6
	L. VII.	Desconfiança / Abuso	da	55 a 64	10
	L. VIII.	Isolamento social / Alienação	ia	65 a 69	5
Valor	V. IX.	Defeito / Imperfeição / Desencanto	dv	70 a 74	5
	V. X.	Indesejabilidade social	is	75 a 82	8
	V. XI.	Fracasso	fr	83 a 91	9
	V. XII.	Culpa / Sanção	pu	92 a 99	8
	V. XIII.	Vergonha / Embaraço	dv	100 a 104	5
Limites e Modelos	V. XIV.	Padrões elevados de realização ou rígidos	pr	105 a 115	11
	V. XV.	Limites insuficientes	ai	116 a 123	8

Nota. Fonte: Adaptado de Alarcão (2014); Pinto-Gouveia, & Robalo (1997, 1998, 2001); Young, & Lindemann (1992).

Anexo 19. Descrição das subescalas do QEP

Tabela 14

Domínios dos EIDs, EIDs, siglas e itens correspondentes a cada EID (para a Mãe e Pai) e total de itens de cada esquema no QEP.

Domínio	EID	Sigla	Itens correspond.	Itens no QEP		Total itens por EID
				Mãe	Pai	
I. Desconexão e rejeição	Privação emocional	pe	1 - 5	5	5	10
	Abandono / Instabilidade	ab	6 - 9	4	4	8
	Desconfiança / Abuso	da	10 - 13	4	4	8
	Defeito / Vergonha	dv	21 - 24	4	4	8
II. Autonomia e desempenho prejudicado	Vulnerabilidade ao dano e à doença	vu	14 - 17	4	4	8
	Dependência / Incompetência	di	18 - 20	3	3	8
	Fracasso	fr	25 - 28	4	4	8
	Subjugação	sb	29 - 32	4	4	8
	Emaranhamento	o	52 - 55	4	4	8
III. Limites prejudicados	Grandiosidade / Merecimento	gr	44 - 47	4	4	8
	Autocont. e autodisciplina insuficientes	ai	48 - 51	4	4	8
IV. Orientação para o outro	Autossacrifício	as	33 - 36	4	4	8
	Procura aprovação / Reconhecimento	par	69 - 72	4	4	8
V. Hipervig. e inibição	Padrões rígidos ou inflexíveis	pr	37 - 43	7	7	14
	Negatividade / Vulnerabilidade ao erro	n/ve	56 - 59	4	4	8
	Inibição emocional	ie	60 - 64	5	5	10
	Punitividade / Autopunição	pu	65 - 68	4	4	8

Nota. Fonte: Adaptado de Salvador, Rijo, & Pinto-Gouveia (1997, 2003, 2005).

Anexo 20. Carta de consentimento (versão em papel)



Carta de Consentimento Informado

Exm.º(a) Senhor(a)

Eu, Carla Maria Cinza de Almeida, estudante de psicologia do 2º ano do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade de Évora, encontro-me atualmente a realizar a dissertação de mestrado como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde.

Este estudo pretende recolher informação sobre a representação da relação parental na infância e de que forma essa representação mental predetermina ou predispõe os relacionamentos amorosos da vida adulta no âmbito das reparações narcísicas.

São condições necessárias à sua participação nesta investigação: (1) ter idade compreendida entre os 23 e os 63 anos e (2) ter mantido ou manter uma reação amorosa.

Importa, ainda referir que, apesar deste consentimento, a sua participação é voluntária e poderá desistir da investigação em qualquer momento.

No início de cada um dos questionários existirão instruções sobre a forma como devem ser preenchidos. Nas restantes folhas, será apresentada como cabeçalho, a escala de resposta de forma a acompanhar e facilitar o preenchimento dos questionários.

A sua participação neste estudo ocupará apenas 30 minutos do seu tempo.

E-Mails de contacto da investigadora: calmeida_31@hotmail.com ou calmeida@uevora.pt

Todos os dados recolhidos destinam-se apenas à investigação e serão tratados de forma confidencial e anónima.

Caso tenha dúvidas sobre este estudo poderá entrar em contacto com a mestrandia para o(s) *e-mail(s)* supra indicados.

A sua colaboração e a sua opinião são fundamentais pois, só com o seu contributo será possível prosseguir com esta investigação.

Agradeço desde já a sua participação!

Compreendi os esclarecimentos e concordo em participar no estudo

Évora, _____ de _____ de 20____

Anexo 21. Carta de consentimento informado (versão *online*)

Carta de Consentimento Informado

Eu, Carla Maria Cinza de Almeida, estudante de psicologia do 2º ano do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade de Évora, encontro-me atualmente a realizar a Dissertação de Mestrado como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre naquela área.

Este estudo pretende recolher informação sobre a representação da relação parental na infância e de que forma essa representação predetermina ou predispõe os relacionamentos amorosos da vida adulta no âmbito das reparações narcísicas.

São condições necessárias à sua participação nesta investigação: (1) ter idade compreendida entre os 23 e os 63 anos. (2) ter mantido ou manter uma relação amorosa e (3) ter nacionalidade portuguesa.

Importa, ainda referir que, apesar deste consentimento, a sua participação é totalmente voluntária, reservando-se no direito de se retirar a qualquer momento ou recusar-se a participar inteiramente. Se desejar retirar-se, por favor, feche o seu navegador de internet e notifique a mestranda para um dos e-mails: calmeida_31@hotmail.com ou calmeida@uevora.pt

No início de cada um dos três questionários existirão instruções sobre a forma como devem ser preenchidos. Nos questionários de esquemas e de estilos parentais a escala de resposta será apresentada no decorrer dos mesmos para facilitar o seu preenchimento.

A sua participação neste estudo terá uma duração de cerca de 30 minutos.

O conjunto de 3 questionários foi criado *online* através do software *Eval & Go – Online Survey Software* (versão gratuita portuguesa). Todos os dados recepcionados, serão armazenados no banco de dados do *Eval & Go* de forma segura, com acesso privado da mestranda, através da sua conta de e-mail pessoal e dos questionários por ela criados.

Todos os dados recolhidos, destinam-se apenas ao estudo e serão tratados de forma confidencial e anónima.

Caso tenha dúvidas sobre este estudo poderá entrar em contacto com a mestranda para o(s) e-mail(s) supra indicados.

A sua colaboração e a sua opinião são fundamentais pois, só com o seu contributo será possível prosseguir com esta investigação.

Agradeço desde já a sua participação!

Évora, 25 de Novembro de 2013
A Mestranda: Carla M. C. Almeida
Orientadora da Dissertação: Professora Doutora Isabel M. M. Mesquita

Anexo 22. Resumo das correlações entre o ITRA e o QE.

Quadro 10

Associações/Correlações entre Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica no Sujeito e EIDs.

Correlação *	Sujeito c/ Relacionamento de Reparação Narcísica			Nº de Rel. de Rep. Narc. Ativos no Suj. c/ EID
	Submisso- Idealizador c/ EID	Eufórico- Idealizante c/ EID	Evitante- Desnarcisante c/ EID	
Fraca	<ul style="list-style-type: none"> - Medo de Perder o Controlo - Privação Emocional - Culpa 	<ul style="list-style-type: none"> - Indesejabilidade Social 	<ul style="list-style-type: none"> - Privação Emocional - Isolamento Social - Limites Insuficientes 	<ul style="list-style-type: none"> - Dependência - Medo de Perder o Controlo - Isolamento Social - Defeito - Culpa - Padrões Rígidos - Limites Insuficientes
Moderada	<ul style="list-style-type: none"> - Dependência - Subjugação - Vulnerabilidade ao Mal e à Doença - Abandono 	<ul style="list-style-type: none"> - Defeito - Vergonha - Limites Insuficientes 	<ul style="list-style-type: none"> - Vulnerabilidade ao Mal e à Doença - Indesejabilidade Social 	<ul style="list-style-type: none"> - Subjugação - Vulnerabilidade ao Mal e à Doença - Privação Emocional - Abandono - Desconfiança - Indesejabilidade Social
Forte		<ul style="list-style-type: none"> - Desconfiança 		

* O tipo de relação muito fraca não foi considerado pois segundo a Tabela 6, geralmente não é aceite.

Quadro 10a

Associações/Correlações entre Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica e o Número de EIDs e de Relacionamentos de Reparação Narcísica Ativos no Sujeito.

Correlação*	Sujeito c/ Relacionamento de Reparação Narcísica			Nº de Rel. de Rep. Narc. Ativos no Suj.
	Submisso- Idealizador	Eufórico- Idealizante	Evitante- Desnarcisante	
Moderada			<ul style="list-style-type: none"> - Nº de EIDs Ativos no Suj. 	
Forte	<ul style="list-style-type: none"> - Nº de EIDs Ativos no Suj. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nº de EIDs Ativos no Suj. 		<ul style="list-style-type: none"> - Nº de EIDs Ativos no Suj.

* O tipo de relação muito fraca não foi considerado pois segundo a Tabela 6, geralmente não é aceite.

Anexo 23. Resumo das correlações entre o ITRA e o QEP.

Quadro 11

Associações/Correlações entre Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica no Sujeito e EPs.

Correlação*	Sujeito c/ Relacionamento de Reparação Narcísica			Nº Rel. de Rep. Narc. Ativos no Suj. c/ EP
	Submisso- Idealizador c/ EP	Eufórico- Idealizante c/ EP	Evitante- Desnarcisante c/ EP	
Fraca	<ul style="list-style-type: none"> - Privação Emocional - Vulnerabilidade ao Dano e à Doença - Emaranhamento - Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes - Autossacrifício - Padrões Rígidos - Inibição Emocional 	<ul style="list-style-type: none"> - Privação emocional 	<ul style="list-style-type: none"> - Privação Emocional - Abandono - Padrões Rígidos - Negatividade - Punitividade 	<ul style="list-style-type: none"> - Privação Emocional - Abandono - Desconfiança - Defeito - Vulnerabilidade ao Dano e à Doença - Dependência - Emaranhamento - Autossacrifício - Padrões Rígidos - Inibição Emocional - Punitividade
Moderada			<ul style="list-style-type: none"> - Desconfiança - Fracasso - Subjugação 	
Forte			<ul style="list-style-type: none"> - Defeito 	

* O tipo de relação muito fraca não foi considerado pois segundo a Tabela 6, geralmente não é aceite.

Quadro 11a

Associações/Correlações entre Tipos de Relacionamento de Reparação Narcísica e o Número de EPs e de Relacionamentos de Reparação Narcísica Ativos no Sujeito

Correlação*	Sujeito c/ Relacionamento de Reparação Narcísica			Nº de Rel. de Rep. Narc. Ativos no Suj.
	Submisso- Idealizador	Eufórico- Idealizante	Evitante- Desnarcisante	
Moderada	<ul style="list-style-type: none"> - Nº de EPs Ativos no Suj. 			<ul style="list-style-type: none"> - Nº de EPs Ativos no Suj.
Forte			<ul style="list-style-type: none"> - Nº de EPs Ativos no Suj. 	

* O tipo de relação muito fraca não foi considerado pois segundo a Tabela 6, geralmente não é aceite.

Anexo 24. Domínios destacados por EIDs, EPs e Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica

Tabela 15

Domínios destacados por EIDs, EPs e Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica.

Correlação	Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica					
	Domínio	Submisso-Idealizador	Domínio	Eufórico-Idealizante	Domínio	Evitante-Desnarcisante
Fraca	5	Suj. c/ EID Medo de Perder o Controlo (=Inibição Emocional no EP)			1	Suj. c/ EID Privação Emocional + Suj. c/ EP Privação Emocional
	1	Suj. c/ EID Privação Emocional + Suj. c/ EP Privação Emocional				
	5	Suj. c/ EID Culpa ou Negatividade (atual)	1	Suj. c/ EID Indesejabilidade Social ou Isolamento Social (atual)	1	Suj. c/ EID Isolamento Social
	2	Suj. c/ EP Vulnerabilidade ao Dano e à Doença				
	2	Suj. c/ EP Emaranhamento			3	Suj. c/ EID Limites Insuficientes ou Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes (atual)
	3	Suj. c/ EP Autoc. e Autod. Insufic. (= Limites Insuf. no EID)			1	Suj. c/ EP Abandono
	4	Suj. c/ EP Autossacrifício			5	Suj. c/ EP Padrões Rígidos
	5	Suj. c/ EP Padrões Rígidos	1	Suj. c/ EP Privação emocional	5	Suj. c/ EP Negatividade
	5	Suj. c/ EP Inibição Emocional (= Medo de Perder o Controlo no EID)			5	Suj. c/ EP Punitividade
Moderada	2	Suj. c/ EID Dependência	1	Suj. c/ EID Defeito	2	Suj. c/ EID Vulnerabilidade ao Mal e à Doença
	4	Suj. c/ EID Subjugação	1	Suj. c/ EID Vergonha	1	Suj. c/ EID Indesejabilidade Social ou Isolamento Social (atual)
	2	Suj. c/ EID Vulnerabilidade ao Mal e à Doença			1	Suj. c/ EP Desconfiança
	1	Suj. c/ EID Abandono	3	Suj. c/ EID Limites Insuficientes ou Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes (atual)	2	Suj. c/ EP Fracasso
Forte			1	Suj. c/ EID Desconfiança	4	Suj. c/ EP Subjugação
					1	Suj. c/ EP Defeito

Tabela 15a

Resumo dos Domínios destacados por EIDs, EPs e Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica.

Correlação	Tipos de Relacionamento Amoroso de Reparação Narcísica											
	Submisso-Idealizador				Eufórico-Idealizante				Evitante-Desnarcisante			
	EID	Domínio do EID	EP	Domínio do EP	EID	Domínio do EID	EP	Domínio do EP	EID	Domínio do EID	EP	Domínio do EP
Fraca	Privação Emocional	1	Privação Emocional	1	Indesejabilidade Social ou Isolamento Social (atual)	1	Privação emocional	1	Privação Emocional	1	Privação Emocional	1
	Medo de Perder o Controlo (=Inibição Emocional no EP)	5	Vulnerabilidade ao Dano e à Doença	2					Isolamento Social	1	Abandono	1
	Culpa ou Negatividade (atual)	5	Emaranhamento	2					Limites Insuficientes ou Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes (atual)	3	Padrões Rígidos	5
									Autoc. e Autod. Insufic. (= Limites Insuf. no EID)	3	Negatividade	5
									Autossacrifício	4	Punitividade	5
									Padrões Rígidos	5		
Inibição Emocional (= Medo de Perder o Controlo no EID)	5											
Moderada	Abandono	1			Defeito	1			Indesejabilidade Social ou Isolamento Social (atual)	1	Desconfiança	1
	Dependência	2			Vergonha	1			Vulnerabilidade ao Mal e à Doença	2	Fracasso	2
	Vulnerabilidade ao Mal e à Doença	2			Limites Insuficientes ou Autocontrolo e Autodisciplina Insuficientes (atual)	3					Subjugação	4
	Subjugação	4										
Forte					Desconfiança	1					Defeito	1